U LISBOA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA
LISBON SCHOOL OF ARCHITECTURE
UNIVERSIDADE DE LISBOA

PORTUS ALACER ENTRE TORRES

Um Centro Interpretativo para o Castelo de Portalegre

Tiago Filipe Veiga Carrilho

(Licenciado)

Projeto Final de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura na Área de Especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Orientação Científica:

Professora Doutora Bárbara Lhansol Da Costa Massapina Vaz

Professor Doutor João Carlos de Oliveira Mascarenhas Mateus

Júri:

Presidente: Professor Doutor José Manuel Aguiar Portela Da Costa

Vogal: Professor Doutor Carlos Luís Faria Lemonde de Macedo

Vogal: Professora Doutora Bárbara Lhansol Da Costa Massapina Vaz

Documento Definitivo

Lisboa, FA. ULisboa, julho 2024

RESUMO

A proposta de intervenção consiste na criação de um centro interpretativo para o Castelo de Portalegre, devolvendo a estrutura medieval à cidade, que se tem visto privada da mesma há vários anos. A Câmara Municipal tem desempenhado um papel fundamental na salvaguarda e preservação do património, bem como na revitalização do centro histórico, alinhando-se esta intervenção arquitetónica com essas diretrizes.

Esta iniciativa visa promover o aproveitamento e valorização cultural da cidade, com o intuito de atrair turistas e novos moradores, combatendo a migração de jovens para o litoral, o envelhecimento populacional e o desinvestimento no interior, problemas que assolam a região.

Na realização desta proposta, utilizou-se a análise histórica do castelo e da cidade como ferramenta para uma intervenção fundamentada e informada. Esta desenvolveu-se desde uma escala urbana até uma escala de pormenor, tendo como principais objetivos: a unificação do conjunto; a implementação de infraestruturas que permitam a visita à totalidade do castelo, garantindo acessibilidade e segurança aos visitantes, com especial atenção à mobilidade reduzida; a adoção de estratégias para que este não se torne um edifício de visita única; e a libertação do pátio de armas de construções, criando um espaço exterior polivalente e recreativo.

A intervenção arquitetónica no castelo visa a criação de um equipamento que atenda aos objetivos da Câmara Municipal e às necessidades da população, proporcionando as condições ideais para a interpretação e preservação do castelo e da cerca medieval, destacando sua importância histórica como edifício fundador da cidade.

Palavras-Chave

Centro Interpretativo, Castelo, Património, Reabilitação Arquitetónica, Portalegre

ABSTRACT

The proposed intervention involves the creation of an interpretative centre for Portalegre Castle, restoring the medieval structure to the city, which has been deprived of it for several years. The Municipal Council has played a crucial role in safeguarding and preserving heritage, as well as revitalising the historic centre, aligning this architectural intervention with these guidelines

This initiative aims to promote the cultural utilisation and enhancement of the city, aiming to attract tourists and new residents, while addressing issues such as youth migration to coastal areas, population ageing, and disinvestment in the interior, which plague the region.

In carrying out this proposal, historical analysis of the castle and the city was utilised as a tool for informed and well-founded intervention. This process unfolded from an urban scale down to a detailed scale, with key objectives including: the unification of the ensemble; the implementation of infrastructures allowing full castle access, ensuring accessibility and visitor safety, with particular attention to reduced mobility; the adoption of strategies to prevent it from becoming a single-use building; and the clearing of the parade ground from constructions, creating a versatile and recreational outdoor space.

The architectural intervention at the castle aims to create a facility that meets the Municipal Council's objectives and the community's needs, providing ideal conditions for interpreting and preserving the castle and its medieval walls, highlighting its historical significance as the city's founding structure.

Keywords

Interpretive Center, Castle, Heritage, Architectural Rehabilitation, Portalegre

AGRADECIMENTOS

As primeiras palavras de agradecimento são dirigidas aos meus pais e ao meu irmão, que, com muito esforço, me proporcionaram a realização deste curso e sempre garantiram que tivesse as melhores condições possíveis.

Ainda no círculo familiar, agradeço aos meus tios, Luís e Maria João, e ao meu primo João, que foram o meu maior suporte nesta troca de cidades.

Um grande obrigado a todos os amigos e colegas que esta faculdade me deu a honra de conhecer e que tanto me apoiaram neste percurso.

Aos meus amigos de longa data, um enorme agradecimento por todos os momentos de alegria e pelo suporte emocional constante.

Agradeço a todos os professores que me acompanharam nesta jornada académica, com especial reconhecimento para os meus dois orientadores, a Professora Doutora Bárbara Massapina Vaz e o Professor Doutor João Mascarenhas Mateus, que sem a sua ajuda a realização deste PFM não seria possível.

Um agradecimento especial à Câmara Municipal de Portalegre, que desde o início se disponibilizou para me receber e apoiar na realização deste trabalho académico, fornecendo todo o material e suporte necessário para sua concretização. Agradeço também aos seus colaboradores: Inês Andrade, o Vereador Nuno Lacão e, especialmente, ao Arquiteto Hugo Espanhol e à Dr.ª Laura Romão.

Um grande obrigado aos três museus de Portalegre – o Museu Municipal de Portalegre, a Casa-Museu José Régio e o Museu da Tapeçaria de Portalegre- Guy Fino – e a todos os seus colaboradores.

Agradecer também aos Arquitetos Manuel da Fonseca, João Silva Pinto, Filipe Matias e ao Engenheiro Everardo Ruiz pela partilha de conhecimento.

Por fim, agradeço aos apaixonados pela cidade com quem tive a honra de dialogar e aprender: Alberto Eustáquio, o Professor Doutor António Ventura, o Professor Doutor Bentos Bravo e o Professor Doutor Domingos Bucho.

ÍNDICE GERAL

I | INTRODUÇÃO 1

1.1 | ENQUADRAMENTO E MOTIVAÇÕES 2

1.2 | OBJETIVOS 3

1.3 | METODOLOGIA 4

1.4 | ESTRUTURA 6

II | O LUGAR 9

2.1 | O LUGAR 10

2.2 | ANCESTRALIDADE DE PORTALEGRE 12

2.3 | AS ORIGENS DE PORTALEGRE 14

2.5| PATRIMÓNIO CULTURAL 26

2.6| ANÁLISE ATUAL 28

III | O EDIFÍCIO 33

3.1 | EVOLUÇÃO TEMPORAL 34

3.2 | DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA 42

3.2.1 | O Castelo 42

3.2.2 | A Intervenção de Cândido Chuva Gomes 56

IV | ENQUADRAMENTO TEÓRICO 73

4.1 | QUESTÕES DA CONSERVAÇÃO E DA REABILITAÇÃO 74

4.2 | UMA TEORIA DE VALOR PARA O CASTELO 78

V | CASOS DE REFERÊNCIA 83

5.1 | CASOS DE REFERÊNCIA 84

5.1.1 | Centro de Visitantes do Castelo de Pombal 87

5.1.2 | *À Conquista do Castelo* | Castelo dos Mouros, Sintra 89

5.1.3 | Valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra 91

VI | PROPOSTA DE INTERVENÇÃO 93

6.1 | PROPOSTA URBANA 94

6.2 | PROGRAMA 98

6.3 | ORGANIZAÇÃO E DESTRIBUIÇÃO ESPACIAL 100

6.4 | INTENÇÕES PROJETUAIS 107

6.4.2 | Volumetrias e Fachadas 108

6.4.3 | Intenções de Materialidades 114

6.4.4 | Espaços Interiores de Relevo 116

6.4.5 | Intervenção no Castelo 120
VII | CONSIDERAÇÕES FINAIS 123
CONCLUSÃO 124
BIBLIOGRAFIA 125
WEBGRAFIA 127

ÍNDICE DE FIGURAS

Todas as figuras sem indicação do autor, local de acesso ou entidade que as forneceu são da autoria do autor deste documento.

Fig. 1 – Tavares, J. *Castelo e cerca amuralhada de D. Deniz*.

Figura presente em: Silva, A. N. (1950). Portalegre na História Militar de Portugal. Casa Minerva: Coimbra, pp. 15.

Fig. 2 – Reconstituição do remanescente da estrutura medieval.

Figura fornecida por: Laura Romão

Fig. 3 – Pedra mármore com inscrições epigráficas dedicada ao imperador César Lúcio Vero.

Fig. 4 – Maquete da antiga cidade romana Ammaia.

Fig. 5 – *Carta dos Castelos de Portvgal*.

Figura presente em: https://largodoscorreios.wordpress.com/2018/10/29/o-castelo-de-portalegre-dez/ (Data de acesso: 31/05/2024)

Fig. 6 – Possi. (1666). *Relazione della Piazza*.

Figura fornecida por: Laura Romão

Fig. 7 – Fer, N. (1704). *Portalegre Sitiaday Rendida Por El Rey.*

Figura fornecida por: Laura Romão

Fig. 8- Pallotta, F. (1705). *Corographia de la Beira y del Alentejo.*

Figura fornecida por: Laura Romão

Fig. 9 – Koening, J. (século XVII). *Vista extramuralhas de Portalegre.*

Figura fornecida por: Laura Romão

Fig. 10 – Convento de Santa Clara, fundado em 1376.

Fig. 11 – Convento de São Bernardo, fundado em 1518.

Fig. 12 – Sé Catedral de Portalegre, fundado em 1556.

Fig. 13 – Claustros da Sé Catedral de Portalegre, adicionados em 1739.

Fig. 14 – Palácio Amarelo, fundado no Século XVII.

Fig. 15 – Palácio Barahona, fundado no Século XIX.

Fig. 16 – *Azulejaria Barroca*. Convento de São Bernardo, adicionado no Século XVII.

Fig. 17 – *Stucco*. Palácio Barahona, fundado no Século XIX.

Fig. 18 – Fábrica da Robbinson, fundada em 1837.

Fig. 19 – Caixa Geral de Depósitos de Portalegre, fundada em 1940.

Fig. 20 – Carrilho da Graça. Segurança Social de Portalegre, fundada em 1988.

Fig. 21 – Carrilho da Graça. Igreja de Santo António, fundada em 2008.

Fig. 22 – Rebuçados de ovo.

Fig. 23 – Le Corbusier. (1964) *Les Deux Musiciens*, Tapeçaria de Portalegre.

Fig. 24 – Mapa de cheios e vazios.

Fig. 25 – Mapa de número de pisos.

Fig. 26 – Mapa de comércio e serviços.

Fig. 27 – Anamnese do Castelo de Portalegre.

Fig. 28 – Melo, A. B. (1929) *Planta da Cidade de Portalegre*.

Figura fornecida por: Alberto Eustáquio

Fig. 29 – Torre Norte antes das intervenções da DGEMN, em 1948.

Figura fornecida por: Laura Romão

Fig. 30 – Torre Oeste antes das intervenções da DGEMN, em 1948.

Figura fornecida por: Laura Romão

Fig. 31 – Torre de Menagem durante as intervenções da DGEMN, em 1973.

Figura fornecida por: Laura Romão

Fig. 32 – (1973) Torre de Norte durante as intervenções da DGEMN.

Figura fornecida por: Laura Romão

Fig. 33 – Reconstituição parcial dos panos de muralhas intersetados pela Rua Luiz Barahona, em 1973.

Figura fornecida por: Laura Romão

Fig. 34 – Intervenções da DGEMN no local, ao fundo pode-se observar as chaminés da Robinson ainda em funcionamento, em 1973.

Figura fornecida por: Laura Romão

Fig. 35 – Últimas intervenções no local, em 1974.

Figura fornecida por: Laura Romão

Fig. 36 – Intervenções de restauro concluídas, ao fundo pode-se observar a Igreja da Sé, em 1974.

Figura fornecida por: Laura Romão

Fig. 37 – Planta de Coberturas. Castelo de Portalegre.

Figura presente em: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (Data de acesso: 10/12/2022) *Adaptada pelo autor

Fig. 38 – Modelo 3D. Castelo de Portalegre.

Fig. 39 – Planta de cobertura. Torre Oeste.

Figura presente em: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (Data de acesso: 10/12/2022) *Adaptada pelo autor

Fig. 40 – Modelo 3D. Torre Oeste.

Fig. 41 – Torre Oeste. vista da Torre Norte.

Fig. 42 – Vão de entrada. Torre Oeste.

Fig. 43 – Eirado. Torre Oeste.

Fig. 44 – Planta do Piso 0. Torre Norte.

Figura presente em: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (Data de acesso: 10/12/2022) *Adaptada pelo autor

Fig. 45 – Modelo 3D. Torre Norte.

Fig. 46 – Torre Norte. vista da Torre Oeste.

Fig. 47 – Vão de entrada, vista exterior. Torre Norte.

Fig. 48 – Vão de entrada, vista interior. Torre Norte.

Fig. 49 – Nervuras em Granito, sala interior. Torre Norte.

Fig. 50 – Escadas de acesso ao eirado. Torre Norte.

Fig. 51 – Plantas dos Pisos 0 e 1. Torre de Menagem.

Figura presente em: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (Data de acesso: 10/12/2022) *Adaptada pelo autor

Fig. 52 – Modelo 3D. Torre de Menagem.

Fig. 53 – Piso 0. Torre de Menagem

Fig. 54 – Escadas de acesso ao Piso 1. Torre de Menagem.

Fig. 55 – Parede Este, Piso 1. Torre de Menagem.

Fig. 56 – Parede Sul, Piso 1. Torre de Menagem.

Fig. 57 – Parede Oeste, Piso 1. Torre de Menagem.

Fig. 58 – Nicho, Piso 1. Torre de Menagem.

Fig. 59 – Conversadeira, Piso 1. Torre de Menagem.

Fig. 60 – Abóbada, Piso 1. Torre de Menagem.

Fig. 61 – Fecho da abóbada, Piso 1, Torre de Menagem.

Fig. 62 – Impostas da abóbada, Piso 1. Torre de Menagem.

Fig. 63 – Plantas dos Pisos 0, 1 e 2. Adição Contemporânea.

Figura presente em: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (Data de acesso: 10/12/2022) *Adaptada pelo autor

Fig. 64 – Fachada Falsa, Lado Sul. Adição Contemporânea.

Figura fornecida por: Inês Andrade

Fig. 65 – Fachada Falsa, Lado Norte. Adição Contemporânea.

Figura fornecida por: Inês Andrade

Fig. 66 – Entrada. Adição Contemporâneo.

Fig. 67 – Entrada. Torre de Menagem.

Fig. 68 – Receção. Adição Contemporânea.

Figura fornecida por: Inês Andrade

Fig. 69 – Escadas de acesso ao Piso 1. Adição Contemporânea.

Figura fornecida por: Inês Andrade

Fig. 70 – Sala Polivalente, Piso 1. Adição Contemporânea.

Figura fornecida por: Inês Andrade

Fig. 71 – Corredor Sul, Piso 2. Adição Contemporânea.

Figura fornecida por: Inês Andrade

Fig. 72 – Escada de acesso à TM, Piso 2. Adição Contemporânea.

Figura fornecida por: Inês Andrade

Fig. 73 – Galerias exteriores. Adição Contemporânea.

Fig. 74 – Iluminação exterior. Adição Contemporânea.

Fig. 75 – Gaiola Expositiva. Adição Contemporânea.

Fig. 76 – Deformação da Lage. Piso 1.

Fig. 77 – Elementos estruturais. Piso 0.

Fig. 78 – Reforço estrutural. Piso 1.

Fig. 79 – Porta descaída. Piso 1.

Fig. 80– Galeria Exterior. Piso 1.

Fig. 81 – Degradação da fachada falsa. Piso 2.

Fig. 82 – Deformação estrutural. Piso 2.

Fig. 83 – Caixa de elevador. Piso 2.

Fig. 84 – Cobertura em cobre.

Fig. 85 – Unidade externa de ar condicionado.

Fig. 86 – Fachada Sul. Vista do adarve.

Fig. 87 – Fachada Sul. Vista do adarve.

Fig. 88 – Fachada Sul. Vista da Rua Luiz Barahona.

Fig. 89 – Sinalética de perigo de queda de objetos.

Fig. 90 – Cobertura de escadas. Torre Norte.

Fig. 91 – Cobertura de escadas. Torre Norte.

Fig. 92 – Teoria de Valor. Piso 0.

Figura presente em: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (Data de acesso: 10/12/2022) *Adaptada pelo autor

Fig. 93 – Teoria de Valor. Piso 1.

Figura presente em: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (Data de acesso: 10/12/2022) *Adaptada pelo autor

Fig. 94 – Teoria de Valor. Piso 2.

Figura presente em: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (Data de acesso: 10/12/2022) *Adaptada pelo autor

Fig. 95 – Teoria de Valor | Coberturas.

Figura presente em: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (Data de acesso: 10/12/2022) *Adaptada pelo autor

Fig. 96 – Torre de menagem. Castelo de Marvão.

Fig. 97 – Miradouro. Setas de Sevilha.

Fig. 98 – Expositores de Lina Bo Bardi. MASP.

Autora: Kelly Simões

Fig. 99 – Estrutura envidraçada saliente. Castello di Rivoli.

Figura presente em: https://www.archdaily.com/910070/turins-castello-di-rivoli-tells-a-story-of-the-regions-history-through-architecture-itself Autor: Laurian Ghinitoiu (Data de acesso: 12/06/2024)

Fig. 100 – Escada de acesso à torre de menagem. Castelo de Pombal.

Fig. 101 – Ponto de informação. Castelo de Pombal.

Fig. 102 – Mobiliário Urbano. Castelo dos Mouros.

Fig. 103 – Essencialização da forma. Castelo dos Mouros.

Fig. 104 – Adição Contemporânea. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

Fig. 105 – Passadiços de observação. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

Fig. 106 – Planta de coberturas. Proposto.

Fig. 107 – Modelo 3D. Proposto.

Fig. 108 – Vista, Pátio de Armas. Proposto.

Fig. 109 – Vista, Pátio de Armas. Proposto.

Fig. 110 – Vista, Pátio de Armas. Proposto.

Fig. 111 – Piso-1. Percursos. Proposto.

Fig. 112 – Piso 0. Percursos. Proposto.

Fig. 113 – Piso 1. Percursos. Proposto.

Fig. 114 – Piso 2. Percursos. Proposto.

Fig. 115 – Coberturas. Percursos. Proposto.

Fig. 116 – Volumetria Norte/Este. Proposto.

Fig. 117 – Volumetria Sul/Oeste. Proposto.

Fig. 118 – “Alçado” Este. Proposto.

Fig. 119 – “Alçado” Sul. Proposto.

Fig. 120 – “Alçado” Oeste. Proposto.

Fig. 121 – “Alçado” Norte. Proposto.

Fig. 122 – Análise da estereotomia original.

Fig. 123– Planta do Piso 0, Receção. Proposto.

Fig. 124 – Volumetrias do Piso 0, Receção. Proposto.

Fig. 125 – Volumetrias do Piso 0, Receção. Proposto.

Fig. 126 – Volumetrias do Piso 0, Receção. Proposto.

Fig. 127 – Planta do Piso 1, Cafeteria. Proposto.

Fig. 128 – Volumetrias do Piso 1, Cafeteria. Proposto.

Fig. 129 – Volumetrias do Piso 1, Cafeteria. Proposto.

Fig. 130 – Volumetrias do Piso 1, Cafeteria. Proposto.

Fig. 131 – Plantas do Piso 0, TM. Espaço Polivalente. Proposto.

Fig. 132 – Volumetrias do Piso 0, TM. Espaço Polivalente. Proposto.

Fig. 133 – Volumetrias do Piso 0, TM. Espaço Polivalente. Proposto.

Fig. 134 – Volumetrias do Piso 0, TM. Espaço Polivalente. Proposto.

LISTA DE ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS

CM – Câmara Municipal

CMP – Câmara Municipal de Portalegre

DGEMN – Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

ESECS – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

ICOMOS – Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios

IS – Instalações Sanitárias

LNEC – Laboratório Nacional de Engenharia Civil

MASP – Museu de Arte de São Paulo

ONG – Organização Não Governamental

PFM – Projeto Final de Mestrado

TM – Torre de Menagem

TN – Torre Norte

TO – Torre Oeste

I | INTRODUÇÃO

1.1 | ENQUADRAMENTO E MOTIVAÇÕES

Portalegre é a minha cidade berço, pela qual nutro uma profunda estima e carinho. Por isso, não poderia deixar passar a oportunidade de aprofundar os meus conhecimentos sobre a sua história e realizar algo útil para a comunidade local.

A escolha do tema surgiu a partir de uma reunião na Câmara Municipal de Portalegre (CMP) em outubro de 2022, com o Vereador Nuno Lacão e o Arquiteto Hugo Espanhol, na qual manifestei o meu interesse. Durante essa reunião, fui informado sobre a necessidade da autarquia em reabilitar o Castelo de Portalegre, que se encontrava encerrado devido à falta de condições de segurança.

Este projeto está alinhado com os objetivos da CMP de revitalizar o centro histórico, tendo sido realizadas várias intervenções com esse intuito, como o Programa Polis, que interveio pontualmente por toda a cidade no início dos anos 2000, a reabilitação da Sé Catedral de Portalegre (2020-2023), etc.

Entre 2003 e 2006, no âmbito do Programa Polis[1], o castelo passou por intervenções que consistiram na construção de um novo volume em madeira com o objetivo de abrigar um museu e de dotá-lo das infraestruturas necessárias aos dias de hoje. Esta intervenção é da autoria do Arquiteto Cândido Chuva Gomes, que através dessa adição tentou simbolicamente restabelecer a imagem do castelo, voltando a ligar o pátio de armas à torre de menagem.[2]

Apesar de recente, este novo elemento encontra-se num estado avançado de degradação e representa um perigo para a via pública, tendo levado ao encerramento da Rua Luiz Barahona, onde se localiza o castelo, ao trânsito local por vários meses. Por este motivo, a CMP solicitou ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) uma avaliação estrutural ao edifício contemporâneo, de modo a ter uma perceção do seu real estado de degradação e poder agir conforme necessário para que o castelo seja devolvido à população.

[1] Em 2005, foi realizada uma intervenção arqueológica pela equipa da Ocrimira, com Joaquim Carvalho e Ricardo Teixeira como principais responsáveis. Nesta intervenção, foram encontradas construções de épocas distintas, vários artefactos do quotidiano, como dedais, moedas e pentes, além de sete sepulturas, o que indica que o Castelo possa ter servido como cemitério entre o final do século XVIII e o século XIX.

1.2 | OBJETIVOS

Após a observação e análise do estado de degradação da construção contemporânea e considerando várias possibilidades, este trabalho propõe uma alternativa ao que hoje podemos encontrar no local. Assumindo uma forte probabilidade de a adição necessitar ser desmantelada, tendo já sido realizada com um caráter efémero, o principal objetivo deste projeto é apresentar uma nova abordagem para o Castelo de Portalegre. Esta proposta visa responder às necessidades da estrutura medieval, atendendo às críticas dos populares e aos objetivos da CM.[3]

Quando em funcionamento, a visita ao castelo apenas permitia o acesso à torre de menagem e ao pátio de armas através de galerias. Sendo um dos principais objetivos garantir a visita a toda a estrutura medieval e, atendendo às necessidades da população, que é tendencialmente envelhecida, é importante dar especial atenção à mobilidade reduzida, permitindo-lhes o acesso ao maior número possível de espaços.

Uma grande preocupação é libertar o pátio de armas e a fachada Oeste da torre de menagem de construções, criando assim um espaço mais amplo e permitindo vivenciar a imponência do pátio e a escala monumental das torres ao seu redor. Pretende-se criar um espaço que permita a realização de várias atividades ao ar livre, como feiras medievais, espetáculos ao vivo, exposições temporárias, etc.

Outro objetivo é evitar que o castelo se torne um edifício de visita única, dotando-o de um programa variado que vá ao encontro das necessidades locais, atraindo os habitantes e integrando-o no seu quotidiano. Para isso, propõe-se a criação de espaços que possam funcionar de forma independente e de espaços polivalentes, proporcionando uma maior adaptabilidade às necessidades. O programa inclui: receção, bengaleiro, zona museológica, arquivos, cafetaria, cowork, salas polivalentes, anfiteatro e instalações sanitárias.

[3] Anexo I – Conversas Informais.

1.3 | METODOLOGIA

A realização deste PFM pode dividir-se em cinco fases:

Na primeira fase, comecei por realizar uma análise histórica da cidade e do castelo, de modo a ter uma melhor perceção das origens de ambos e da importância deste para a localidade. Esta foi elaborada através da leitura de textos, cartografias históricas, gravuras e fotografias.

Intercalado com esse estudo, realizei várias visitas ao local, para obter uma melhor perceção do espaço, das materialidades, dos cheiros e das vistas, onde também tirei algumas fotografias e fiz alguns sketches.

Através da análise histórica e das visitas, elaborei uma teoria de valor sobre o edifício em estudo de modo a tomar decisões coerentes, informadas e o menos intrusivas possíveis.

Na segunda fase, reuni todo o material possível, através de pesquisas, fornecido pela Câmara Municipal ou por alguns apaixonados pela cidade, de modo a ter bases para começar a esboçar as primeiras ideias.

Realizei também algumas pesquisas sobre casos de referência que apresentassem similaridades em termos projetuais ou conceptuais, com o objetivo de tomar melhores decisões. Realizei visitas a alguns desses casos para obter uma perceção fidedigna dos mesmos.

Na terceira fase, através da assimilação do trabalho realizado, conjugado com reuniões frequentes com os elementos da CMP, com os meus orientadores e conversas informais com populares, elaborei um programa que suprisse as necessidades e se adaptasse ao local. Testei várias volumetrias e fiz diversos testes para averiguar a viabilidade do pretendido.

Realizei ainda visitas a todos os espaços museológicos da cidade com o intuito de perceber o que existe e ouvir as pessoas que neles trabalham, de modo a absorver o máximo de conhecimento possível para tomar decisões informadas.

Assim, cheguei à conclusão do programa, executando os últimos ajustes nos espaços pretendidos.

Na quarta fase elaborei os desenhos rigorosos, às diversas escalas necessárias de modo a permitir uma leitura correta da proposta. A partir destes, pude comprovar a fiabilidade das minhas intenções e ajustar o que não se adaptava a este caso em específico.

Atingindo o pretendido espacialmente, iniciei um trabalho mais detalhado de pormenores, escolha de materiais, cores, etc., de modo a criar aos ambientes idealizados para o local.

Na quinta fase, finalizei a redação do documento escrito para proporcionar uma melhor leitura e compreensão do projeto. Utilizei a ferramenta de inteligência artificial *ChatGPT* como corretor sintático do texto redigido. Além disso, concluí os componentes narrativos do projeto, incluindo desenhos, maquetes, fotografias e diagramas, e finalizei com a montagem dos painéis de apresentação.

1.4 | ESTRUTURA

A estrutura deste documento compreende sete capítulos:

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

Introdução deste Projeto Final de Mestrado (PFM), apresentando o tema, as motivações, a metodologia, a estrutura e indicando os objetivos pretendidos para o desenvolvimento da proposta.

CAPÍTULO II – O LUGAR

Enquadramento histórico-cultural do local, seguido da apresentação e análise dos aspetos morfológicos, ambientais, arquitetónicos e socioeconómicos.

CAPÍTULO III – O EDIFÍCIO

Descrição do edifício em estudo, acompanhada por fotografias, cartografia, desenhos e maquetes digitais.

CAPÍTULO IV – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Enquadramento histórico sobre reabilitação e restauro, priorizando as teorias adotadas nesta proposta.

Elaboração de uma teoria de valor para fundamentar as decisões tomadas na intervenção proposta.

CAPÍTULO V – CASOS DE REFERÊNCIA

Apresentação de casos de referência que integram métodos e conceitos formais, arquitetónicos, estéticos ou programáticos relevantes para a elaboração da proposta.

CAPÍTULO VI – PROPOSTA

Apresentação e descrição da proposta urbana, programa, organização e distribuição espacial e intenções de projetuais.

CAPÍTULO VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reflexão sofre o trabalho realizado e avaliação do sucesso na resposta aos objetivos propostos.

II | O LUGAR

2.1 | O LUGAR

Portalegre, implantada a meia encosta da Serra de São Mamede, está estrategicamente posicionada para aproveitar a sua proteção natural contra ameaças provenientes do leste e sudeste. Além disso, possui uma vista privilegiada das planícies em todas as restantes direções, com exceção do Sul, onde se destaca como pano de fundo, a imponente Serra da Penha. A localização estratégica, aliada aos recursos naturais proporcionados pelo Parque Natural da Serra de São Mamede, permitiu que a cidade prosperasse ao longo dos séculos.

Embora as grandes amplitudes térmicas sentidas por toda a região, o clima é considerado atípico devido à sua localização em uma zona de transição entre o clima seco das planícies alentejanas e o clima mais húmido e montanhoso das Beiras. Essa transição resultou em uma fauna e flora com características únicas. Por essa razão, a criação do parque natural tornou-se essencial para garantir a preservação do meio ambiente.

O Concelho de Portalegre é constituído por sete freguesias, das quais duas são urbanas e cinco rurais. Este ocupa 44713,65 km² e abriga uma população de cerca de 22.369 mil habitantes, dos quais 15 mil vivem no centro urbano. A cidade faz ainda parte da sub-região do Alto Alentejo.[4]

O traçado da malha urbana da zona histórica é irregular, como é comum nas cidades medievais, mas podem identificar-se dois eixos principais intramuros: um que liga a Porta da Deveza à já inexistente Porta de Elvas, e outro que liga a Porta do Crato à Porta de Alegrete. As ruas estreitas desembocam em praças, igrejas e zonas de comércio, como se observa no segundo eixo mencionado, que liga o adro da Igreja da Sé à atual Praça da República.

As casas do centro histórico, construídas em lotes góticos, geralmente não ultrapassam três pisos. Muitas delas, obsoletas, obrigam os moradores a migrar para os "novos" bairros da cidade.



Fig. 1 – Tavares, J. *"Castelo e cerca amuralhada de D. Deniz".*



Fig. 2 – Reconstituição do remanescente da estrutura medieval.

2.2 | ANCESTRALIDADE DE PORTALEGRE

Breve História Antemedieval

Não sendo possível determinar a origem da cidade devido à inexistência de arqueologia urbana antemedieval, pode afirmar-se que a região do Alto-Alentejo é habitada há milhares de anos devido à sua fertilidade. Há registos de materiais classificados como paleolíticos na área do Parque Natural da Serra de S. Mamede, mas a ocupação humana do Núcleo Histórico tem início na Pré-História Recente.[5]

De acordo com o casal Leisner, existem 8 núcleos de estruturas fúnebres do Neolítico, Calcolítico ou da Idade do Bronze no concelho de Portalegre, datados entre o século IV e o século II a.C. Em comparação com os concelhos vizinhos, isso representa uma quantidade relativamente baixa, sugerindo que alguns núcleos possam ter sido destruídos para aproveitamento dos materiais de construção.[6] Também foram encontrados vestígios da presença de um castro de finais da Idade do Bronze ou da Idade do Ferro, bem próximo do núcleo histórico da cidade, o que leva a supor que tenha existido um povoado fortificado dessa época na região, do qual os materiais pétreos podem ter sido reutilizados nas edificações medievais.[7]

Devido ao reaproveitamento dos materiais deixados pelos povos antecessores que habitaram a região, a origem da cidade chegou a ser confundida com a cidade romana de *Ammaia*, localizada perto de Portalegre, na aldeia de São Salvador da Aramenha. Isso ocorreu após a descoberta de uma pedra mármore (Fig. 3) com inscrições epigráficas, encontrada na igreja do Espírito Santo de Portalegre, mencionando os "*munícipes de Amaia*" e dedicada ao imperador César Lúcio Vero Augusto. Atualmente, essa pedra está em exposição no museu da cidade de *Ammaia*, que desempenhou um papel fundamental como “pedreira de Portalegre”.[8]

No entanto, é possível supor a existência de um tipo de assentamento com finalidades agrícolas, comerciais ou outras no local, como uma estalagem para viajantes ou um ponto de troca de cavalos, durante os séculos III a.C. e IV d.C.[9]

Com o declínio do Império Romano, as comunidades que seguiam as suas doutrinas foram deixadas à própria sorte. No século V, as invasões bárbaras por parte dos Visigodos trouxeram nova instabilidade à região, levando a *Ammaia* a perder a sua função de polo político. A cidade acabou por ter um fim trágico devido às guerras cíclicas e acabou submergindo sob um mar de lama e pedras.[10] Seguiram-se tempos negros, com constantes incursões por parte dos Sarracenos, resultando na destruição dos castelos locais, impossibilitando rastrear as origens da região antes do século XIII.

Apesar dessa condição, acredita-se que existia um castelo no local onde hoje está localizada a Capela de S. Cristóvão ou o Atalaião, que tinha a função de comunicar com os outros castelos da região sobre possíveis invasões, aproveitando assim sua vista privilegiada do território do Alto Alentejo.[11]



Fig. 3 – Pedra mármore com inscrições epigráficas

dedicada ao imperador César Lúcio Vero.



Fig. 4 – Maquete da antiga cidade romana Ammaia.

2.3 | AS ORIGENS DE PORTALEGRE

Breve História Medieval

Durante o período de "encastelamento" surgiram novos centros políticos na região, tais como Portalegre, Marvão e Castelo de Vide, que perduraram até ao fim da Reconquista Cristã. As condições naturais de proteção e fertilidade do território atraíram povos que buscavam segurança em meio a guerras e invasões, levando à implantação de Portalegre. Acredita-se que o local não estava desabitado, pois não houve a necessidade de decretar o "couto de homiziados".[12]

Com base em uma carta datada de 1229, é possível afirmar que Portalegre já possuía o estatuto de vila. Em uma carta posterior, datada de 1253, menciona-se que a vila já era sede de conselho, tendo o seu território sido desmembrado do de Marvão.[13]

Em 1259, Portalegre é referenciada historicamente pela primeira vez, aquando, D. Afonso III concede o primeiro foral à cidade. Neste mesmo ano manda erguer uma fortaleza. Esta nunca foi terminada e não restam quais queres vestígios da cerca. Com base em General Lacerda Machado, encontraram-se *"vestígios de fortes alicerces que parecem duma muralha que definia o primitivo âmbito da vila"* na realização de escavações para novas edificações na Rua da Figueira e na antiga Rua do Pirão.[14]

Em 1271, D. Afonso III doou as vilas de Portalegre e Marvão e os senhorios de Vide e Arronches, ao infante D. Afonso. Oito anos depois, após o falecimento de D. Afonso III, o infante acusou D. Dinis de ser um filho ilegítimo e tentou reivindicar o trono sem sucesso, o que resultou em conflitos entre os irmãos.[15]

As três filhas de D. Afonso casaram-se com homens influentes de Castela, o que levou D. Dinis a negar a legitimidade delas como herdeiras das vilas e castelos de Portugal pertencentes ao seu pai. O rei justificou a sua decisão argumentando que seria uma grande perda para o *"Reino e a Coroa de Portugal"* se essas propriedades, localizadas na fronteira, passassem para o domínio de Castela juntamente com as filhas do infante.[16]

Os conflitos entre irmãos tornaram-se inevitáveis, resultando no cerco de Portalegre em 1299, que durou mais de cinco meses. No entanto, por vias diplomáticas, D. Dinis e o infante chegaram a um acordo. Tendo o infante cedido as povoações da raia, em troca das vilas de Sintra e Ourém como compensação. Por receio de eventos futuros semelhantes, D. Dinis concedeu a Portalegre o privilégio de não ser concedido o senhorio da vila *"nem a infante, nem a homem rico, nem a rica-dona, mas ser d' el-Rei e de seu filho primeiro herdeiro".*[17]

É importante referir que D. Dinis cercou as muralhas que ele mesmo mandou erguer em 1290. Nesse mesmo ano, ordenou a remodelação da alcáçova e da torre de menagem, além da construção de uma segunda cerca, da qual ainda existem vários trechos preservados nos dias de hoje.[18]

A bula que confere a Portalegre o estatuto de bispado, datada de 21 de agosto de 1549, foi um marco crucial para a ascensão da vila a cidade, tendo D. Julião de Alva sido nomeado primeiro Bispo de Portalegre. No ano seguinte, em 23 de maio de 1550, por decreto de D. João III, Portalegre foi oficialmente elevada à categoria de cidade. O monarca proclamou: *"Me apraz de acrecentar e aleuantar a dita villa de Portalegre em dignidade e honra e a faço cidade e lhe concedo todas as honras privilégios e liberdade que per direito ella como cidade deve ter"*. [19]

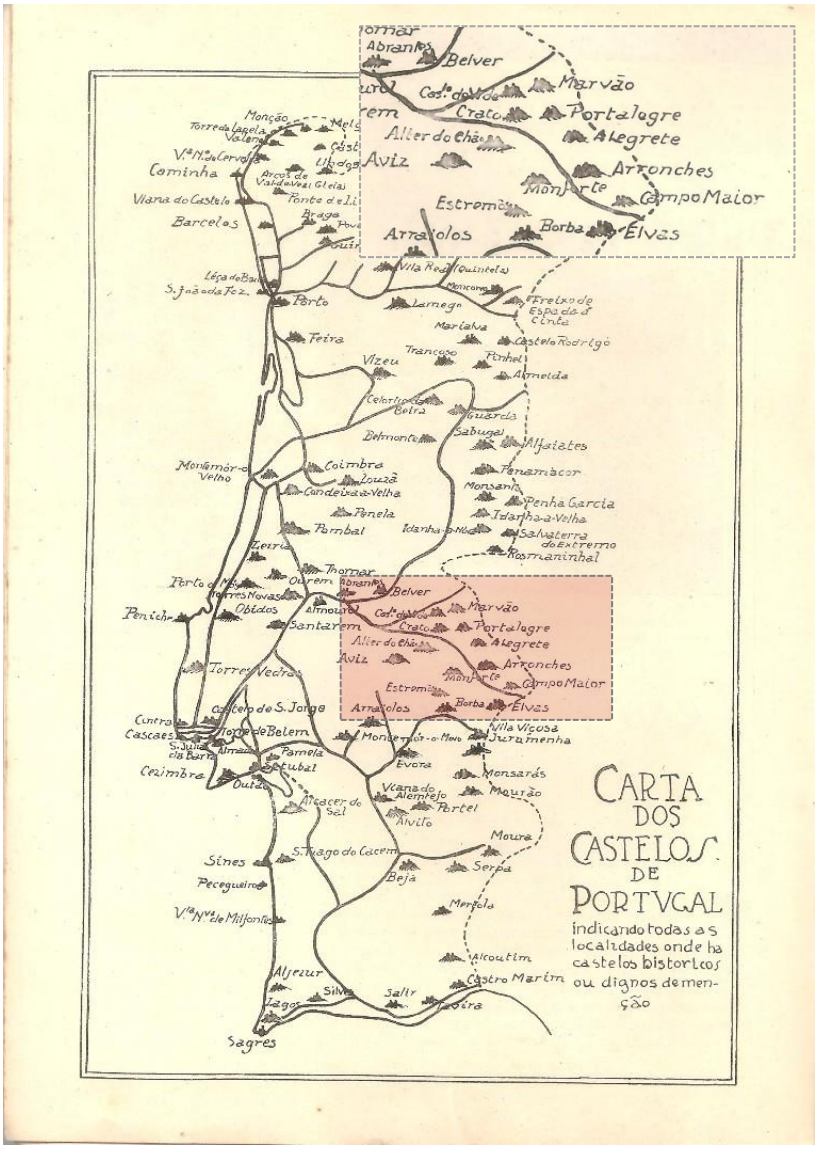


Fig. 5 – *Carta dos Castelos de Portvgal.*

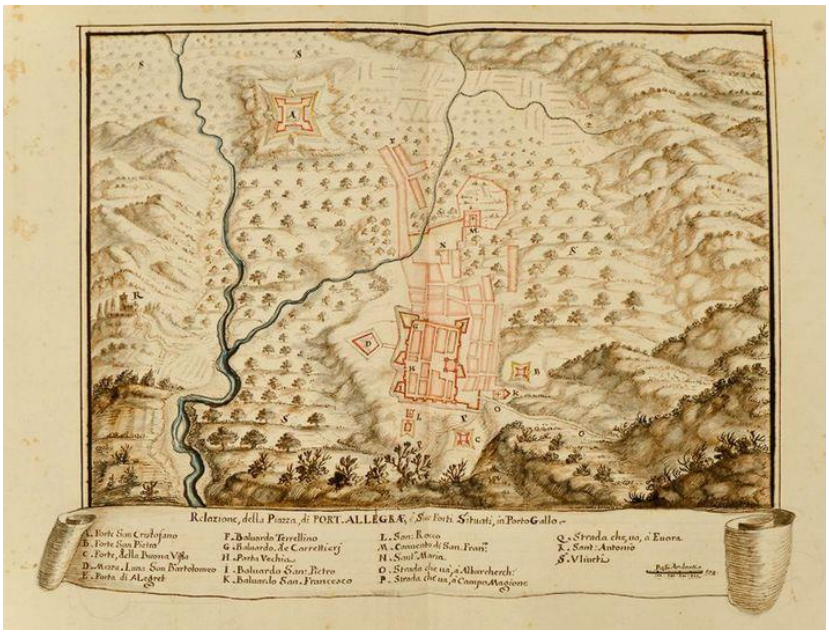


Fig. 6 – Possi. (1666). *Relazione della Piazza.*



Fig. 7 – Fer, N. (1704). *Portalegre Sitiaday Rendida Por El Rey.*

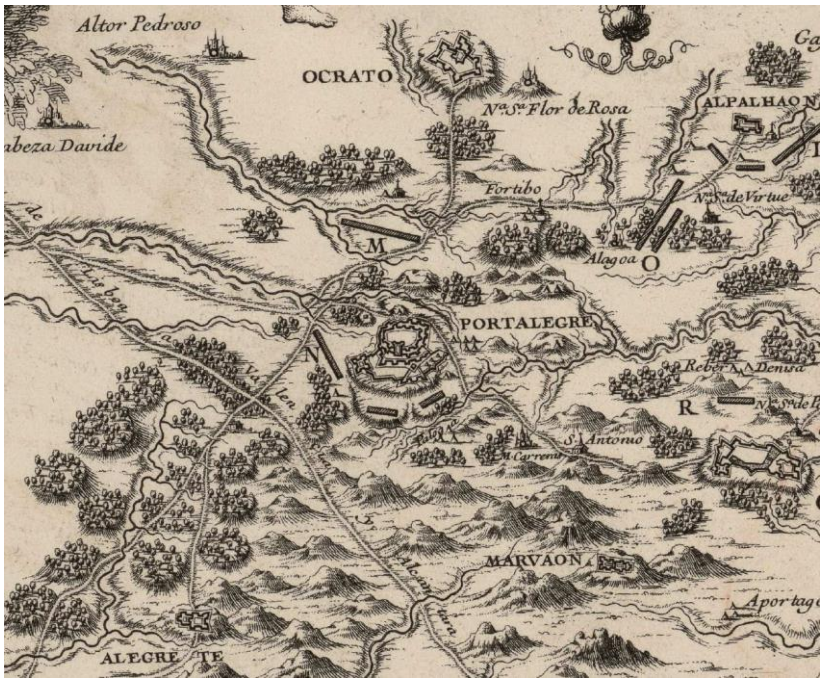


Fig. 8- Pallotta, F. (1705). *Corographia de la Beira y del Alentejo.*



Fig. 9 – Koening, J. (século XVII). *Vista extramuralhas de Portalegre*.

2.4| ARQUITETURA EM PORTALEGRE

Breve História Arquitetónica

"Portalegre constitui uma cidade de forte personalidade, quer pela cénica implantação, quer pela geo-história que lhe está associada. A sua clara vocação de "marca" territorial, como centro urbano por excelência do Alto Alentejo, exprime-se numa arquitetura que abrange os vestígios dos tempos da Romanização, o pleno medievo, as etapas do Renascimento e do Barroco e o industrialismo do século XIX."[20]

Fernandes, J. M. (2022)

Para além da cerca de D. Dinis e do castelo, chega-nos também da Época Medieval, o Convento de São Francisco, em 1275, e o Conventos de Santa Clara, fundado pela Rainha D. Leonor Teles em 1376, atual Biblioteca Municipal de Portalegre (Fig. 10).

Com o título de Bispado, surge na população a vontade da criação da nova sede da diocese. Em resposta a esse desejo, o Bispo escolheu o local da antiga Igreja de Santa Maria do Castelo para a construção da Sé Catedral de Portalegre em 1556 (Fig. 12), tendo sido terminada ainda no mesmo século. O edifício é considerado o ex-libris e maior símbolo do Renascimento da cidade.[21]

No século XVII, houve uma expansão significativa da urbanização para o norte e este, refletindo o crescimento econômico e político da cidade. Nesse período, o estilo Barroco ganhou destaque, com obras notáveis como a Igreja de São Lourenço ou o Palácio Amarelo (Fig. 14).[22]

Entre finais deste século e meados do seguinte, surge uma das vertentes artísticas que marca a arquitetura dessa época, a azulejaria barroca (Fig. 16), utilizada na ornamentação dos interiores, tanto de edifícios novos à data, como por exemplo a Igreja do Senhor do Bonfim, o Palácio do Conde Avillez ou o Palácio dos Acchioli, além de ser empregada na reabilitação, como aconteceu na Igreja de São Lourenço, no Convento de São Bernardo ou na Sé Catedral.[23]

A cidade prosperou durante o século XVIII e continuou a expandir-se. Além dos edifícios mencionados, destaca-se a construção da emblemática Capela do Calvário e o uso do *"stucco"* (Fig. 17) que se junta aos esgrafitos, na ornamentação das fachadas da cidade. Esta vertente artística prolongou-se pelo século XIX e pode ser observada um pouco por todo o núcleo histórico da cidade, como por exemplo, o Palácio Barahona (Fig. 15).[24]

"No século seguinte, a arquitetura monumental diminuiu consideravelmente". Isto deve-se à instabilidade vivida no início do

século XIX com as Invasões Francesas e a Guerra Peninsular. Neste século Portalegre passa por um desenvolvimento industrial considerável com o a criação da fábrica de cortiça Robinson (Fig. 18), que laborava no já referenciado Convento de São Francisco. Existiam ainda uma forte indústria têxtil e de moagem de cereais na cidade.[25]

No início do século XX, o paradigma da construção em Portugal muda, com a popularização da utilização do betão armado. Este material acabou por abrir portas a novos estilos arquitetónicos, sendo estes visíveis ao longo da cidade de Portalegre.

O Modernismo marcou os anos 30, com obras como o Café Alentejano e o Miradouro da Serra. Em seguida, surgiram obras Neotradicionais do Estado Novo, como a Caixa Geral de Depósitos (Fig. 19), os antigos Correios e Telégrafos e, embora mais recente, o Palácio de Justiça. A arquitetura Moderna ganhou destaque após a Segunda Guerra Mundial, com o Hospital Distrital e o Antigo Restaurante do Tarro. O "Moderno Tardio" trouxe o antigo Clube de Tiro do Clube de Ténis com sua audaciosa cobertura em betão armado.[26]

O renomado arquiteto portalegrense João Luís Carrilho da Graça também deixou sua marca na cidade com o Centro Regional de Segurança Social (Fig. 20), em parceria com Gonçalo Byrne e João Paciência, e com a Igreja de Santo António (Fig. 21).

Por fim, destaca-se o Programa Polis, que ocorreu entre 2002 e 2006, com o objetivo de requalificar o centro histórico de Portalegre, tornando-o mais atrativo comercial, turística e culturalmente. O programa buscou preservar o caráter da cidade, modernizá-la de acordo com as atuais exigências de mobilidade e convivência urbana, valorizar os monumentos e os espaços públicos mais importantes.



Fig. 10 – Convento de Santa Clara, fundado em 1376.



Fig. 11 – Convento de São Bernardo, fundado em 1518.



Fig. 12 – Sé Catedral de Portalegre, fundado em 1556.



Fig. 13 – Claustros da Sé Catedral de Portalegre, adicionados em 1739.



Fig. 14 – Palácio Amarelo, fundado no Século XVII.



Fig. 15 – Palácio Barahona, fundado no Século XIX.



Fig. 16 – Azulejaria Barroca. Convento de São Bernardo, adicionado no Século XVII.



Fig. 17 – *Stucco.* Palácio Barahona, fundado no Século XIX.

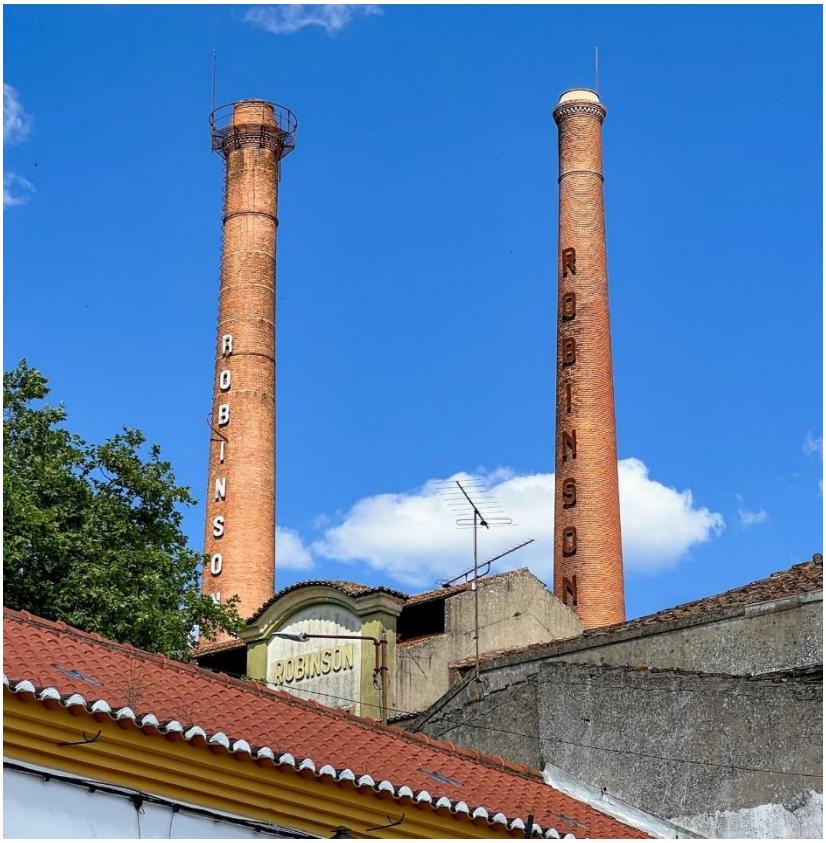


Fig. 18 – Fábrica da Robbinson, fundada em 1837.



Fig. 19 – Caixa Geral de Depósitos de Portalegre, fundada em 1940.



Fig. 20 – Carrilho da Graça. Segurança Social de Portalegre, fundada em 1988.

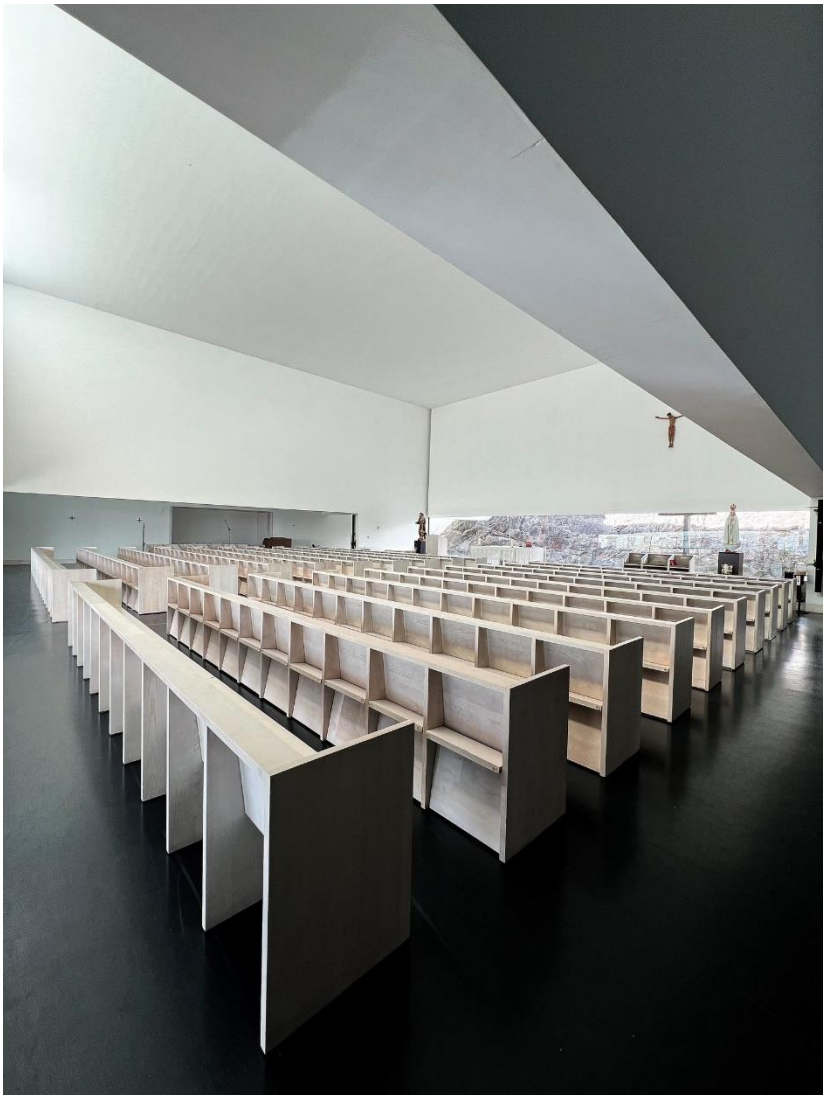


Fig. 21 – Carrilho da Graça. Igreja de Santo António, fundada em 2008.

2.5| PATRIMÓNIO CULTURAL

Portalegre é uma cidade com uma rica herança cultural, como evidenciado anteriormente pela sua origem remota. Como cidade raiana, era conhecida por ser uma área de passagem e comércio, possivelmente originando daí o seu nome *"Porto-Alegre"*.

A agricultura sempre foi uma parte fundamental da cultura regional, desde os seus primórdios até aos dias de hoje, sendo considerada um *"oásis de fertilidade no Alentejo"*[27] devido à sua localização estratégica.

A cidade está intrinsecamente ligada às indústrias dos lanifícios, remontando à idade média, à moagem de cerais presente há mais de 400 anos, e à emblemática fábrica corticeira Robinson, que moldou tanto a cidade quanto os seus habitantes desde o final do século XIX. No entanto, estas indústrias, que foram uma parte integral da cidade, acabaram por desaparecer no início do século XXI devido a vários fatores, incluindo a falta de investimento na modernização, tornando-se obsoletas e pouco competitivas.[28]

Destacam-se ainda a Doçaria Conventual e Tradicional de Portalegre e as Tapeçarias de Portalegre como ícones da cidade.

A doçaria teve origem nos antigos conventos durante a Idade Média. Entre as iguarias sobressaem o Toucinho-do-Céu e os Rebuçados de Ovos (Fig. 22). A CM tem promovido ativamente esta tradição, organizando anualmente uma feira dedicada a essa arte e incentivando a formação de profissionais.

As Tapeçarias de Portalegre, por sua vez, surgem da iniciativa de Manuel Celestino Peixoto e Guy Fino, com o apoio de Francisco Fino, pai de Guy e proprietário da antiga Fábrica de Lanifícios de Portalegre. A técnica ganhou reconhecimento internacional devido à sua impressionante definição, alcançada através do ponto inventado pelo pai de Manuel. Estas tapeçarias têm colaborado com artistas de renome, incluindo arquitetos como Nadir Afonso, Álvaro Siza Vieira e Le Corbusier (Fig. 23). Embora atualmente produzidas em pequena escala, estas tapeçarias ainda são fabricadas no Convento de São Francisco.

No que diz respeito à arquitetura popular, era comum utilizar materiais locais, como calcário, xisto e granito, bem como madeira de castanheiro e carvalho. As casas variavam em altura, geralmente com um ou dois pisos, e os pavimentos eram revestidos com tijoleira ou xisto. As abóbadas eram frequentemente utilizadas para cobrir vãos, enquanto o leite de cal era aplicado nas paredes como acabamento. O granito era frequentemente utilizado para guarnições de janelas, já as coberturas, variam entre uma ou duas águas.[29]



Fig. 22 – Rebuçados de ovo.



Fig. 23 – Le Corbusier. (1964) *Les Deux Musiciens*, Tapeçaria de Portalegre.

2.6| ANÁLISE ATUAL

Segundo os censos de 2021, Portalegre registou um decréscimo populacional de 2590 habitantes, o que é preocupante, considerando o seu baixo número populacional. Alguns fatores causadores deste fenómeno incluem a tendência nacional de envelhecimento da população e a migração de jovens para o litoral, deixando para trás a cidade que os viu nascer. Aqueles que permanecem têm filhos cada vez mais tarde e em menor número, o que agrava a situação da natalidade.

Uma das causas deste fenómeno é falta de oportunidades que afeta o interior do país. Com uma população cada vez mais instruída, muitos procuram melhores oportunidades e desejam exercer as suas profissões, o que nem sempre é possível em localidades mais pequenas.

No que toca à habitação, a região enfrenta graves problemas. Comparando com os dados de 2011, houve uma diminuição de 0,6%, o que, apesar de não parecer drástico, é significativo quando combinado com o facto de 6,2% das casas estarem inabitáveis, 17,4% serem habitações de uso sazonal e uma grande parte das casas da zona histórica se encontrarem obsoletas. Estes fatores tornam extremamente difícil encontrar casa na localidade atualmente.

Outra situação que agrava o problema da habitação é a grande afluência de migrantes para a região. Embora os dados de 2021 refiram apenas 413 pessoas, tendo dobrado desde o último registo, estes números estão aquém da realidade. Este aumento, aliado ao crescimento do número de estudantes no ensino superior e aos baixos índices de construção, intensifica a dificuldade de acesso a habitação.

No âmbito da educação, a cidade está equipada com boas infraestruturas, incluindo quatro escolas primárias, uma escola básica e duas escolas secundárias (que também oferecem ensino básico). A nível superior, a cidade dispõe de dois polos pertencentes ao Instituto Politécnico de Portalegre.

A saúde enfrenta problemas comuns em todo o país, com boas infraestruturas, mas falta de profissionais, resultando em tempos de espera elevados para receber tratamento. Agravando a situação, não existem grandes alternativas aos serviços públicos a nível hospitalar.

Em termos de comércio, Portalegre tem vindo a perder espaço devido à criação de grandes centros comerciais em cidades vizinhas, como Badajoz, Évora e Castelo Branco, que atraem grande parte da população. Além disso, o aumento das compras online contribuiu para a quase desertificação da Rua do Comércio.

Após os tempos difíceis vividos no setor industrial, decorrentes do encerramento das suas duas maiores fábricas já referenciado, a cidade tem assistido a um crescimento na área industrial com o surgimento de outras empresas de menores dimensões, mas de grande impacto na economia local.

Na vertente cultural, a cidade dispõe de diversos equipamentos, incluindo o Centro de Artes e Espetáculos, onde se realizam espetáculos de variadas vertentes e onde se encontra também o cinema da cidade. Além disso, Portalegre conta com três museus em funcionamento: o Museu Municipal, o Museu das Tapeçarias e a Casa-Museu José Régio, dedicada à mítica figura da cidade.

Existe ainda um quarto museu, relacionado com o caso de estudo deste documento, que se encontra atualmente encerrado devido à falta de condições de segurança. Este museu tinha como objetivo contar a história do Castelo de Portalegre e permitir a sua visita.

A cidade encontra-se um pouco isolada, sendo a única capital de distrito sem acesso direto à autoestrada. As linhas ferroviárias têm pouca utilização devido ao seu encerramento prolongado e à distância da estação em relação ao centro da cidade, tornando inviável o seu uso. Resta à população deslocar-se por autocarros ou veículos particulares.



Fig. 24 – Mapa de cheios e vazios.

Construção

Construção – Centro Histórico

Construção- Industrial

Castelo e Muralhas

Espaços Verdes- Privado

Espaços Verdes- Publico

Espaços Verdes- Mato

Número de Pisos

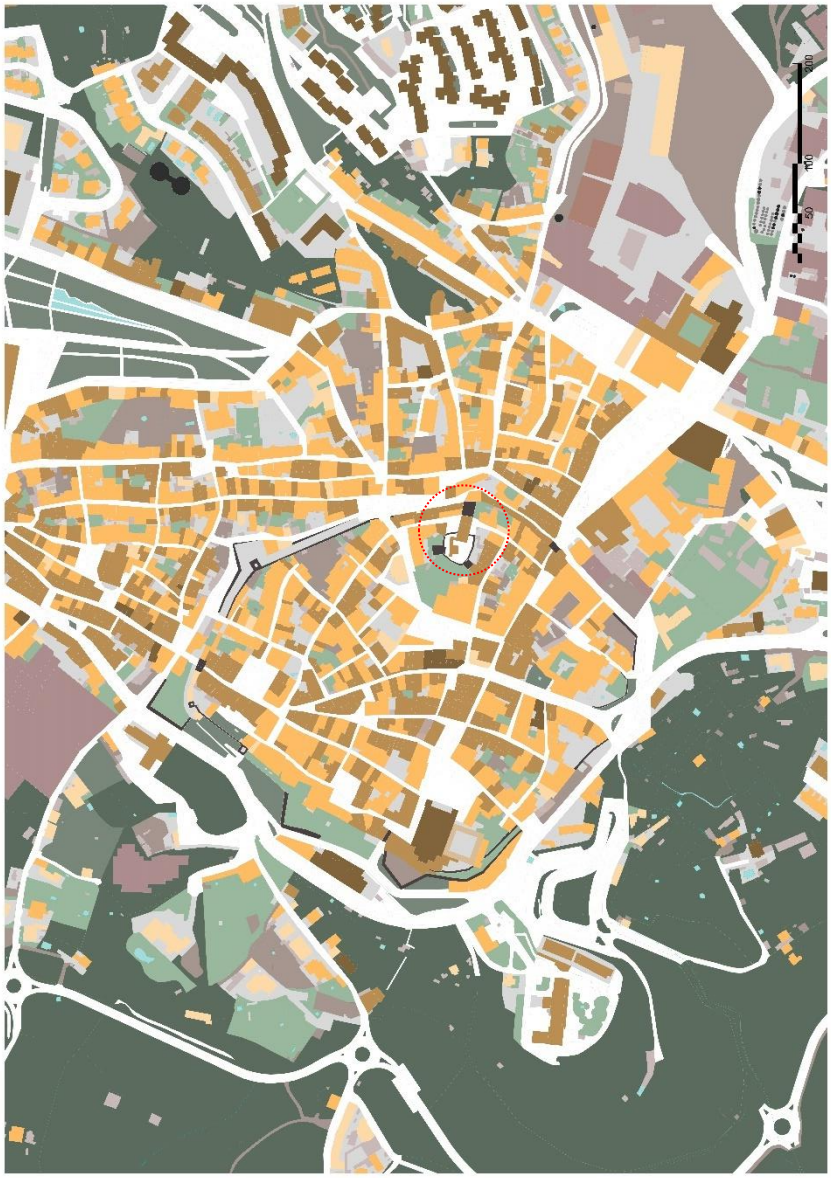


Fig. 25 – Mapa de número de pisos.

1 piso

2 pisos

3 pisos

4 ou + pisos

Comércio e Serviços

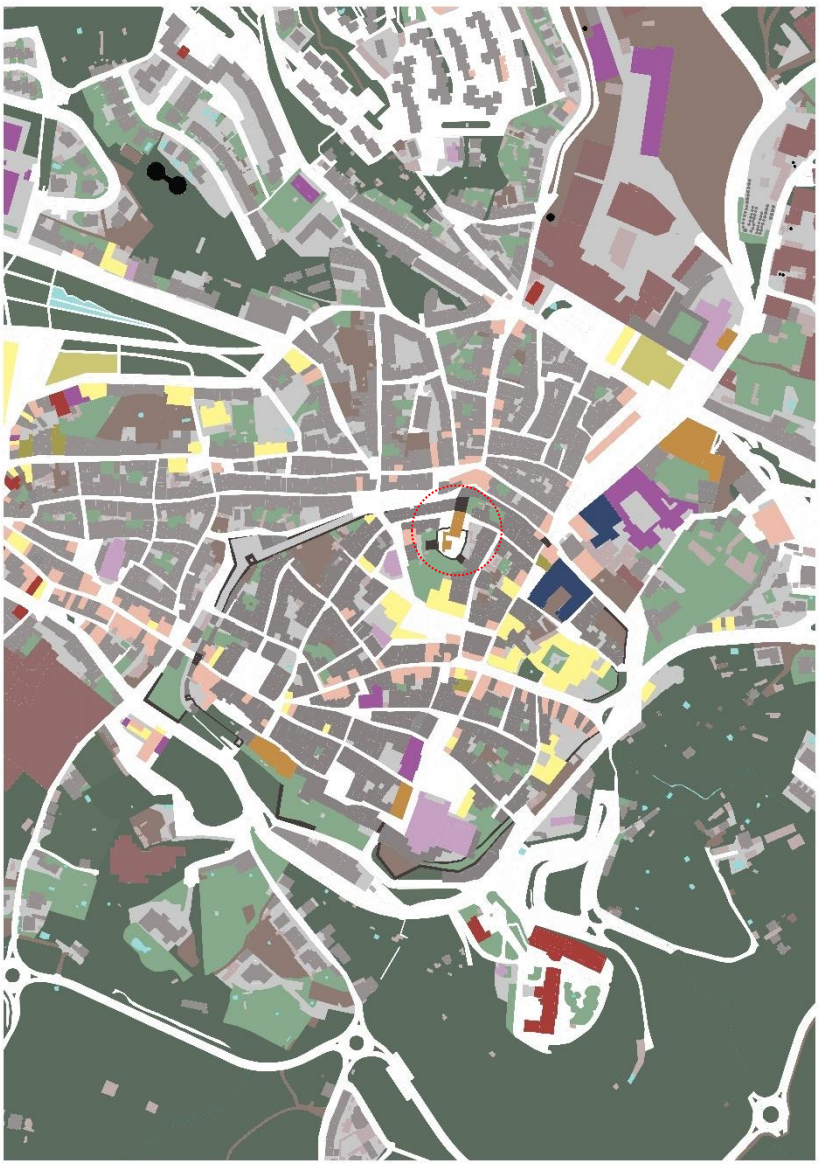


Fig. 26 – Mapa de comércio e serviços.

- Habitação
- Habitação – Centro Histórico
- Construção- Industrial
- Castelo e Muralhas
- Espaços Verdes- Privado
- Espaços Verdes- Publico
- Espaços Verdes- Mato
- Comércio
- Cultura
- Ensino
- Hotel
- Religioso
- Saúde
- Segurança Pública

III | O EDIFÍCIO

3.1 | EVOLUÇÃO TEMPORAL

O Castelo e a Muralha

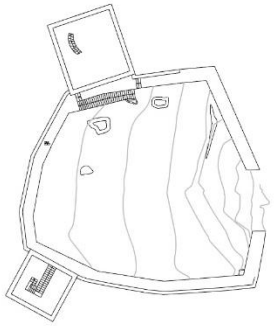
- 1259 | D. Afonso III decretou a construção de uma fortificação, que não foi concluída. Através da cartografia existente, pode afirmar-se que a torre norte e a torre este terão sido construídas nesta altura;
- 1290 | D. Dinis ordenou a reabilitação da alcáçova, a construção da Torre de Menagem e mandou erguer uma segunda cerca, da qual ainda existem bastantes troços preservados (Fig. 2);
- Entre Séc. XV e XVI | Pequenas obras de restauro no castelo e na cerca, para melhorar a defesa. Ornamentação da abóbada da sala superior da torre de menagem (Fig. 60);
- 1641 | A cerca é reforçada com baluartes resistentes à artilharia no contexto da guerra da restauração;
- 1929 | A partir da *"Planta da cidade de Portalegre"* constata-se a demolição da muralha na rua Luiz Barahona (Fig. 28);
- 1940 | Intervenções de restauro pela DGEMN e a CMP nas zonas remanescentes da antiga cerca da cidade. Os trabalhos de restauro estenderam-se ao longo de três décadas (Fig. 29 – 30);
- 1972 | O Estado adquire o castelo a um proprietário privado. Restauro da torre de menagem;
- 1973 | Reconstituição historicista parcial das muralhas confinantes com a rua Luiz Barahona; (Fig. 31 – 34);
- 1974 | Ainda antes do 25 de abril, começam as últimas intervenções da DGEMN na edificação. Foram adicionadas ameias na cerca e nas torres; (Fig. 35 – 36);
- 2006 | Intervenção no âmbito do Programa Polis, pelo arq. Cândido Chuva Gomes. Adição de novo volume comunicando o pátio de armas à torre de menagem para criação de um núcleo museográfico (Fig. 64);
- 2020 | Encerramento ao público devido à necessidade de obras de manutenção;
- 2023 | A Câmara Municipal organiza exposição reduzida na Torre de Menagem, com o intuito de permitir a visita ao que é possível atualmente, sem que isso represente um perigo para os visitantes. A visita permite o acesso aos dois pisos da torre e ao eirado, apresentando ao público uma breve história da estrutura medieval, alguns dos artefactos encontrados nas escavações e uma pequena exposição com elementos dos outros espaços museológicos da cidade.

Para viabilizar esta visita, foi adicionada uma escada (Fig. 75) no piso térreo, ligando-o a uma ponte existente no local, criada na última intervenção. Anteriormente, o acesso ao primeiro piso e ao eirado só era possível através do corpo adicionado por Chuva Gomes;

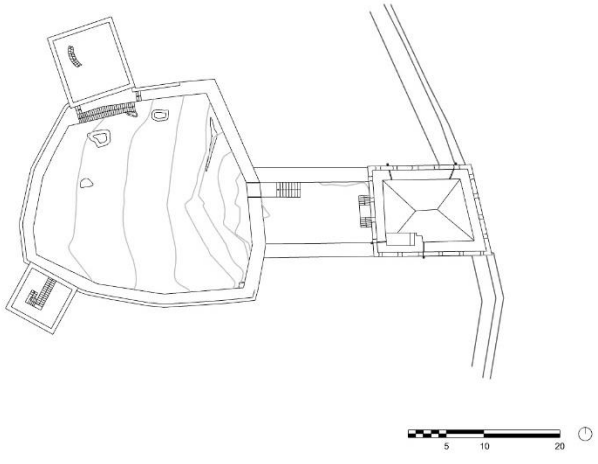
2024 | Apesar da afluência de visitantes, a torre encontra-se encerrada devido à falta de pessoal.

Atualidade

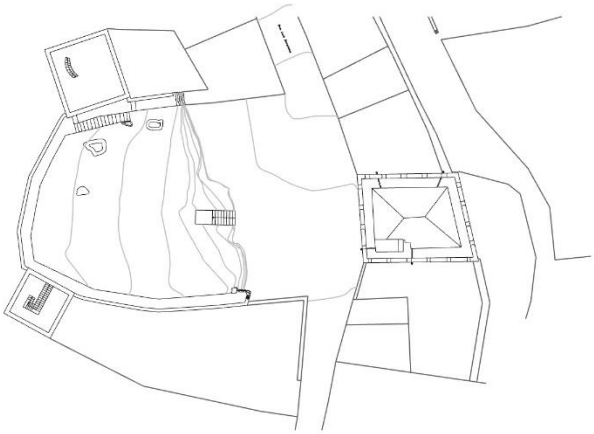
1259 |



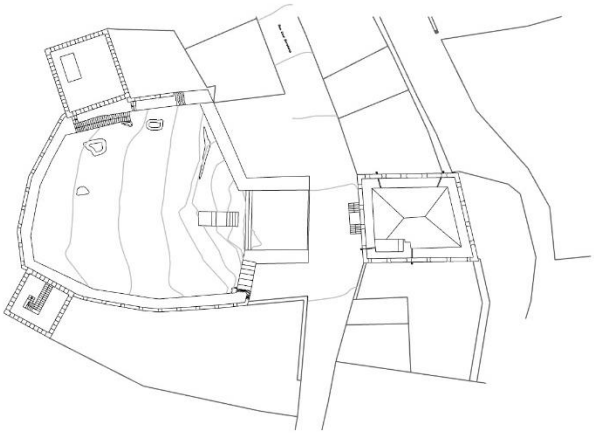
1290 |



1948 |



1974 |



2006 |

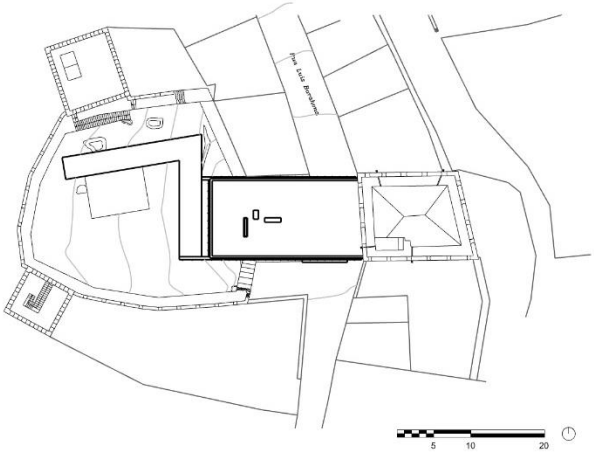


Fig. 27 – Anamnese do Castelo de Portalegre.



Fig. 28 – Melo, A. B. (1929) *"Planta da Cidade de Portalegre".*



Fig. 29 – Torre Norte antes das intervenções da DGEMN, em 1948.



Fig. 30 – Torre Oeste antes das intervenções da DGEMN, em 1948.



Fig. 31 – Torre de Menagem durante as intervenções da DGEMN, em 1973.



Fig. 32 – Torre de Norte durante as intervenções da DGEMN, em 1973.



Fig. 33 – Reconstituição parcial dos panos de muralhas intersetados pela Rua Luiz Barahona, em 1973.



Fig. 34 – Intervenções da DGEMN no local, ao fundo pode-se observar as chaminés da Robinson ainda em funcionamento, em 1973.



Fig. 35 – Últimas intervenções no local, em 1974.



Fig. 36 – Intervenções de restauro concluídas, ao fundo pode-se observar a Igreja da Sé, em 1974.

3.2 | DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA

3.2.1 | O Castelo

O Castelo tem como base de construção a utilização do granito, pedra da região de Portalegre. Este é constituído por três torres, estando duas interligadas pelo adarve ou caminho de ronda, que outrora conectava toda a estrutura medieval, criando um corredor a Este, estando hoje interrompido pela Rua Luiz Barahona. Entre Torres, encontra-se o pátio de armas, de geometria irregular, convexa a Oeste, delimitado pelo adarve.

A torre Oeste é a mais baixa das três, sendo a única que não apresenta espaços interiores. Esta é de secção quadrada e maciça até ao caminho de ronda, onde se acede à entrada. A descrição de Domingos Bucho, induz à perceção de que a sua forma foi alterada aquando das intervenções da DGEMN. *"[…] uma entrada bastante alta, em arco redondo",* arco esse que já não se verifica. Analisando a (Fig. 30) suponho que, durante a sua reabilitação, não tenha sido reconstituída a sua forma original. A torre conta ainda com uma escadaria irregular que dá acesso ao eirado. Esta composta por ameias do tipo primitivo.

A torre Norte é a que atinge maior altitude, de secção retangular e também maciça até ao adarve, onde se acede à entrada. Esta merece especial atenção pois apresenta um formato diferente (Fig. 47). No tímpano, a figura de um sol raiado, batizado por Domingos Bucho, símbolo reproduzido também no fecho da abóbada da sala interior (Fig. 49), esta de planta hexagonal, nervuras em granito e paredes caiadas. A torre possui também uma escadaria irregular bastante íngreme que dá acesso ao eirado (Fig. 50), onde se podem observar as suas ameias de tipo primitivo e ter uma vista privilegiada sobre a cidade.

A torre de Menagem, a Este, encontra-se isolada da restante composição, de secção trapezoidal, esta é a torre que ocupa a maior área. Acede-se através de um vão de entrada de arco redondo e é composta por dois pisos, sendo o térreo composto por uma sala também de planta trapezoidal e abobada de berço de secção elevada, com três nervuras, sendo todo o seu interior em granito (Fig. 53). Esta sala possui na parede Este uma porta de traição em arco de volta redonda tamponada e um vão a 4,45 metros de altura (Fig. 54), que dá acesso a uma escadaria bastante irregular de acesso ao primeiro piso. No teto, podem-se observar algumas aberturas, antigos elementos de defesa. A mesma razão para este vão se encontrar tão elevado, sendo acedido originalmente através de uma escada de madeira que permitisse a sua fácil remoção em caso de perigo.

No piso superior, pode observar-se o elemento mais trabalhado da estrutura, uma abóbada artesoada com liernes e terciarões, ornamentada com símbolos diversos, sendo o elemento do fecho central o Brasão Nacional (Fig. 61). Neste piso, a Sul, encontra-se a conversadeira (Fig. 59). A Oeste, a sala apresenta uma escadaria que dá acesso ao eirado, zona onde também temos acesso a um vão que nos deixa em dúvida quanto ao seu propósito. Trata-se de um vão de entrada, também de arco de volta redonda, que se encontra a uma cota bastante similar à do adarve que liga as outras duas torres, sugerindo uma possível ligação entre todas as torres em um passado remoto. Além disso, existem alguns vãos para iluminação e um nicho localizado sob as escadas (Fig. 58). As ameias desta torre são as mais trabalhadas e apresentam seteiras no eirado.

1 | Torre Norte

2 | Galerias

3 | Pátio de Armas

4 | Torre Oeste

5 | Adição Contemporânea

6 | Torre de Menagem

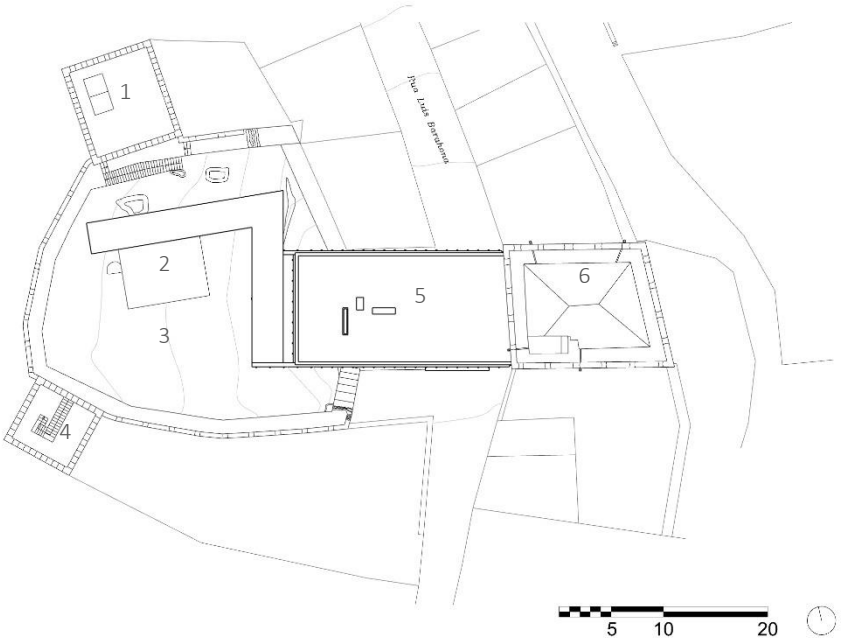


Fig. 37 – Planta de Coberturas. Castelo de Portalegre.

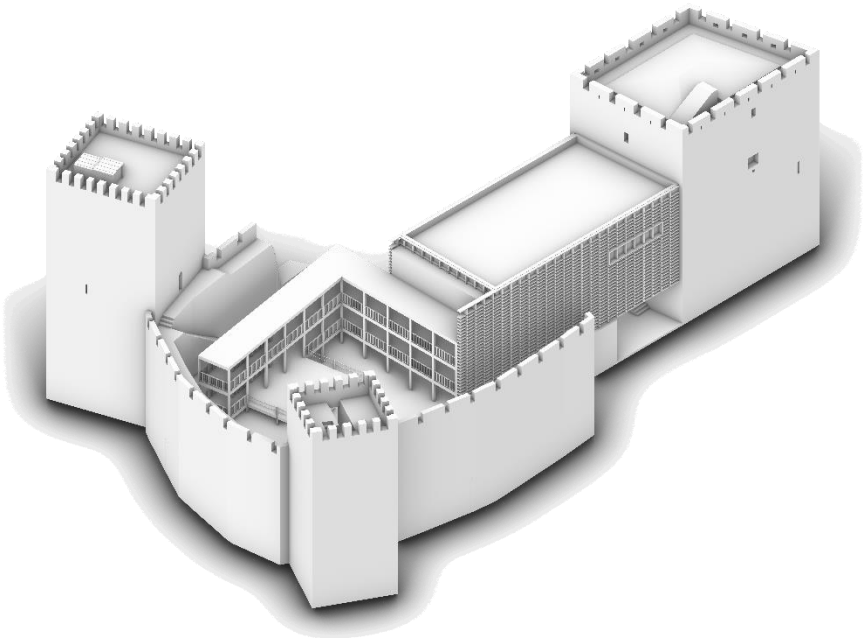


Fig. 38 – Modelo 3D. Castelo de Portalegre.

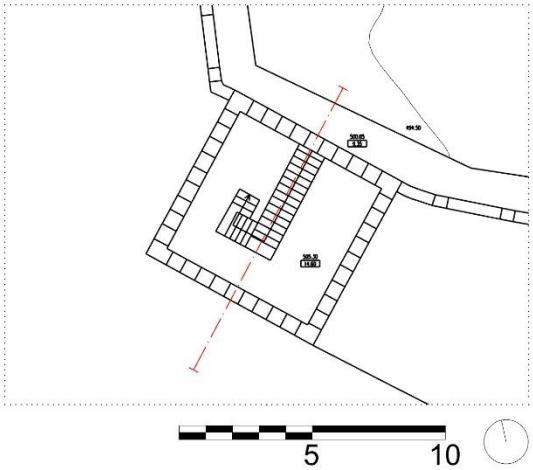


Fig. 39 – Planta de cobertura. Torre Oeste.

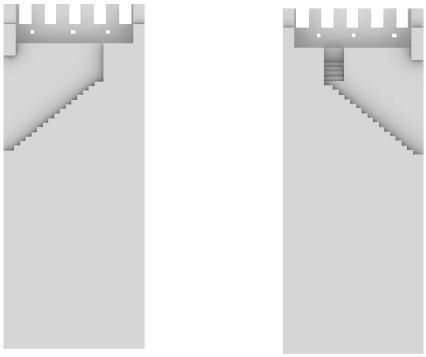


Fig. 40 – Modelo 3D. Torre Oeste.

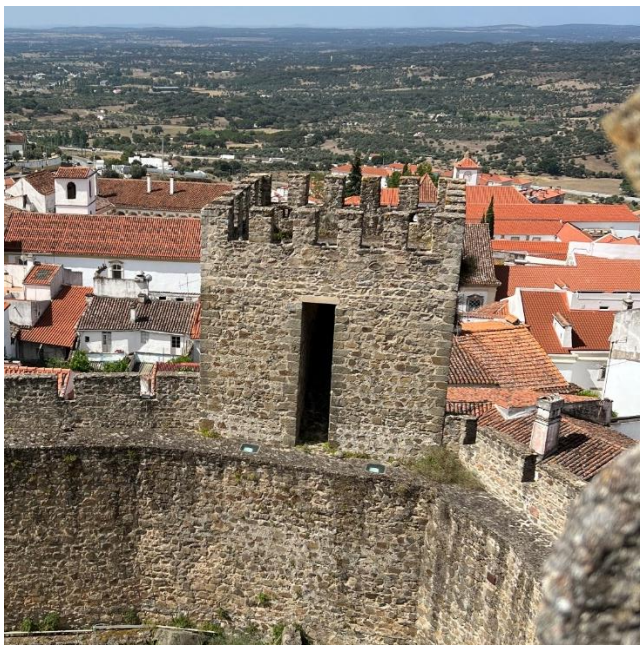


Fig. 41 – Torre Oeste. vista da Torre Norte.

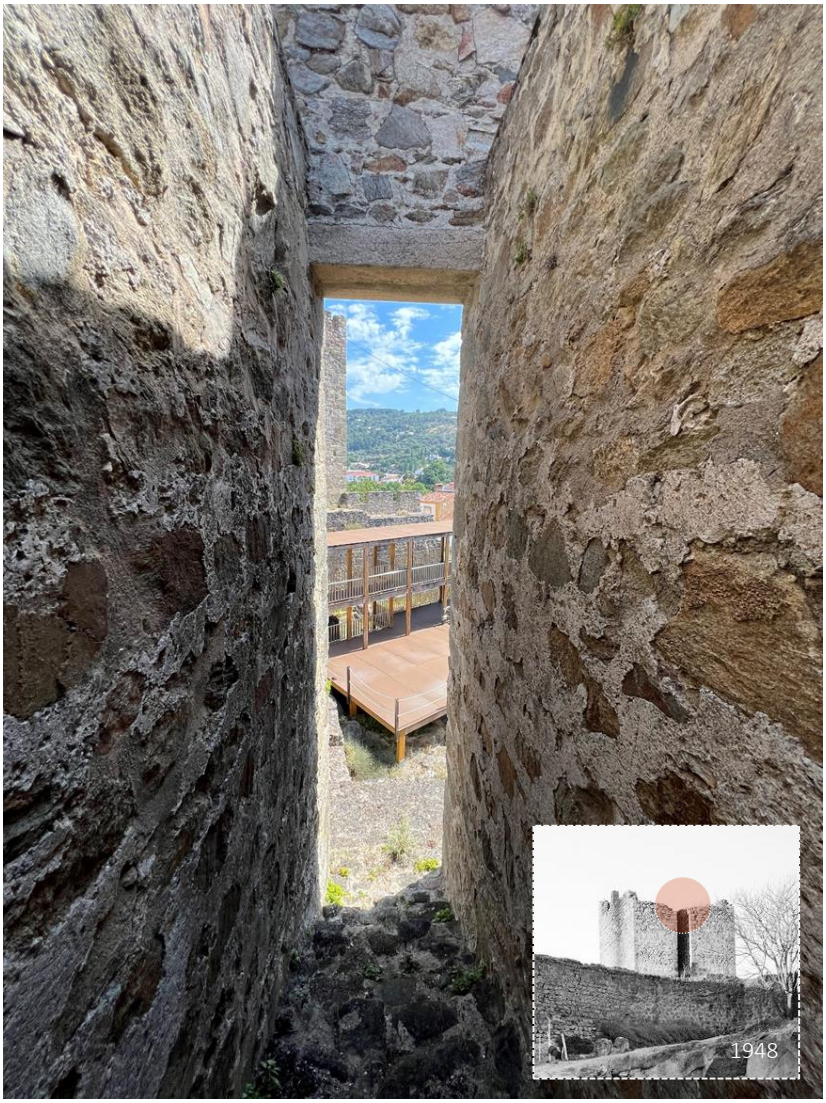


Fig. 42 – Vão de entrada. Torre Oeste.



Fig. 43 – Eirado. Torre Oeste.

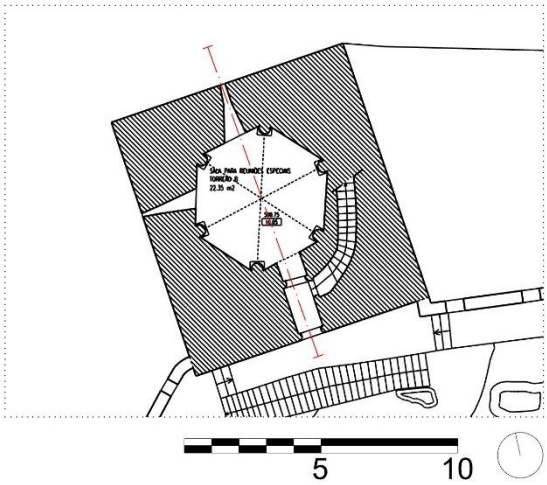


Fig. 44 – Planta do Piso 0 |Torre Norte.

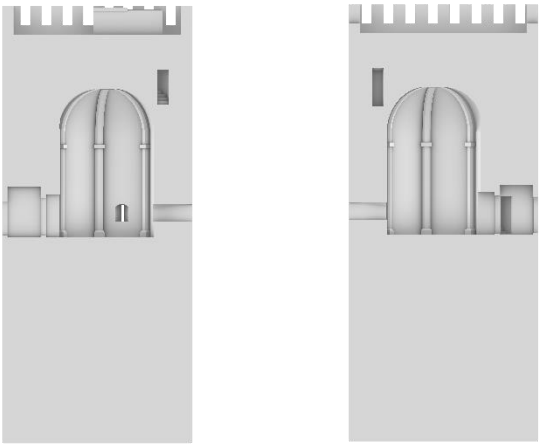


Fig. 45 – Modelo 3D. Torre Norte.



Fig. 46 – Torre Norte. vista da Torre Oeste.

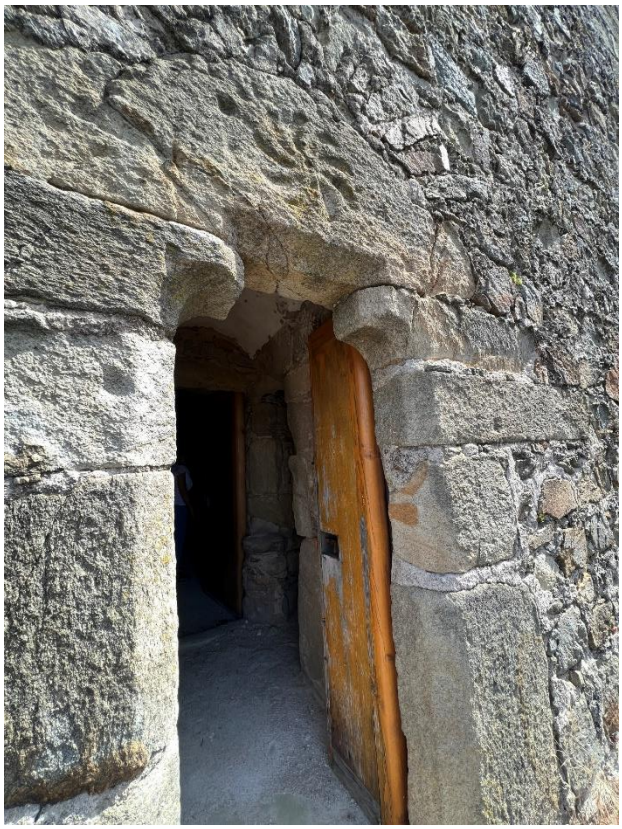


Fig. 47 – Vão de entrada, vista exterior. Torre Norte.

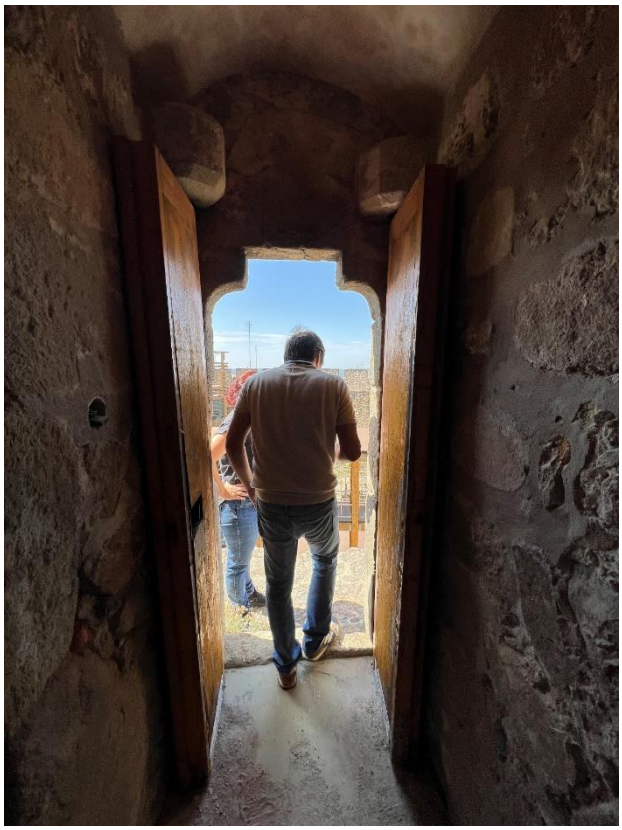


Fig. 48 – Vão de entrada, vista interior. Torre Norte.



Fig. 49 – Nervuras em granito, sala interior. Torre Norte.



Fig. 50 – Escadas de acesso ao eirado. Torre Norte.

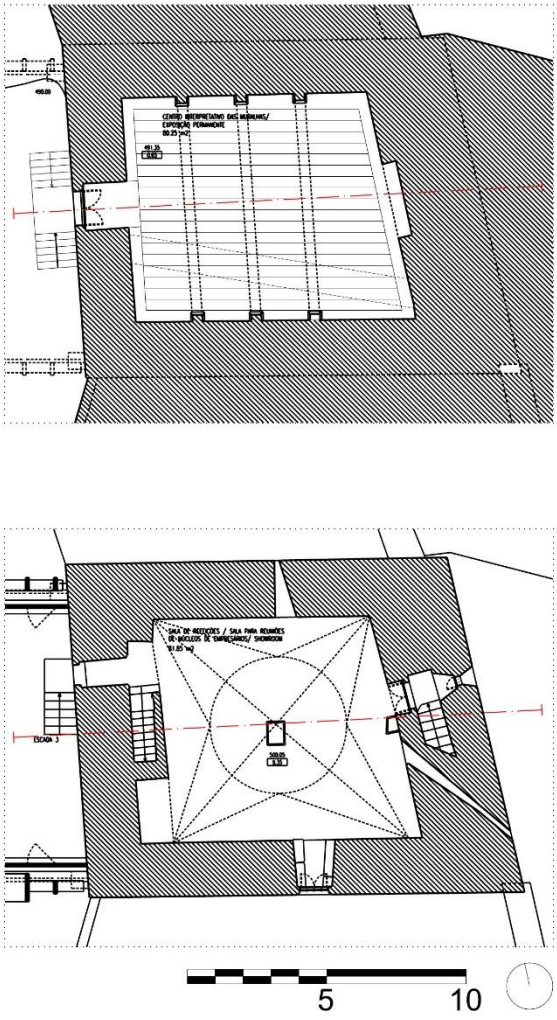


Fig. 51 – Plantas dos Pisos 0 e 1. Torre de Menagem.

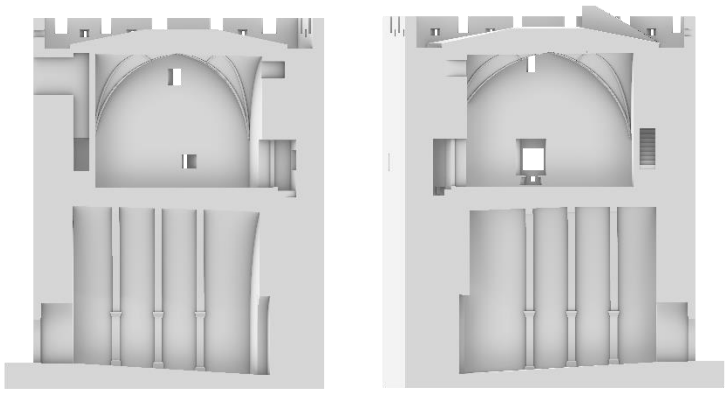


Fig. 52 – Modelo 3D. Torre de Menagem.

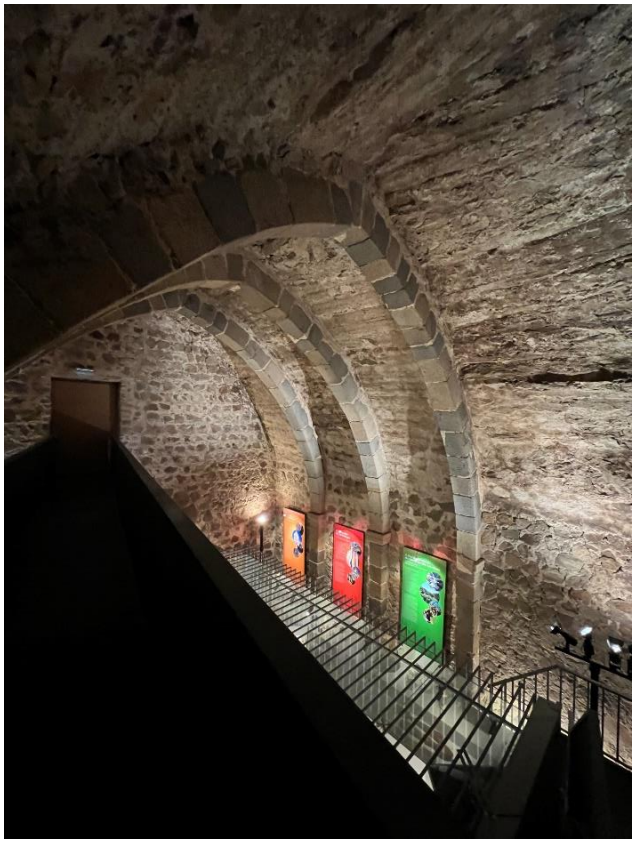


Fig. 53 – Piso 0. Torre de Menagem.



Fig. 54 – Escadas de acesso ao Piso 1. Torre de Menagem.



Fig. 55 – Parede Este, Piso 1. Torre de Menagem.



Fig. 56 – Parede Sul, Piso 1. Torre de Menagem.

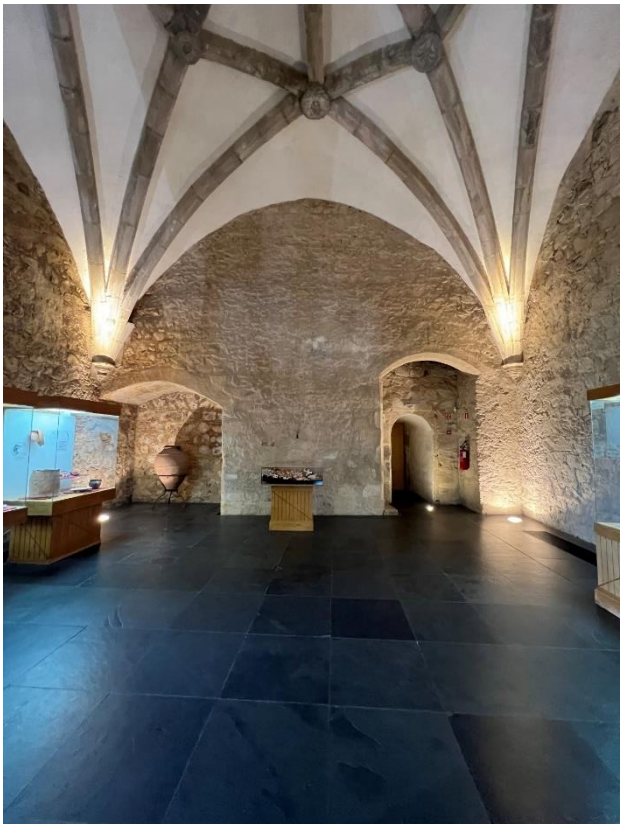


Fig. 57 – Parede Oeste, Piso

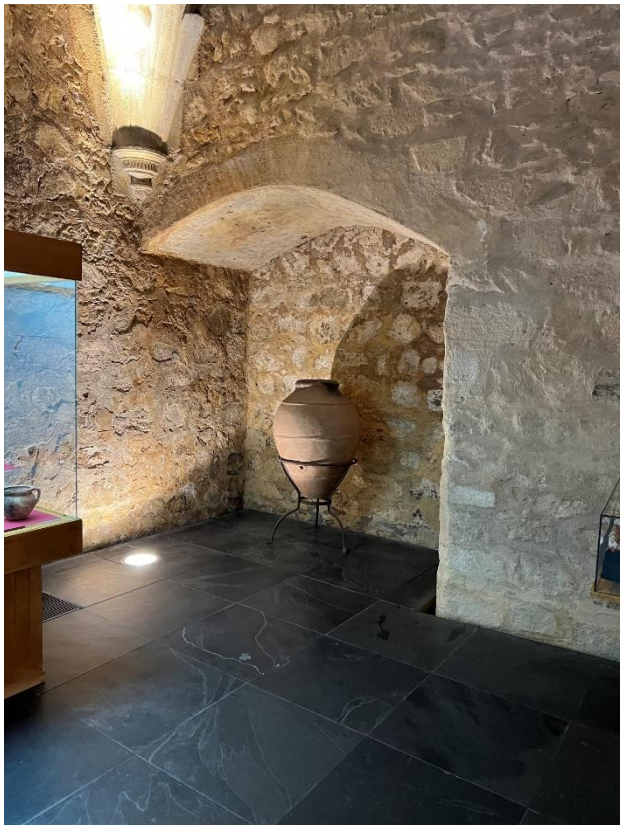


Fig. 58 – Nicho, Piso 1. Torre de Menagem.



Fig. 59 – Conversadeira, Piso 1. Torre de Menagem.



Fig. 60 – Abóbada, Piso 1. Torre de Menagem.



Fig. 61 – Fecho da abóbada, Piso 1 | Torre de Menagem.



Fig. 62 – Impostas da abóbada, Piso 1. Torre de Menagem.

3.2.2 | A Intervenção de Cândido Chuva Gomes

Nas intervenções de 2003 a 2006, o arquiteto adicionou um novo elemento ao castelo: um edifício contemporâneo anexado à torre de Menagem e apoiado nos muros reconstituídos na década de 70. Este novo elemento apresenta uma estrutura em madeira, com ligações metálicas, e compreende três pisos.

No exterior, o edifício possui uma fachada falsa em madeira que o protege da intensa exposição solar, característica da região. O piso térreo é "aberto" para a frente da rua através de enormes envidraçados, os quais são protegidos pelo próprio edifício, proporcionando o sombreamento necessário.

O piso térreo, além da função de receção e bengaleiro, conta com os acessos verticais, (escadas e elevador). No primeiro piso, temos uma sala polivalente e instalações sanitárias. O segundo piso, inicialmente dedicado a *"atividades sociais e de restauração, nomeadamente cafetaria e uma sala para reuniões"*[30] contou posteriormente com a adição de uma cozinha, passando a ter função de restaurante, como forma de dinamizar o edifício.

Ao longo do edifício, podemos observar o uso de lajetas de xisto preto, importadas do Brasil, no revestimento de pavimentos e algumas paredes. Os tetos apresentam vigas estruturais de madeira aparentes, enquanto as caixilharias são em aço inoxidável, material também utilizado para revestir as paredes onde estão inseridas. O arquiteto optou pontualmente por deixar paredes do castelo aparentes.

Nos espaços húmidos, o revestimento dos pavimentos mantém-se, enquanto nas paredes optou pela utilização de pastilhas também de cores escuras, contrastando com as loiças sanitárias e o teto falso branco, além das divisórias fenólicas em cinza-claro e os restantes elementos em aço inoxidável.

A Oeste, o edifício estende-se para o interior do pátio de armas através de umas galerias com dois andares, vocacionadas "*para a realização de um conjunto de eventos culturais e de lazer"*.[30] Estas permitem também apreciar o pátio de armas e observar as estruturas ao redor, embora não lhes permita acesso. No pátio, o arquiteto optou por expor as marcas de algumas construções que existiam anteriormente no local e que estavam soterradas.

Toda a estrutura medieval foi eletrificada, tanto os interiores quanto os exteriores. Nos exteriores, dotou-se a estrutura de iluminação com o intuito de destacá-la durante a noite. Foram instaladas luzes entre as ameias e grandes focos no adarve, iluminando assim as torres Norte e Oeste. Além disso, foram adicionadas janelas em aço inoxidável na maioria dos vãos, e as portas do castelo foram substituídas por novas

portas de madeira. Pequenas intervenções de restauro foram realizadas ao longo de toda a estrutura.

Nas torres, o arquiteto também realizou algumas intervenções, começando pela alteração das escadas de acesso ao vão de entrada da torre de Menagem. O objetivo foi tornar a sala do piso térreo acessível a pessoas com mobilidade reduzida. Para isso, foi instalado uma plataforma elevatória hidráulica no centro do novo elemento.

No interior desta torre, no piso térreo, foi adicionado um piso elevado, revestido com as mesmas lajetas de xisto do edifício contemporâneo, de forma a nivelar o piso desta sala que apresentava uma ligeira inclinação. A Oeste, foi realizada a abertura de um vão, permitindo a ligação ao novo edifício. Este vão foi interligado ao vão elevado já anteriormente referido desta sala, através de uma ponte metálica, limitando o acesso ao primeiro piso da torre apenas pelo edifício contemporâneo.

Posteriormente a estas intervenções, foi adicionada uma "gaiola" de exposição que ocupa quase toda a área da sala. Mais recentemente, como referido no ponto 3.2, foi adicionada uma nova escada que liga o piso térreo à ponte, revertendo as intenções originais do arquiteto e permitindo a utilização da torre de modo independente.

No piso superior, foi também adicionado um novo piso no mesmo material, além de alguma iluminação com o intuito de destacar o teto ornamentado da sala. No adarve, a cobertura foi alterada para uma cobertura em cobre.

Na torre Norte, realizaram-se obras de manutenção das nervuras e o interior foi caiado. No eirado, em concordância com a torre de Menagem, foi colocada uma nova cobertura em cobre, uma solução móvel, sobre as escadas. Um facto curioso é que a sirene dos bombeiros da cidade encontra-se instalada no topo desta torre.

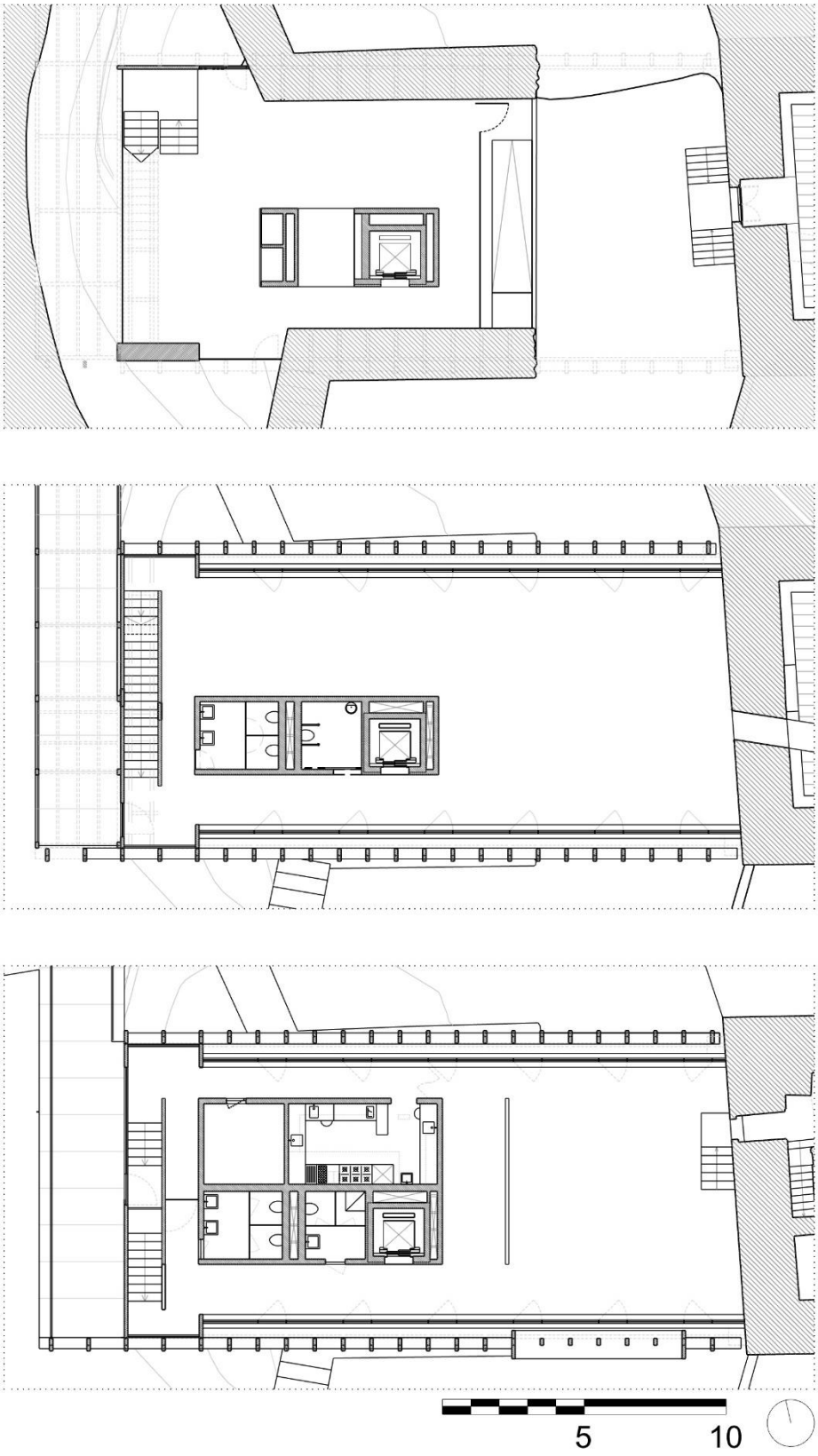


Fig. 63 – Plantas dos Pisos 0, 1 e 2. Adição Contemporânea.



Fig. 64 – Fachada Falsa, Lado Sul. Adição Contemporânea.

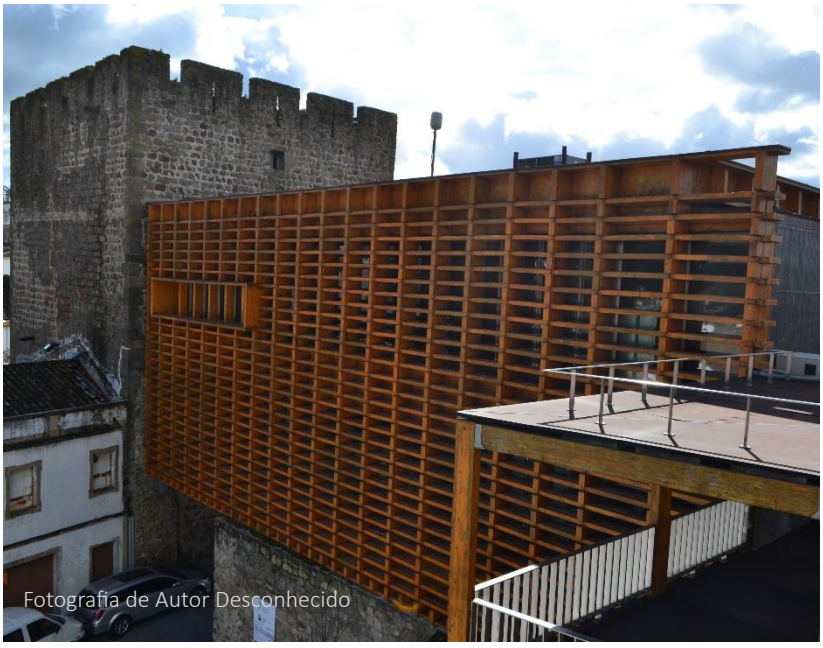


Fig. 65 – Fachada Falsa, Lado Norte. Adição Contemporânea.



Fig. 66 – Entrada. Adição Contemporâneo.



Fig. 67 – Entrada. Torre de Menagem.



Fig. 68 – Receção. Adição Contemporânea.



Fig. 69 – Escadas de acesso ao Piso 1. Adição Contemporânea.



Fig. 70 – Sala Polivalente, Piso 1. Adição Contemporânea.

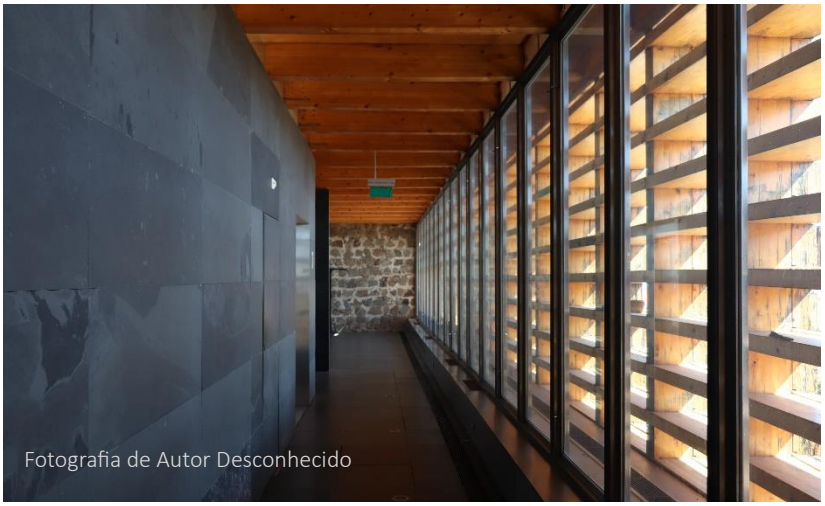


Fig. 71 – Corredor Sul, Piso 2. Adição Contemporânea.



Fig. 72 – Escada de acesso à TM, Piso 2. Adição Contemporânea.



Fig. 73 – Galerias exteriores. Adição Contemporânea.



Fig. 74 – Iluminação exterior. Adição Contemporânea.



Fig. 75 – Gaiola Expositiva. Adição Contemporânea.



Fig. 76 – Deformação da Lage. Piso 1.



Fig. 77 – Elementos estruturais. Piso 0.



Fig. 78 – Reforço estrutural. Piso 1.



Fig. 79 – Porta descaída. Piso 1.



Fig. 80– Galeria Exterior. Piso 1.



Fig. 81 – Degradação da fachada falsa. Piso 2.



Fig. 82 – Deformação estrutural. Piso 2.



Fig. 83 – Caixa de elevador. Piso 2.

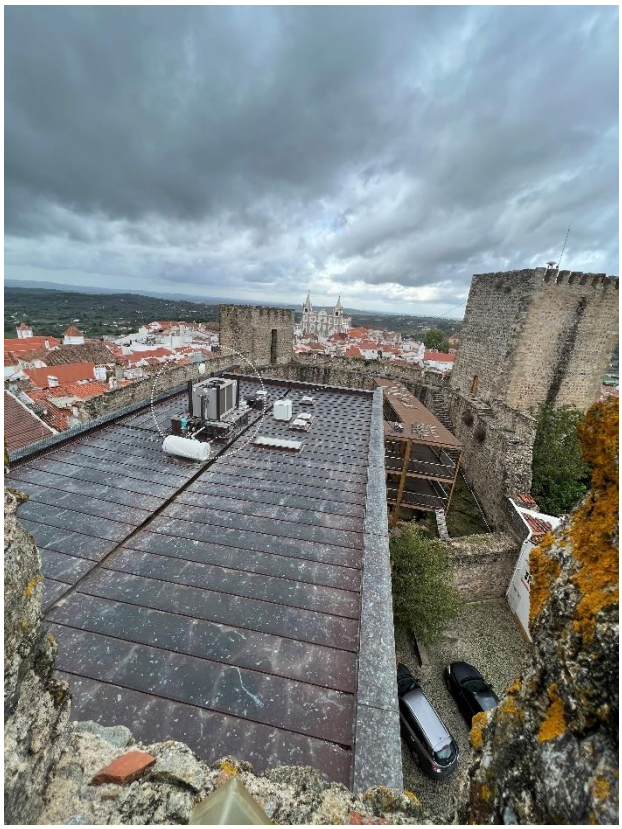


Fig. 84 – Cobertura em cobre.



Fig. 85 – Unidade externa de ar condicionado.



Fig. 86 – Fachada Sul. Vista do adarve.

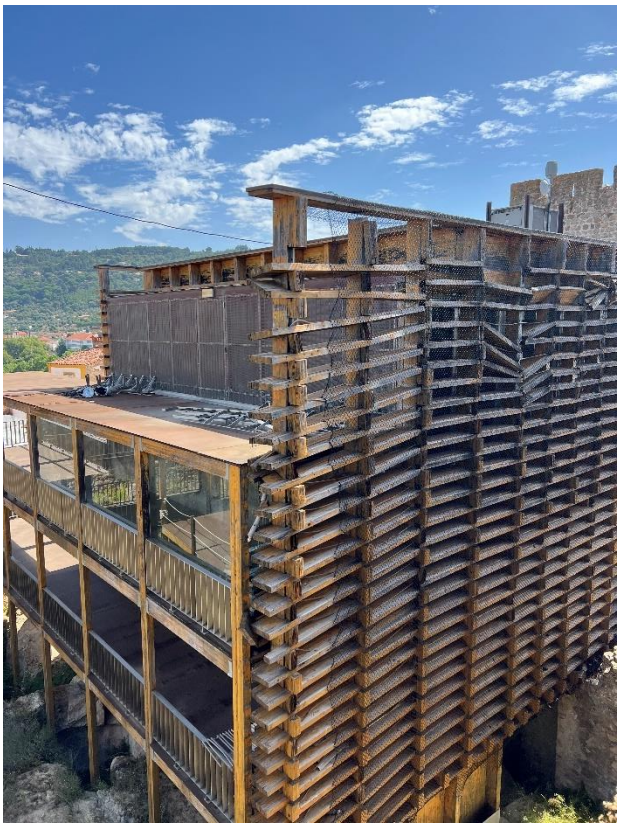


Fig. 87 – Fachada Sul. Vista do adarve.



Fig. 88 – Fachada Sul. Vista da Rua Luiz Barahona.



Fig. 89 –Sinalética de perigo de queda de objetos.



Fig. 90 – Cobertura de escadas. Torre Norte.



Fig. 91 – Cobertura de escadas. Torre Norte.

IV | ENQUADRAMENTO TEÓRICO

4.1 | QUESTÕES DA CONSERVAÇÃO E DA REABILITAÇÃO

É necessário realizar uma breve abordagem histórica sobre o *Restauro* e a *Reabilitação*, percorrendo os principais acontecimentos e figuras, concentrando-nos nos elementos de relevo para a abordagem adotada nesta proposta.

Antes do Renascimento, as intervenções no existente eram executadas de forma pragmática, corrigindo o necessário e aproveitando o possível. Eram utilizadas técnicas e materiais idênticos, dificultando a distinção entre o novo e o antigo.[31]

Devido às adversas condições vividas no início do século XIV, com a falta de alimentos e a Peste Negra que levou à morte de um terço da população europeia, as crenças religiosas diminuíram drasticamente, o que abriu portas a novas crenças, como a admiração por valores do passado. Isso sente-se em Roma, onde cresce uma onda de admiração pelas ruínas e pelos monumentos deixados por povos do passado, levando a uma mudança de paradigma nos círculos intelectuais, da estima pela evolução técnica e moderna para o fascínio pelo mais antigo, embora não se procurasse o retorno a uma era que se considera ultrapassada.[32]

"A origem do conceito de restauro e conservação nasce no momento em que se olha para um passado que se reconhece ultrapassado, distante, com algo que nos afasta, mas que nos inspira devoção." [31]

Vaz, P. (2015)

A primeira proteção conhecida sobre os edifícios é da autoria de Pio II Piccolomini (1458-64), quando escreveu a bula papal "*Cum albam nostram urbem*" em 28 de abril de 1462, adotando medidas que demonstram o crescimento das noções da necessidade de preservação do património, apesar de esta não ter surtido grande efeito.[33] No final do século seguinte, surge a primeira Sociedade de Antiquários de Londres, fundada em 1585. Em 1745, pouco antes do início da Revolução Francesa, a profissão de restaurador foi oficialmente reconhecida em Milão, sendo esta obrigatória para a realização de restauro em pinturas e esculturas públicas. [32]

A Revolução Francesa teve um papel fundamental na história do restauro. O povo, revoltado contra o regime opressor, após a condenação da família real à guilhotina, desencadeou uma onda de destruição contra o património que simbolizasse a monarquia e a igreja.

O povo, que após os bens do clero terem sido colocados à *"disposição da nação"*, teve pela primeira vez a oportunidade de apreciar as

pinturas, esculturas e arquitetura que antes estavam acessíveis apenas às elites francesas. Este facto, aliado à onda de destruição que se vivia no país, gerou uma reação contrária, conduzindo a uma mudança de paradigma na valorização do património.[33]

Este movimento promoveu a consciencialização sobre a importância da sua preservação, resultando na criação de instituições, como a Comissão de Monumentos em 1790, cujo objetivo era catalogar e proteger os monumentos históricos da França. Na mesma direção, foi criada em 14 de junho de 1793, legislação que condenava à pena de prisão quem destruísse patrimônio público.[34]

Estes acontecimentos influenciaram outros países a integrarem políticas públicas sobre a conservação do património. Sentia-se um sentimento de perda e a necessidade de valorização e afirmação dos símbolos nacionais um pouco por toda a Europa, o que os levou a um investimento no restauro do seu património.[35]

Com a Restauração da Monarquia Francesa, a discussão sore o tema do restauro e reabilitação intensifica-se existindo divergências de pensamento.

A filosofia intervencionista era a mais adotada na Europa, tendo como figura principal o frânces, Viollet-le-Duc (1814-1879). Este defendia que os monumentos tinham o direito de permanecer na sua forma original, mesmo que para isso fosse necessário o restauro ou substituição de elementos do mesmo. As adições, também deveriam *"ser conservadas, consolidadas e restauradas dentro do estilo que lhe é próprio."* (in Jokilehto, 1986: 288). [36]

Conceito defendido um século depois por Camilo Boito (1836-1914) e integrado na Carta de Veneza (1964).

Viollet-le-Duc afirmava que os gostos e desejos dos arquitetos restauradores deveriam ser deixados de lado, adotando uma filosofia de humildade e respeito ao colocar-se no papel do arquiteto original e agir como se estivessem seguindo a vontade deste. Ele propunha atuar de maneira fundamentada por meio do conhecimento arqueológico e das técnicas de construção, substituindo o *"conhecimento empírico"* amplamente utilizado na época.[37]

Além disso, acreditava ainda na funcionalidade, entendendo que atribuir uma utilidade a um edifício seria a melhor forma de conservá-lo. E, reconhecia que um edifício poderia não ter sido finalizado ou apresentar erros como deficiências construtivas que necessitassem correção.[38]

Na vertente oposta, encontramos John Ruskin (1819-1900), com uma visão conservadora muito difundida na Inglaterra. Ele defendia a preservação da matéria original dos monumentos e valorizava a pátina, considerando que esta acrescentava valor à história do edifício.

Ruskin alertou contra a construção da época, especialmente durante a Revolução Industrial, que tentava suprimir as necessidades básicas e imediatas, ao invés dos edifícios das gerações que o antecederam, os quais "haviam sido construídos para o coletivo com um sentido de eternidade".[39]

Entre estas duas vertentes surge Boito, engenheiro, arquiteto e historiador de arte, que tentou conjugar estas duas vertentes de pensamento. Este propunha que o restauro deveria ser realizado de forma honesta, evitando *falsos históricos* e permitindo sempre a distinção entre o original e as adições. As adições deviam ser realizadas através da teoria da *essencialização da forma*, de modo a não sobressaírem sobre o original, como descrito na *Carta del Restauro* de 1883, nos Artigos 2 e 3.[40]

No início do século XX, surgiram novas técnicas e sistemas científicos que vieram suportar o restauro, proporcionando melhores condições para a avaliação e análise das reais necessidades dos monumentos.[41]

Alois Riegl (1858-1905) publica, em 1903, O Culto Moderno dos Monumentos, onde defende o pensamento evolutivo e apresenta um conjunto de valores classificativos para monumentos. Esses valores estão subdivididos em duas partes: o valor de antiguidade e histórico, e o valor artístico.[42]

No Congresso Internacional dos Arquitetos de Madrid (1904), estabeleceram-se doutrinas de intervenção para os monumentos “vivos”, que apresentem condições de usufruto para a sociedade, aconselhando-se o restauro caso a conservação não seja suficiente. Quanto aos monumentos “mortos”, que não apresentem utilidade, mas aos quais seja reconhecido valor histórico, deve-se proceder à sua musealização, de modo a conservar o existente e evitar que entrem em estado de ruína.[41]

A Carta de Atenas de 1931 estabelece doutrinas sobre as boas práticas de intervenção no património edificado. No seguimento do que defendia Boito, esta propõe a salvaguarda das adições e que estas sejam percecionadas como tal, utilizando novos materiais. Enfatiza a necessidade de uma função útil, conforme defendia Viollet-Le-Duc, mas esta função deve ser adaptada às condições originais do edifício. Alerta ainda para a necessidade de “limpeza” da poluição visual nas imediações dos monumentos.[43]

Pós-Segunda Guerra Mundial, surge a necessidade de reconstrução das cidades arruinadas, havendo diferentes perspetivas sobre como o realizar. De um lado defendia-se a autenticidade total, enquanto o outro relativizava essa ideia. Em Itália optou-se pela segunda vertente onde se pretendia retornar ao estado primitivo sempre que possível, quando não existia documentação que o permitisse, reconstruia-se por base da *essencialização da forma*.[44]

Cesare Brandi (1906-1988) considerava imprescindível a utilização da ciência na prática do restauro e defendia que este deve ser executado com base na reversibilidade, não comprometendo futuras necessidades de intervenção.[45]

Em 1968, na cidade de Avignon, durante um encontro internacional com o intuito de debater a necessidade de salvaguarda dos tecidos históricos, surge o termo "reabilitação", bastante utilizado nos dias de hoje.

A Carta de Veneza resulta do II Congresso de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos em 1964. Esta estabelece princípios orientadores, não procurando receitas de intervenção, mas reconhecendo as especificidades de cada caso. A carta adota *"uma perspetiva doutrinária, de forma deontológica, definindo critérios de ética na abordagem, fundamentalmente a edifícios históricos."*[46]

Esta defende teses como a utilidade funcional do edifício histórico, aconselhando um programa "natural" de modo a evitar alterações severas. Valoriza a autenticidade das diferentes épocas de construção e alerta para a utilização de materiais adequados, química e fisicamente, com os materiais originais.

No seguimento deste congresso, é criado no ano seguinte, em Varsóvia, o Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios (ICOMOS), uma ONG com o objetivo de promover a conservação e salvaguarda do património cultural arquitetónico a nível global.

No final da década de 60, ganha força a conscientização sobre a salvaguarda ambiental, consequência da expansão dos subúrbios nas grandes cidades, dando enfoque na revitalização dos centros históricos das mesmas, resultando no início dos planos de reabilitação urbanos.[47]

Em resposta à necessidade de preservação ambiental, a reabilitação desempenha um papel fundamental no contexto da sustentabilidade, evitando a demolição de edifícios e revitalizando o patrimônio existente.

"A necessidade de analisar os mesmos ou novos problemas é permanente, aliciante, e próprias ao Homem enquanto ser cultural, pelo que a formulação dos critérios estará sempre em evolução, misto de passado, presente e perspetiva de futuro." [48]

Vaz, P. (2015)

4.2 | UMA TEORIA DE VALOR PARA O CASTELO

Com a evolução da artilharia, o castelo tornou-se obsoleto para a sua função primordial. A par da evolução civilizacional vivida no Ocidente, que conduziu a uma paz relativa, e ao crescimento da cidade fora das muralhas, a estrutura perdeu a sua função defensiva.

A estrutura medieval não sofreu muito com guerras, devido à ausência de conflitos bélicos significativos, e teve várias funções ao longo do tempo. A principal causa do seu desaparecimento parcial deve-se ao aproveitamento da estrutura pela população na construção das suas casas e à necessidade de alargamento de certas ruas, o que levou à demolição da Porta de Elvas e a relocalização da Porta do Postigo.

Com a consciencialização da a importância da preservação do património arquitetónico e artístico, este paradigma mudou, levando consequentemente à realização de várias obras de restauro, referenciadas no ponto 3.2. O edifício encontra-se incluído na Área Protegida da Serra de São Mamede e é classificado como Monumento Nacional desde 29 de junho de 1922. Fatores importantes a ter em conta sobre a necessidade redobrada de pensar e calcular bem toda e qualquer intervenção no local, pelo que foi de extrema importância a realização de uma teoria de valor.

A teoria de valor consiste na análise do edificio de modo a identificar os elementos que apresentam valores que justifiquem a sua perservação para as gerações futuras, bem como os elementos que apresentam riscos na leitura do mesmo ou que possam representar perigos para a sua preservação.

A teoria de valor baseou-se nos seguintes níveis:[49]

Valor elevado: Elementos de cariz patrimonial quer ao nível da tipologia, materiais, processos construtivos, ornamentos e outros elementos arquitetónicos que devem ser preservados no seu estado atual.

Valor médio: Elementos com valor estético, material ou construtivo, mas que necessitam de um outro enquadramento para assegurar o seu lugar qualitativo no processo da reabilitação. Estes elementos podem ser removidos ou reenquadrados sempre que seja vantajoso do ponto de vista qualitativo para o projeto e para o programa, desde que a ação determinada não ponha em causa a leitura e a identidade do edificado.

Pouco valor: Elementos sem valor patrimonial, material, construtivo ou estético que possam comprometer aspetos de estabilidade do edifício, provocar danos às superfícies ou comprometer a leitura identitária do edificado. Estes elementos podem originar ações de demolição ou substituição, porém nunca colocando em causa a leitura e qualidade do objeto edificado.

A utilização do 3.º nível foi mais abrangente do que a sua defenição devido ao valor autoral e material apresentado na adição de Cândido Chuva Gomes. Este apresenta problemas estruturais graves e a sua condição de degradação é avançada como demonstra o ponto 3.3. O edifício apresenta riscos para a estrutura do castelo e para a população. Como já referido, a CMP solicitou um relatório ao LNEC para ter conhecimento do nível dos danos estruturais deste edifício, de modo a poder atuar na sua desmantelação ou restauro, caso possível. Neste trabalho académico, seguir-se-á a primeira hipótese e será criada uma proposta alternativa para este elemento.

Foram ainda tidos em conta os os valores teoricos de Alois Riegl. O *valor histórico*, o *valor de antiguidade* e o *valor artístico.* Complementando a análise com o valor estrutural e o valor de utilidade.

[49] Esta teoria de valor baseia-se nos conhecimentos adquiridos no exercício proposto no 1º Semestre do 4º Ano do curso, na unidade curricular de Laboratório de Projeto IV na qual intervencionamos no Museu Nacional de História Natural e da Ciência, classificando algumas componentes do edifício de modo a elaborarmos a teoria de valor.

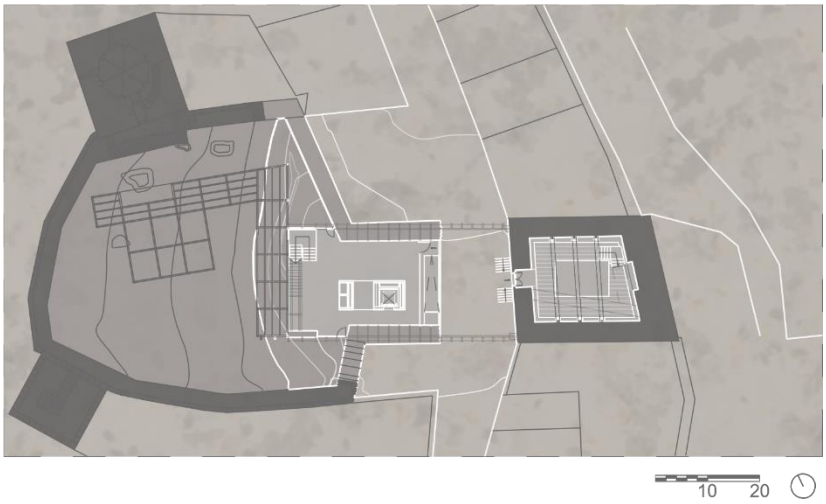


Fig. 92 – Teoria de Valor | Piso 0

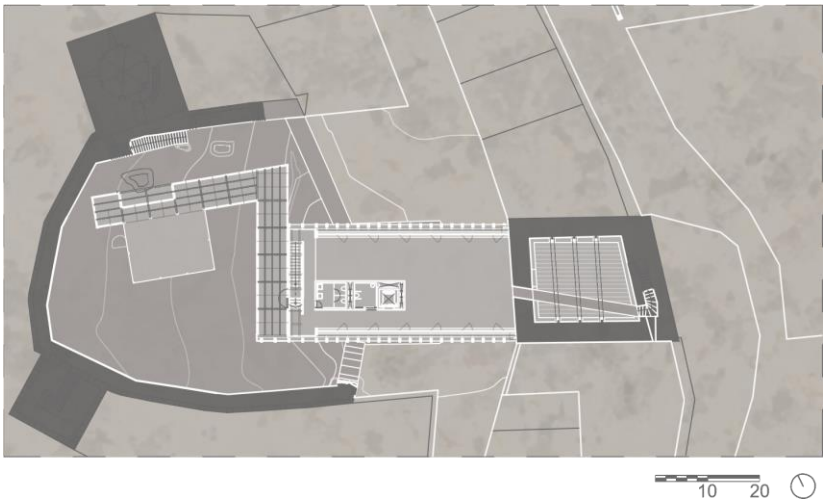


Fig. 93 – Teoria de Valor | Piso 1

Valor elevado

Valor médio

Pouco valor

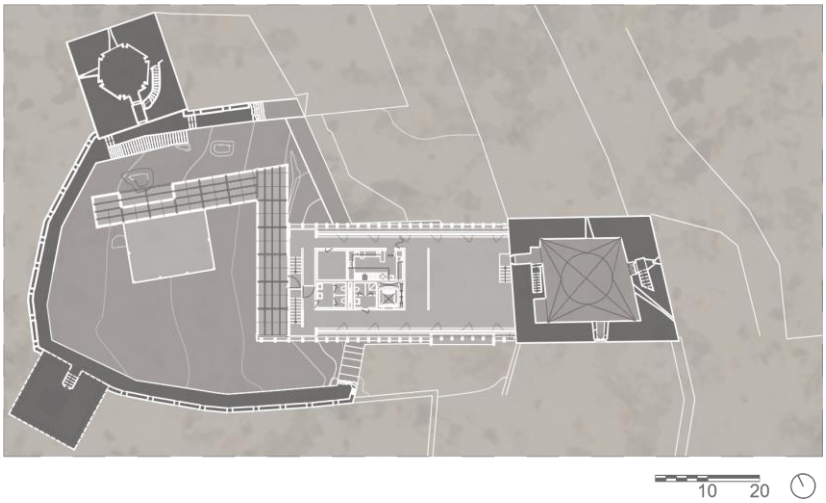


Fig. 94 – Teoria de Valor | Piso 2

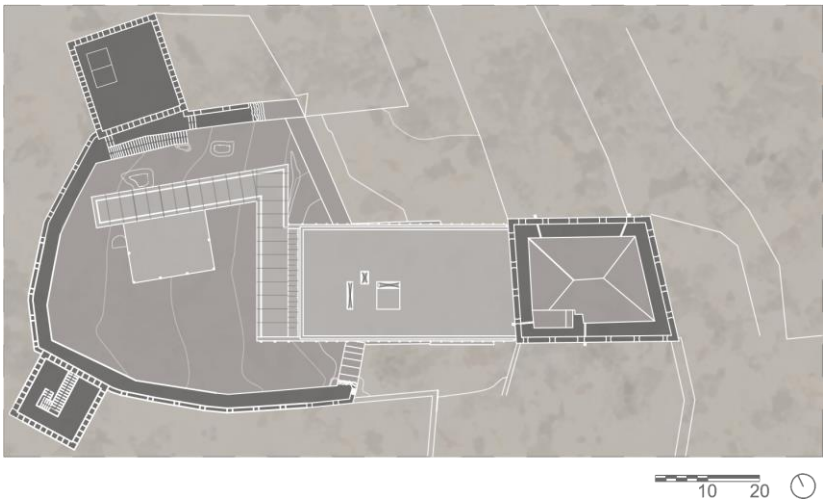


Fig. 95 – Teoria de Valor | Cobertura

Valor elevado

Valor médio

Pouco valor

V | CASOS DE REFERÊNCIA

5.1 | CASOS DE REFERÊNCIA

A análise e visita aos casos de referência escolhidos têm como função principal o auxílio e a fundamentação das decisões tomadas nesta proposta. Para isso, elegi três casos de estudo que apresentassem similaridades programáticas, materiais, atitudes plásticas ou filosofias de intervenção com o pretendido.

Para além destes três casos de referência principais apresentados de seguida, visitei e/ou inspirei-me em algumas outras intervenções.

Visitei o Castelo de Marvão, que também faz parte dos castelos da raia, onde pude observar uma intervenção mais sóbria. Este castelo, que compreende habitação e comércio intramuralhas, não inclui edifícios contemporâneos em seu auxílio, sendo utilizada uma filosofia na qual se intervém estritamente no necessário, mantendo a estrutura medieval a mais próxima do original possível (Fig. X).

Por contraste, as formas orgânicas do *Metropol Parasol*, do arquiteto alemão Jürgen Mayer, mais conhecido como *Setas de Sevilha*, também acabaram por inspirar algum do mobiliário fixo e na possibilidade dos jogos de luzes que o caracterizam. Este tem como similaridade com o Castelo de Portalegre a função de miradouro no centro da cidade (Fig. X).

Os expositores propostos, apresentados no próximo capítulo, foram inspirados nos icónicos expositores do *Museu de Arte de São Paulo* (MASP), da autoria de Lina Bo Bardi. Estes são conhecidos por fazerem parecer que as obras estão a flutuar (Fig. X).

Já o vão saliente na fachada Oeste da torre de menagem foi inspirado em uma estrutura envidraçada saliente do *Castello di Rivoli*, em Turim. Este elemento foi adicionado ao castelo nas intervenções realizadas por Andrea Bruno, inauguradas em 1984 (Fig. X).



Fig. 96 – Torre de menagem. Castelo de Marvão.



Fig. 97 – Miradouro. Setas de Sevilha.



Fig. 98 – Expositores de Lina Bo Bardi. MASP.



Fig. 99 – Estrutura envidraçada saliente. Castello di Rivoli.

5.1.1 | Centro de Visitantes do Castelo de Pombal

Arquitetos | COMOCO

Luís Miguel Correia, Nelson Mota, Susana Constantino

Data de Intervenção | 2004 – 2012

Programa | Centro de Visitantes do Castelo de Pomba

Área de Intervenção | 1 200 m^2

Pertinências | Plasticidade da forma e dos materiais utilizados

Entre 2004-2012, os arquitetos do atelier Comoco intervieram no Castelo de Pombal e em toda a sua envolvente, criando um sistema de percursos que nos levam até ao castelo, realizando pequenas adições ao longo destes.

À entrada do castelo, foi adicionado um edifício com programa de cafetaria, oferecendo uma vista privilegiada sobre a cidade com o intuito de atrair a população e os turistas ao local.

Intramuros, os arquitetos optaram por uma atitude pouco intrusiva. Foi adicionado um pequeno elemento com a finalidade de ser o ponto de informação do local, permitindo, através da sua cobertura, observar um dos elementos de destaque do conjunto: uma janela Manuelina.

Na torre de menagem, foi adicionada uma estrutura metálica revestida a aço corten: uma escadaria que leva à varanda de acesso à torre. O interior conta com uma exposição que narra a história da estrutura medieval e inclui acessos verticais até ao adarve, oferecendo um verdadeiro miradouro sobre a cidade de Pombal (Fig. 100).

A intervenção apresenta semelhanças a nível programático e nas intenções plásticas, apesar das intenções de materialidades serem diferentes, tentando criar uma adaptabilidade maior com as necessidades e características do Castelo de Portalegre. A análise e visita a este caso de referência foi de extrema importância na realização desta proposta. A influência deste caso pode ser notada nas guardas, inspiradas nas presentes no Castelo de Pombal, e nas formas arredondadas inspiradas no detalhe da guarda existente na cobertura do ponto de informação (Fig. X).



Fig. 100 – Escada de acesso à torre de menagem. Castelo de Pombal.



Fig. 101 – Ponto de informação. Castelo de Pombal.

5.1.2 | *À Conquista do Castelo* | Castelo dos Mouros, Sintra

Arquitetos | Ubiquidade

Data de Intervenção | 2009 – 2015

Programa | Centro de Interpretação da História do Castelo dos Mouros, Musealização do Campo de Investigação Arqueológica

Área de Intervenção | 12.000 m^2

Pertinências | Restauro das muralhas, programa

Em 1995, o centro histórico de Sintra foi classificado como Património Mundial pela UNESCO. O Castelo dos Mouros é parte integrante deste e, tal como o Castelo de Portalegre, este é classificado como Monumento Nacional e encontra-se numa área protegida, o Parque Natural de Sintra-Cascais. Por estas similaridades, não poderia deixar de ser um caso de referência nesta proposta.

Entre 2009 e 2015, o Castelo dos Mouros passou por intervenções com o objetivo de criar o Centro de Interpretação da História do Castelo dos Mouros. Nesta intervenção, o castelo foi sujeito a obras de restauro e foram adicionadas pontualmente infraestruturas necessárias à sua visita, como o núcleo principal onde se encontra a loja/receção, as instalações sanitárias, uma pequena cafetaria e uma estrutura que permite observar zonas arqueológicas. Foi ainda adicionado mobiliário urbano e algumas guardas ao longo do castelo.

Os arquitetos optaram por estruturas metálicas de forma a permitir uma maior reversibilidade, integralmente revestidas com madeiras retiradas da Serra de Sintra, fruto da limpeza da mesma. Desta forma, conseguiram uma maior sustentabilidade nesta intervenção. O clima da região permite a utilização deste material nos exteriores, o que não se verifica em Portalegre.

A nível programático, esta intervenção é bastante semelhante à proposta deste documento, apesar de ter dimensões completamente distintas. Foi útil a visita e a sua análise em termos de perceção dos elementos de iluminação, principalmente a utilização do mobiliário urbano com esse fim (Fig. X), a maneira como o novo e o antigo comunicam (Fig. X) e o estado de conservação e manutenção das muralhas.

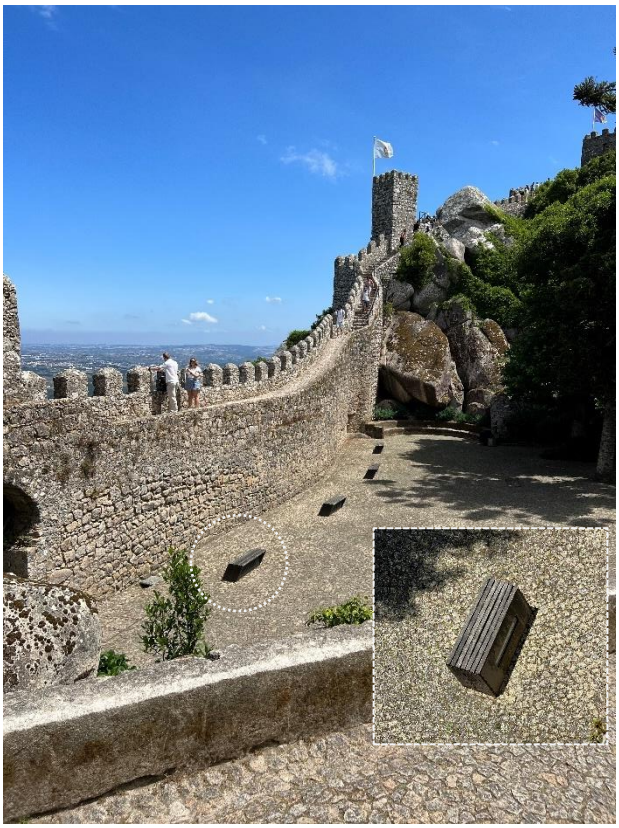


Fig. 102 – Mobiliário Urbano. Castelo dos Mouros.



Fig. 103 – Essencialização da forma. Castelo dos Mouros.

5.1.3 | Valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra

Arquitetos | Atelier 15

Alexandre Alves e Sérgio Costa c/ Luís Urbano

Data de Intervenção | 2002 – 2008

Programa | Centro de Interpretação do Mosteiro de Santa Clara

Área de Intervenção | 28 000 m^2

Pertinências | Programa, conceito e filosofia de intervenção

"Testemunho do poder destrutivo do tempo e do triunfo da mãe natureza sobre a cultura (...)", este que tanto sofreu com as águas do Mondego, foi finalmente devolvido à população em 2008. Esta intervenção teve como objetivo a *"musealização da igreja e das ruínas"*. Foi criado um edifício a sul, onde se encontra a receção/loja, um auditório de pequenas dimensões, uma cafetaria, instalações sanitárias e o espaço museológico, sempre com o mosteiro de fundo.[X]

Este elemento foi concebido de modo a não competir com o mosteiro, sendo a zona de construção afastada e tendo a sua fachada norte toda em vidro, funcionando como um espelho. O acesso às ruínas é feito através de um sistema de passadiços em madeira que nos conduzem até ao mosteiro e pontualmente criam zonas de observação do mesmo. Nas ruínas, eliminaram-se todos os elementos espúrios para permitir uma leitura mais limpa e adicionaram-se alguns pavimentos nas zonas necessárias. Também foi adicionada uma escada em caracol, elemento marcante da intervenção

"Foi nossa posição de princípio que qualquer obra de arquitetura, por mais importante que seja do ponto de vista patrimonial, integra ou arruinada, deve ser visitada livremente, sem imposições de percurso que obriguem a visões parciais ou tenham implícitas interpretações não verificáveis senão por quem teve acesso a toda a informação." [50]

Esta filosofia foi seguida na realização desta proposta, sendo a maior mais-valia deste caso de referência, para além das questões programáticas semelhantes. Foi também importante nas noções



Fig. 104 – Adição Contemporânea. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

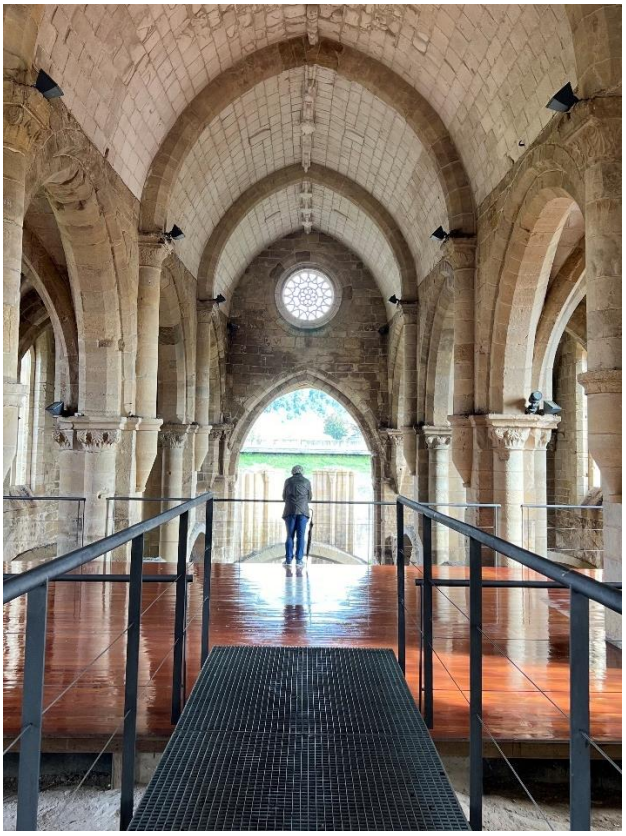


Fig. 105 – Passadiços de observação. Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

VI | PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

6.1 | PROPOSTA URBANA

A envolvente do castelo encontra-se sobrelotada de construção. Não considerando oportuno o desventramento da envolvente do castelo, restou "pouca margem de manobra" no que diz respeito a uma intervenção urbana.

A estrutura medieval compreendida na Rua Luiz Barahona, uma rua secundária do centro histórico, de teor habitacional, tem pouca afluência devido ao encerramento do castelo. Associada à densa construção adjacente em seu redor, a estrutura passa despercebida no quotidiano dos portalegrenses.

Numa tentativa de mudar esse paradigma e aproveitar a existência de um entroncamento a Norte com a Rua do Carmo, uma das vias principais e de maior tráfego do Centro Histórico, e o cruzamento a Sul com a Rua 19 de Junho, esta com bastante afluência de pedestres, é proposta uma marcação subtil no pavimento, com lajetas de granito jateado ao centro da rua, que guie os visitantes ao castelo, com o auxílio das placas de indicação do edifício já existentes. Estratégia utilizada em Castelo de Vide.

Mantém-se o pavimento em granito entre a TM e o Pátio, adicionado em 2006, propondo-se uma pequena intervenção de restauro nas lajetas que apresentem danos, e a substituição daquelas localizadas sob o local por onde antes passavam os panos de muralhas destruídos, por lajetas do mesmo material, mas com uma tonalidade diferente, simbolizando esses elementos desaparecidos.

É proposta a colocação de bolardos nas imediações do castelo e da adição proposta, criando uma zona segura para os visitantes, uma vez que esta rua não apresenta passeios para os pedestres e evitando o estacionamento indevido. Com o mesmo intuito, propõe-se a instalação de pilaretes retráteis no local por onde antes passavam os panos de muralha que ligavam a estrutura, com o objetivo de criar uma zona segura de circulação durante a realização de eventos no local, como feiras medievais. Isso permitirá a abertura do pátio de armas para a rua, quando necessário.

Considerando a intervenção no Pátio de Armas como proposta urbana, este está separado da rua através de um portão de correr, que permite a ligação visual entre o interior e o exterior. O pátio encontra-se dividido em três patamares.

O primeiro, à cota da rua, é o local por onde as visitas à estrutura começam. Este dá acesso a uma escadaria, onde, a Norte, adotando a linguagem das bancadas do anfiteatro, apresenta zonas de descanso e apreciação da TM.

Através dessa escadaria, acedemos ao segundo patamar, onde, numa filosofia polivalente, o local tem função de palco.

O terceiro patamar pode ser acedido através da escadaria, que contém a bancada do anfiteatro, ou do sistema de rampas que o liga ao segundo patamar. Existe ainda a possibilidade de acesso através da cafeteria, também por meio de uma rampa, permitindo a mobilidade reduzida em todo o pátio. Este patamar é amplo e segue igualmente uma filosofia de polivalência.

Nos pavimentos, utiliza-se o granito jateado nas rampas, escadas e bancadas. O restante pavimento será revestido com gravilha com resina, garantindo superfícies antiderrapantes e permeáveis. Os gradeamentos em alumínio e as escadas em alumínio e aço, ambos lacados com relevo em cinza (da marca Schlüter ou similar).

O adarve é acedido através deste patamar de duas formas: pela via original, a Norte, através da escadaria medieval, ou pela escada metálica proposta a Sul. Desta forma, cria-se uma alternativa de circulação circular no caminho de ronda, evitando impasses ou cruzamentos entre os visitantes. Isto proporciona uma maior segurança, uma vez que o adarve não apresenta guardas.

Os vestígios de antigas construções desenterradas em 2005 pela equipa da Ocrima e deixadas ao descoberto por Cândido Chuva Gomes voltam a ser soterradas, salvaguardando a sua existência.

Para a construção da adição pretendida, de modo a albergar o programa estipulado, resta um pequeno espaço a Norte, com de 99.42 m² de área.

O novo edifício proposto apresenta uma área total de intervenção de 418,40 m² e divide-se em quatro pisos. Este compreende o propósito de apoiar e dotar o Castelo de Portalegre com infraestruturas necessárias aos dias de hoje, idealizado fora da área de Implantação da estrutura, de forma a libertar o pátio de armas de construção.

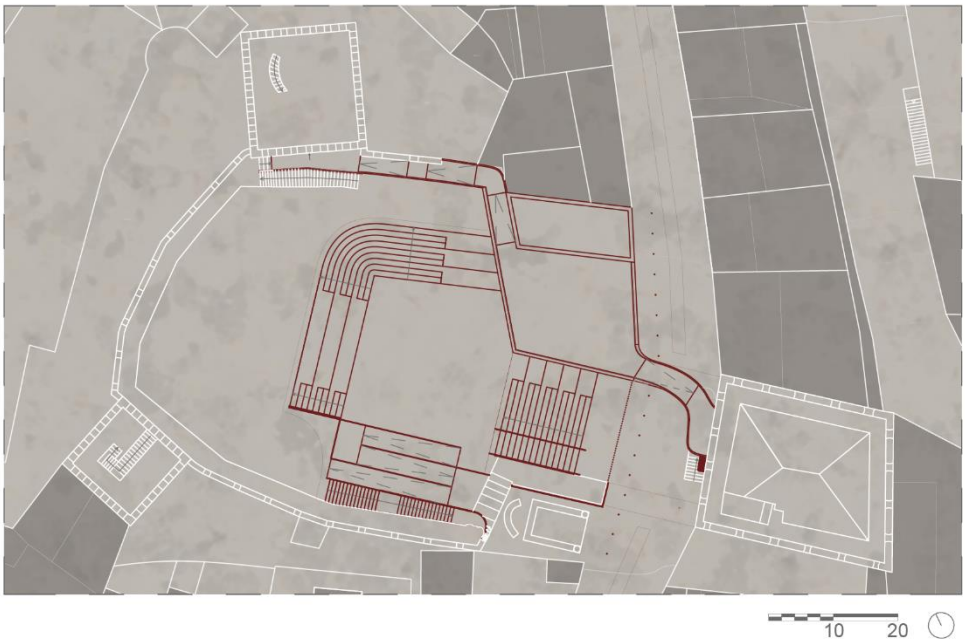


Fig. 106 – Planta de coberturas. Proposto.

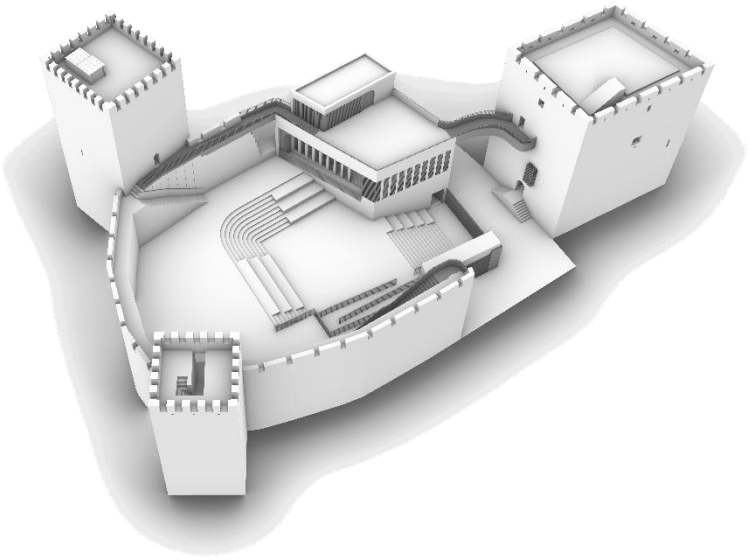


Fig. 107 – Modelo 3D. Proposto.



Fig. 108 – Vista, Pátio de Armas. Proposto.

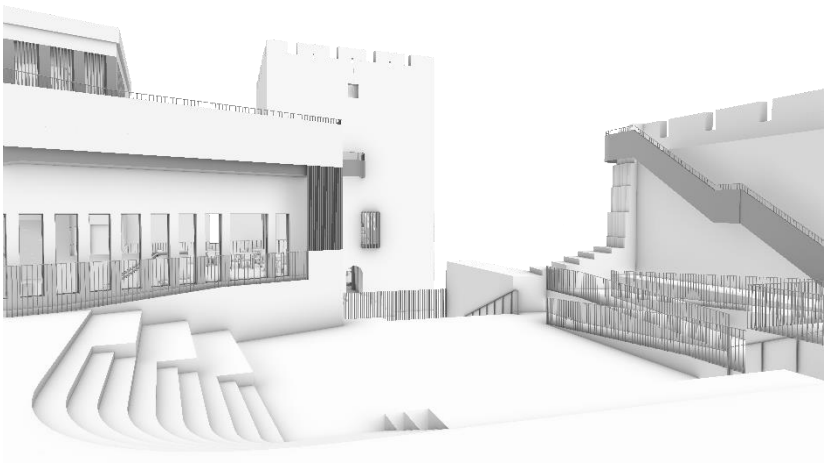


Fig. 109 – Vista, Pátio de Armas. Proposto.

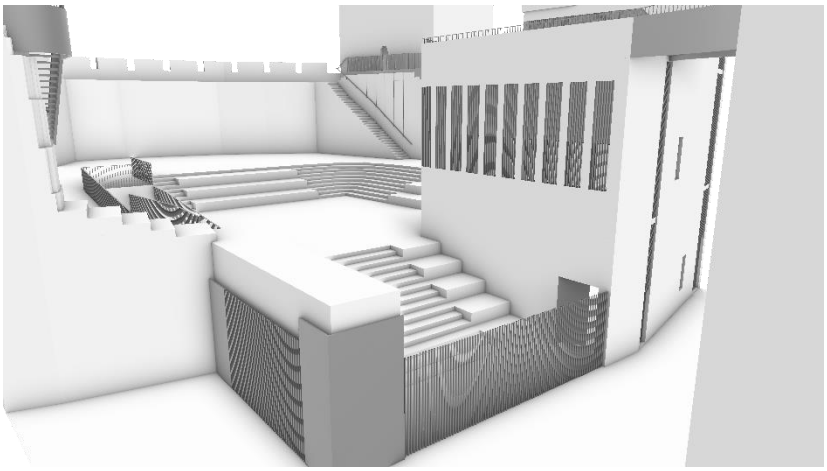


Fig. 110 – Vista, Pátio de Armas. Proposto.

6.2 | PROGRAMA

Como já referido no ponto 1.2, o programa desta proposta teve como objetivo responder às necessidades identificadas pela CM e atender às críticas dos populares. Foi também realizada uma análise da envolvente para perceber as necessidades locais, chegando assim à formulação final deste programa.

Um dos objetivos é evitar que este se torne um edifício de visita única, pois o turismo, por si só, não seria suficiente para o manter e justificar esta adição. Além disso, pretende-se ir ao encontro do defendido por Viollet-le-Duc e presente também na Carta de Veneza, que advoga a necessidade de os edifícios terem uma função útil para evitar que fiquem devolutos, sendo essa a melhor maneira de os conservar.

Pretende-se criar um programa variado; para isso, propõe-se a criação de espaços que possam funcionar de forma independente e de espaços polivalentes, proporcionando uma maior adaptabilidade às necessidades que o presente e o futuro apresentem.

O programa é composto por:

ADIÇÃO	Arquivo Privado	PISO -1 | CAVE
	Arquivo Público-privado	
	Bengaleiro (cacifos)	
	IS Masculina	
	IS Feminina	
	IS Mobilidade Reduzida	
PROPOSTA	Receção	PISO 0 | ENTRADA
	Loja	
	Cafetaria	PISO 1
	Cowork	
	IS Mista	PISO 2

Espaço Polivalente Anfiteatro	PÁTIO DE ARMAS
Zona Expositiva	TORRE NORTE
Salas Polivalentes	TORRE DE MENAGEM

6.3 | ORGANIZAÇÃO E DESTRIBUIÇÃO ESPACIAL

A entrada no edifício faz-se a Este, através de um hall de distribuição que permite o acesso ao núcleo de acessos verticais e à receção (piso 0). Esta separação entre os espaços e o núcleo visa possibilitar o isolamento do último espaço mencionado, permitindo o funcionamento alargado da cafetaria (piso 1).

Este núcleo compreende um elemento central, com funções distintas em cada piso. No piso-1, serve como nicho utilizado para a bancada da casa de banho; no piso 0, funciona como expositor; nos pisos 1 e 2, volta a ser utilizado como nicho, abrigando a copa da cafeteria e as loiças sanitárias, respetivamente. Na zona das escadas compreende ainda, um corrimão embutido.

Os pisos-1[51] e 2 abrigam os serviços do edifício, sendo que o segundo permite o acesso ao terraço, que por sua vez distribui para a TN e TM através duas pontes propostas. Estes elementos são de extrema importância, unificando o conjunto e criando a possibilidade de acesso às três torres pelo adarve.

Percursos de Visita

A visita ao castelo foi concebida com base na filosofia abordada pelos arquitetos do Atelier 15 no caso de referência abordado no ponto 5.1.3, "[…] *sem imposições de percursos que obriguem a visões parciais ou tenham implícitas interpretações não verificáveis senão por quem teve acesso a toda a informação."* [50]

Este fator não implica que os percursos não tenham sido cuidadosamente pensados. Foram adicionados alguns elementos com o intuito de proporcionar uma visita mais segura, fluida, e inclusiva criando assim uma melhor experiência para os visitantes.

Alguns desses elementos são os acessos verticais já referenciados no pátio, a adição de um corrimão suspenso na escada medieval, o sistema composto pelas duas pontes e o terraço já mencionado, que

[51] Este piso subdivide-se entre zona pública e zona privada, como os restantes, mas uma parte dos arquivos (zona privada), pode ser aberta ao público, permitindo a sua visita, tal como acontece no Museu de História Natural de Berlim.
Esta IS acomoda também o fraldário e um chuveiro.
Existem dois arrumos distintos: um localizado na instalação sanitária masculina, sob as escadas, destinado a guardar materiais de limpeza e manutenção do espaço; o outro está no armário embutido, aproveitando o espaço para armazenamento útil ao centro interpretativo.
O bengaleiro é realizado através de cacifos, evitando a necessidade de mais um funcionário no local, o que atendendo à afluência esperada não se justificava.

permite a circulação entre as três torres, e a adição de uma nova escada no piso 0 da TM, interligada à ponte metálica já existente.

O percurso, apesar de livre, começa e termina onde pretendido. Após a compra do bilhete na receção, temos acesso ao pátio de armas, onde se faz sentir a imponência da construção medieval. Neste espaço exterior, há duas possibilidades de percurso. Após a visita à TO e TN, e de apreciadas as vistas da cidade a partir dos vários elementos percorridos, esta etapa conclui-se inevitavelmente no terraço da adição proposta. Este terraço dá acesso à TM, onde ainda encontramos três espaços passíveis de visita, sendo esta a torre mais trabalhada do conjunto. O fim da visita realiza-se através do "vão de saída", no piso 0 da TM, regressando à rua de acesso ao castelo, criando assim uma visita com início, meio e fim.

Percursos de Visita – Mobilidade Reduzida

A criação de condições para a mobilidade reduzida foi considerada como um dos objetivos principais da proposta. Através da implementação de diversas estratégias, tornou-se possível o acesso da grande maioria dos espaços do castelo por este grupo de indivíduos, sendo excluídos apenas os eirados das três torres e um troço do adarve.

O acesso ao piso térreo da TM é viabilizado pela plataforma elevatória instalada por Cândido Chuva Gomes, a qual será preservada e restaurada. O acesso aos diferentes pisos da extensão contemporânea é assegurado por um elevador, proporcionando a ligação com a estrutura medieval.

Por meio de uma rampa situada na varanda da cafetaria (piso 1), alcança-se o pátio de armas, onde um sistema de rampas facilita a circulação entre o segundo e o terceiro patamar. O acesso ao adarve, à TN e à sala superior da TM é garantido pelo segundo piso da adição contemporânea, através das pontes em rampa adicionadas.

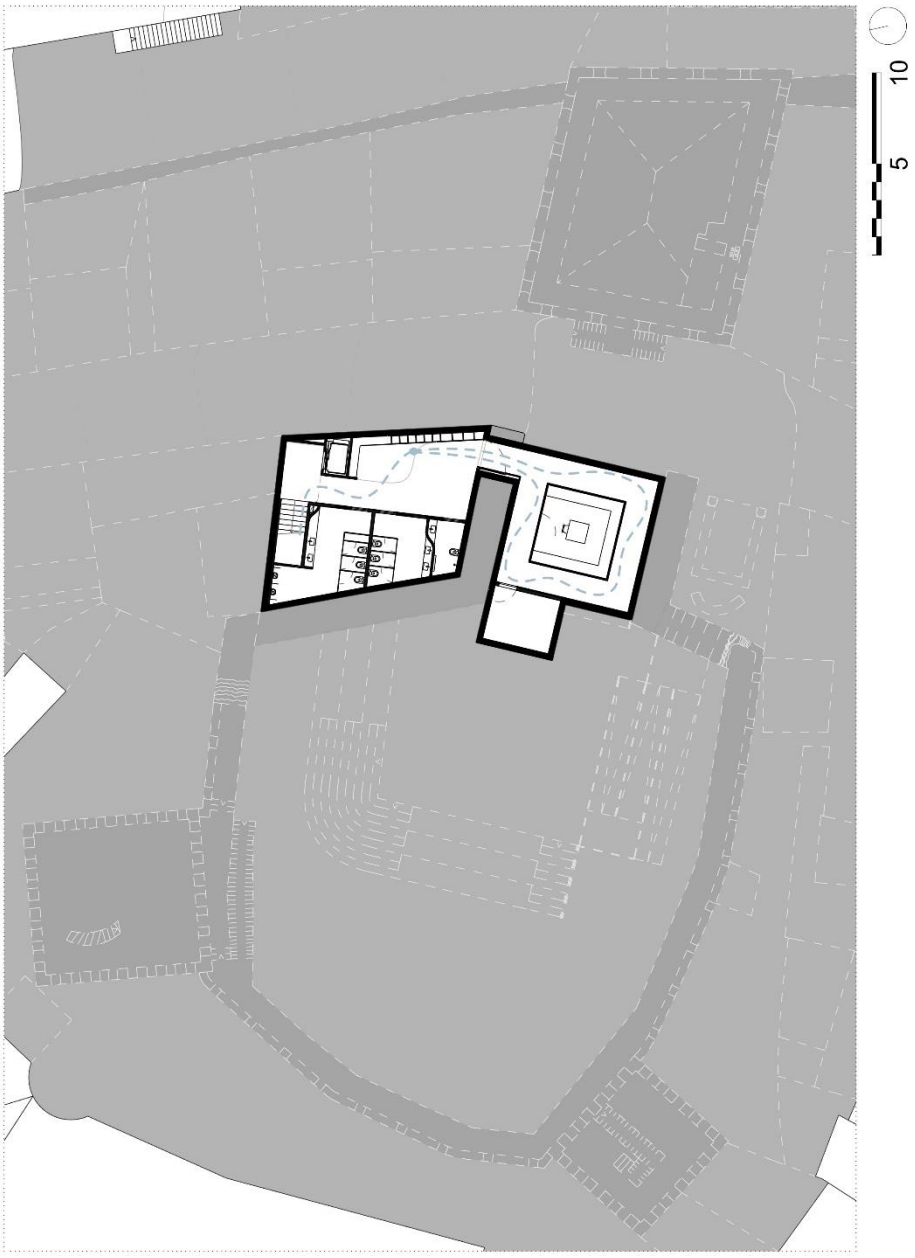


Fig. 111 – Piso-1. Percursos. Proposto.

Percurso sem Bilhete

Percurso com Bilhete

Percurso com Bilhete – Mobilidade Reduzida



Fig. 112 – Piso 0. Percursos. Proposto

Percurso sem Bilhete

Percurso com Bilhete

Percurso com Bilhete – Mobilidade Reduzida

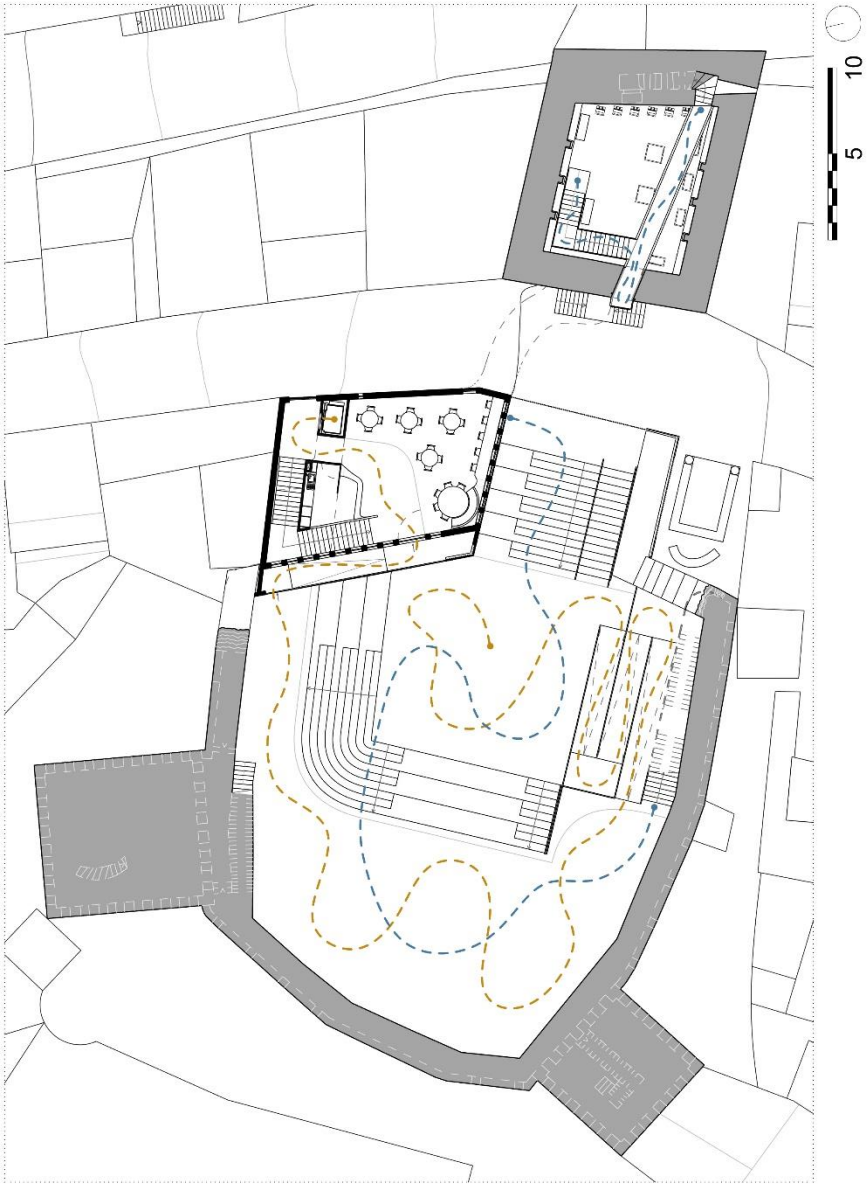


Fig. 113 – Piso 1. Percursos. Proposto.

Percurso sem Bilhete

Percurso com Bilhete

Percurso com Bilhete – Mobilidade Reduzida

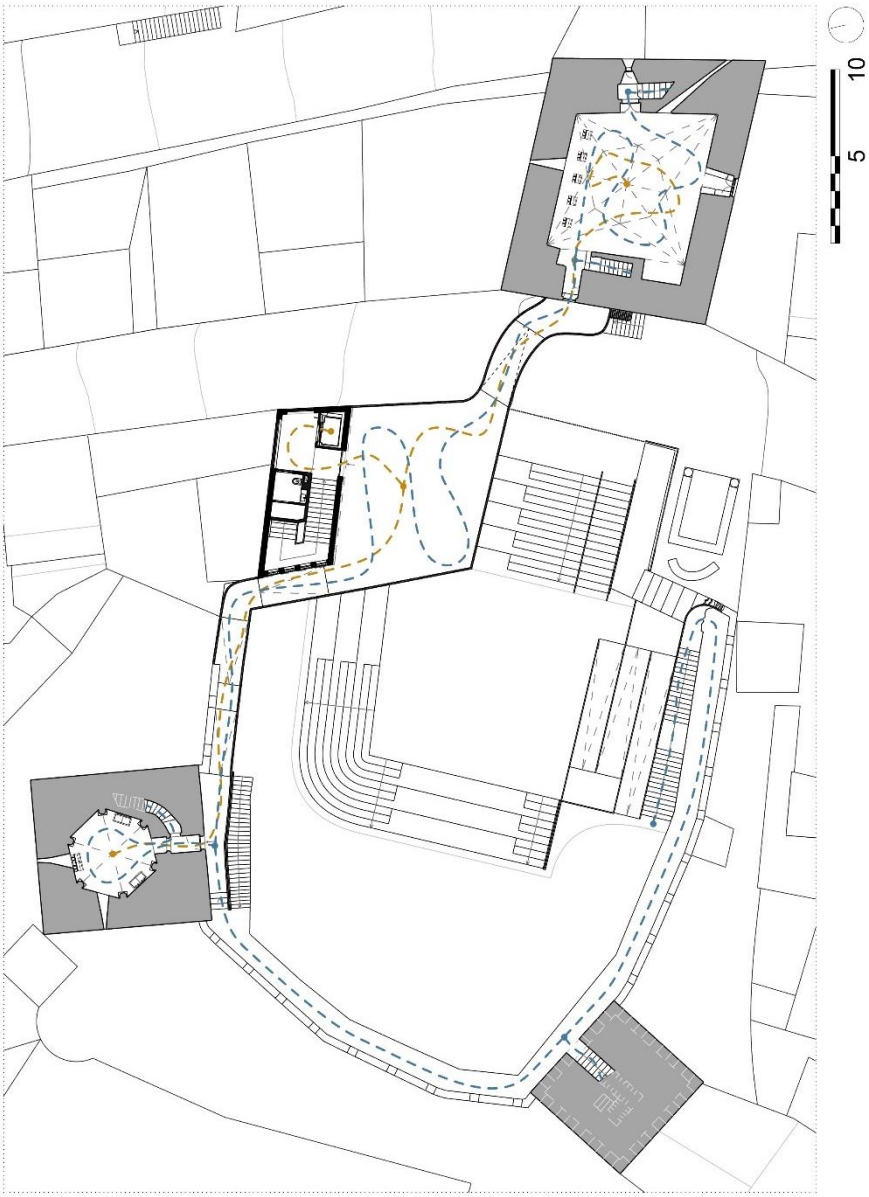


Fig. X – Piso 114. Percursos. Proposto.

Percurso sem Bilhete

Percurso com Bilhete

Percurso com Bilhete – Mobilidade Reduzida

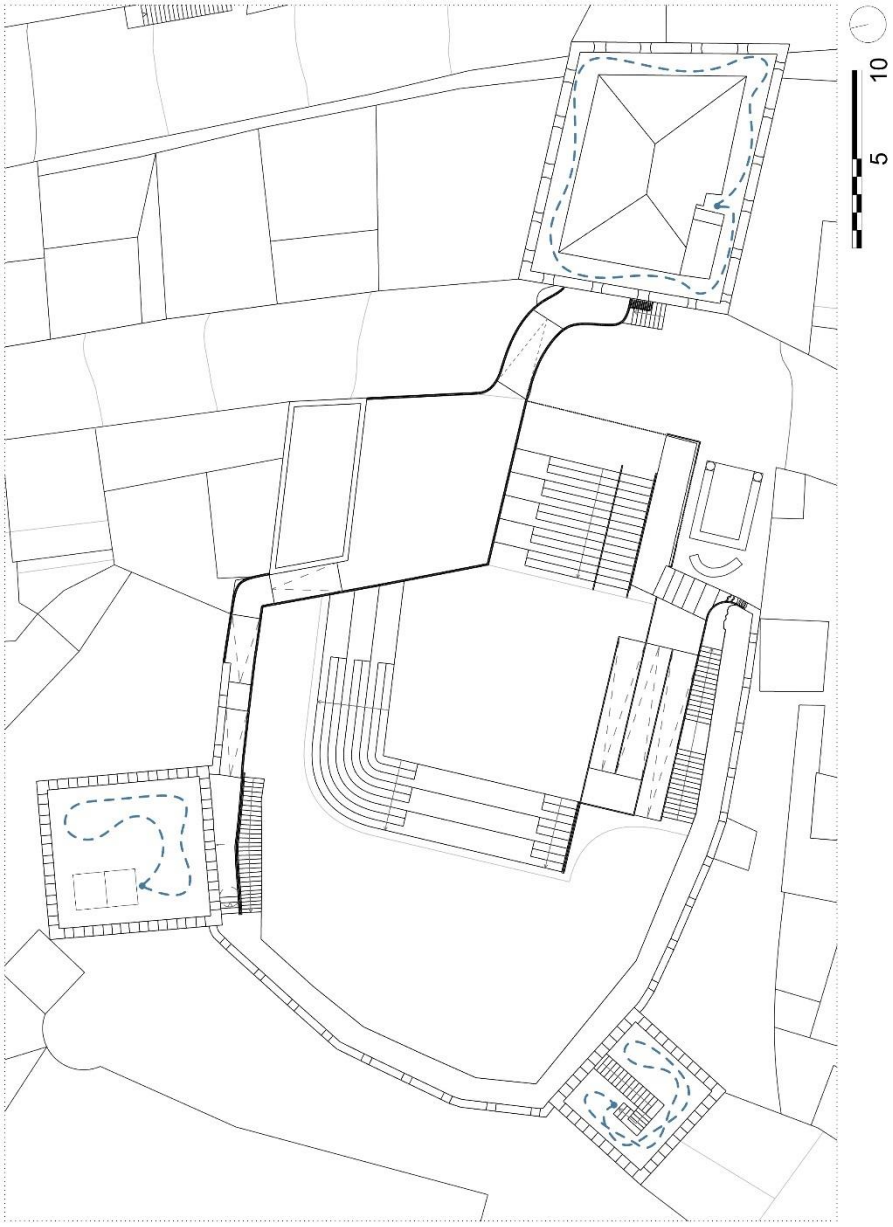


Fig. 115 – Coberturas. Percursos. Proposto.

Percurso sem Bilhete

Percurso com Bilhete

Percurso com Bilhete – Mobilidade Reduzida

6.4 | INTENÇÕES PROJETUAIS

Com foco na reversibilidade do proposto, o edifício adicionado é construído na área adjacente ao castelo, tocando-o pontualmente. A estrutura também considerou a reversibilidade e a ecologia da proposta, optando-se por uma estrutura metálica mista entre o sistema LSF e perfis HEB 200.

É adotada uma linguagem contemporânea, facilitando a distinção entre o original e a adição, como defendem Boito e a Carta de Atenas. Seguindo as diretrizes destes, mantêm-se as adições que apresentem valor e que não comprometam a leitura do original.

Sempre que possível, optou-se pelos "materiais da região" — granito, cortiça, madeira de castanheiro e carvalho — agindo de forma ecológica e garantindo que estes têm uma boa adaptabilidade às características climáticas rigorosas. Além disso, foram escolhidos por serem adequados, química e fisicamente, aos materiais originais, conforme defendido na Carta de Veneza.

A escolha do granito azul para o revestimento das fachadas, o mesmo material utilizado na estrutura medieval, não representa um perigo na distinção entre o novo e o original. Este material foi selecionado com o propósito garantir a harmonia da adição neste local tão específico, permitindo essa diferenciação através doa estereotomia e dom corte da pedra, que se distingue significativamente das pedras utilizadas no castelo. De modo a facilitar essa leitura, quando a adição e o original se tocam, são utilizadas formas e materiais contemporâneos.

6.4.2 | Volumetrias e Fachadas

Optou-se por uma volumetria simples, apoiada a sul e oeste nos muros edificados pela DGEMN. Esta consiste na criação de dois volumes: um principal e outro de menores dimensões a norte, interligando-se com a estrutura medieval através de duas pontes adicionadas na cobertura, tornando-a percorrível.

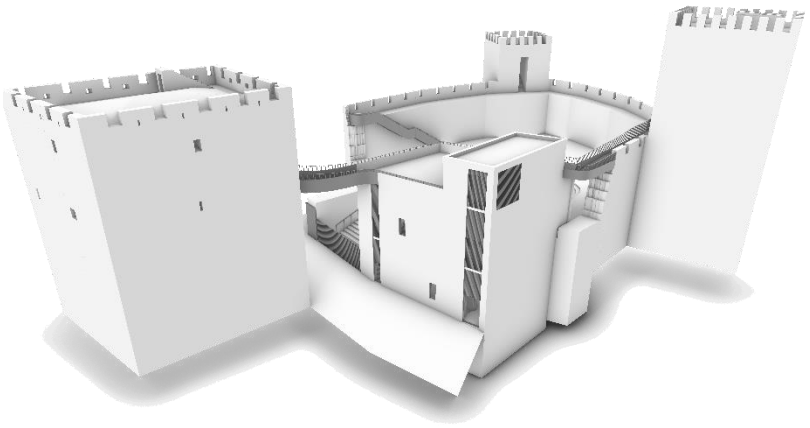


Fig. 116 – Volumetria Norte/Este. Proposto.

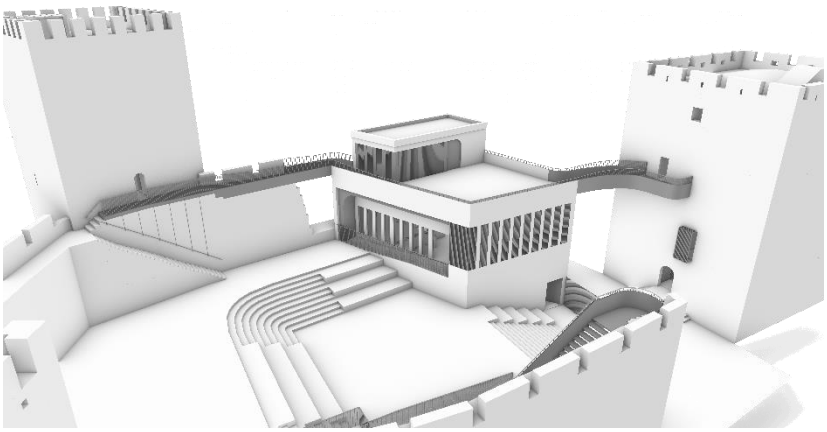


Fig. 117 – Volumetria Sul/Oeste. Proposto.

A **Fachada Este** é o local de acesso principal ao edifício. Esta apresenta dois rasgos desde o chão até à cércea e dois vãos mais pequenos, que remetem para as pequenas incisões do castelo. O rasgo mais à esquerda permite observar a TM, enquanto o mais à direita serve como entrada no piso 0 e proporciona vistas sobre a cidade nos restantes pisos. A adição de ripados em alumínio lacado e o revestimento entre vãos com o mesmo material cria uma unidade visual, tratando-se como se fosse apenas um elemento.

No canto inferior esquerdo incorpora-se o muro mencionado, permitindo distinguir as diferenças de materialidades, embora a pedra escolhida seja a mesma. Para contrabalançar este elemento, que possui forte presença visual na fachada, e atendendo às necessidades do próprio edifício, cria-se uma zona mais elevada no canto superior direito.



Fig. 118 – "Alçado" Este. Proposto.

A **Fachada Sul** é responsável pela adição desses ripados ao edifício, como parte de uma estratégia para proteger os seus vãos das fortes insolações. Essa solução foi encontrada não apenas pela sua praticidade, mas também pela sua estética, criando mais possibilidades de repetição em outros elementos do edifício e estabelecendo uma estética base.

A fachada possui uma bateria de oito vãos, utilizando novamente o alumínio lacado para criar um alongamento dos vãos, visando alcançar equilíbrio. Para manter a métrica dos vãos, à esquerda é acrescentado um elemento com as mesmas dimensões desse conjunto - janela, ripado e alongamento de vão- embora neste caso específico não inclua a janela. Seguindo essa métrica, já compreendido na varanda do segundo piso, é adicionado um ripado no mesmo material, criando uma sensação de leveza neste canto que estabelece uma ligação com a Fachada Oeste.



Fig. 119 – "Alçado" Sul. Proposto.

A **Fachada Oeste** também possui uma bateria de dez vãos que segue a métrica utilizada na Fachada Sul, com a particularidade de estar recuada devido à varanda inserida nesta fachada. Este facto proporciona uma proteção natural aos vãos, não sendo necessário adotar ripados para esse fim.

A guarda da varanda foi realizada em concordância com as guardas adicionadas na restante proposta, incorporando um pequeno portão no lado esquerdo que permite a ligação ao pátio.

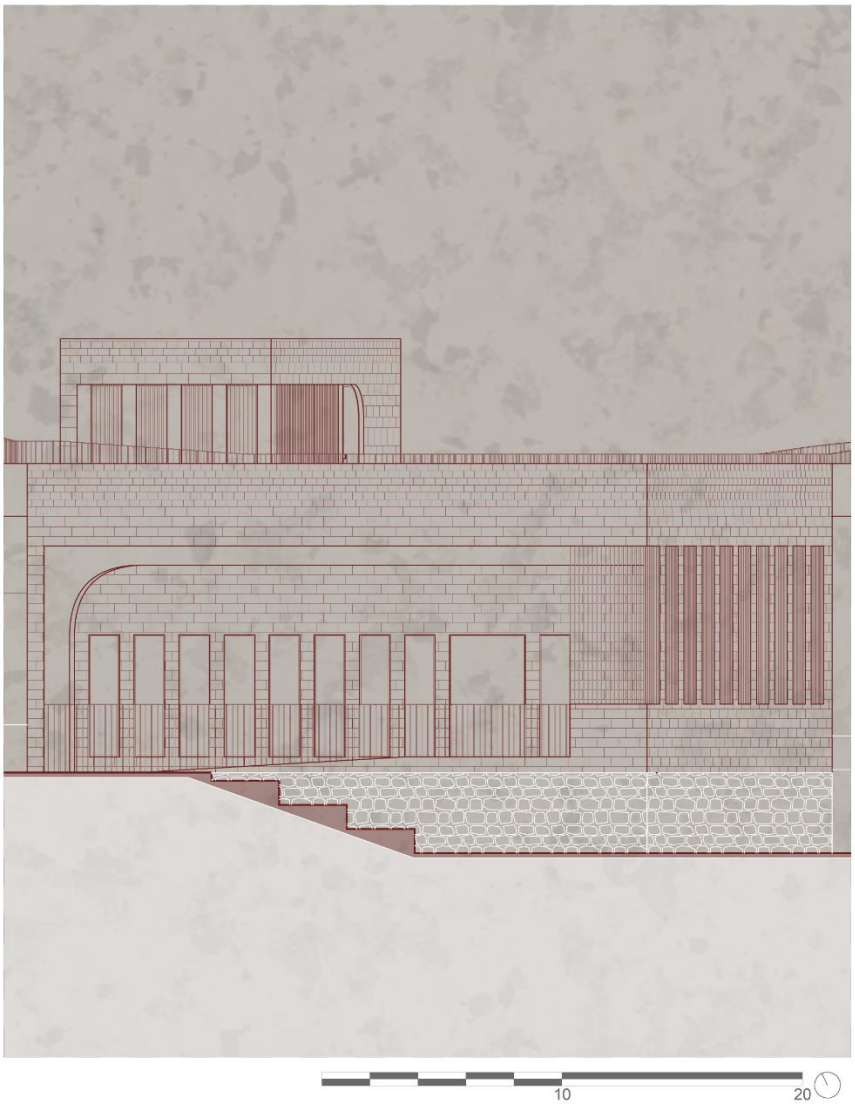


Fig. 120 – "Alçado" Oeste. Proposto.

A **Fachada Norte**, a mais simples do edifício, apresenta apenas dois vãos no segundo piso. O maior possui um ripado em alumínio lacado, este com uma rotação a 45° que tem a função de impedir a visibilidade para os quintais das habitações vizinhas, além de um pequeno vão na IS.[52]



Fig. 121 – "Alçado" Norte. Proposto.

[52] É importante salientar que não é possível representar os alçados desta intervenção devido à construção ao seu redor e à complexidade das suas formas. A visualização do projeto será sempre feita através de cortes.

O **revestimento em granito** mencionado está presente nas quatro fachadas, composto por lajetas de granito com aresta viva e acabamento bujardado. As dimensões das fiadas e, consequentemente, das lajetas foram determinadas após um estudo das fiadas da estrutura original. Apesar de as pedras e fiadas serem irregulares, apresentam uma lógica organizacional. Na base, podem-se observar fiadas e pedras de maiores dimensões, diminuindo tendencialmente até à cércea. Após análise, foram identificados 4 tipos de fiadas, correspondendo a 4 tipos de pedras, seguindo essa lógica no revestimento proposto e adotando uma métrica (A-B-A-C-A-B-A-C) (Fig. 121).

A inclinação necessária nas pontes de acesso à TN e TM criou implicações na fachada Oeste e na ponte da TM, devido à necessidade de criação de planos inclinados para garantir a altura de 1,10 m da guarda. Para evitar a criação desses planos, adicionou-se um gradeamento que responde às necessidades referidas. Este é feito em concordância com os restantes gradeamentos propostos.

O volume saliente no terraço está compreendido nas fachadas Este e Norte já mencionadas. A Oeste, apresenta quatro vãos com a métrica já referida, e pela diferenciação material utilizada ao longo do edifício, interliga-se à fachada Sul do elemento, em consonância com o que foi realizado na varanda. Esta fachada Sul compreende apenas uma porta de acesso ao terraço; devido à forte incidência solar, quando esta se encontra encerrada, a fachada funciona como uma fachada cega.



Fig. 122 – Análise da estereotomia original.

6.4.3 | Intenções de Materialidades

Nos interiores do edifício proposto a abordagem material baseia-se nos seguintes elementos:

Pavimentos

Tipo 1 – Zonas de circulação

Lajetas de granito – Acabamento polido;

Tipo 2 – Zonas de permanecia

Tacos de madeira de Carvalho – Acabamento em verniz poliuretano;

Tipo 3 – Zonas húmidas

Lajetas de granito – Acabamento polido;

Tipo 4 – Zonas de arrumação

Betão – Acabamento polido;

Paredes

Tipo 1

Rodapé em madeira de Carvalho (15 cm) – Acabamento em verniz poliuretano;

Parede em gesso cartonado – Acabamento pintado;

Tipo 2

Lambril em madeira de Carvalho (110 cm) – Acabamento em verniz poliuretano;

Parede em gesso cartonado – Acabamento pintado;

Tipo 3 – Zonas húmidas

Rodapé em Lajetas de granito (15 cm) – Acabamento polido;

Parede revestida com azulejos;

Tetos

Teto falso em gesso cartonado – Acabamento pintado;

Elementos de iluminação em aço inox – Acabamento escovado;

Portas

Tipo 1

Porta em madeira de Carvalho – Acabamento em verniz poliuretano;

Ferragens em aço inox – Acabamento escovado;

Tipo 2

Porta em madeira de Carvalho – Acabamento lacado;

Ferragens em aço inox – Acabamento escovado;

Janelas

Caixilharia em aço inox – Acabamento escovado;

Vidro Duplo com Gás Argónio.

Loiças Sanitárias

Loiças sanitárias em cerâmica – Acabamento brilhante;

Acessórios Sanitários

Acessórios sanitários em aço inox – Acabamento polido;

6.4.4 | Espaços Interiores de Relevo

As formas curvas foram adotadas no interior como resposta à geometria irregular do espaço.

Receção – Piso 0

Utilizando o mobiliário fixo, respondeu-se ao programa deste espaço. Foi criado um elemento contínuo que compreende: um painel fixo com a função de ocultar a porta quando utilizada; um balcão que apresenta duas alturas, sendo a mais alta dimensionada para a receção e a mais baixa para o pagamento dos produtos; uma longa prateleira para exposição de produtos regionais e merchandising; um banco com uma pequena mesa de apoio; e uma secretária. Utilizando a mesma linguagem, remata-se a Este com um banco e um ripado de madeira criando uma zona de permanência.

A Norte, criou-se um ripado em madeira de carvalho, isolando o espaço, mas permitindo a ligação visual com a zona de circulação e com o expositor, presente no elemento central das escadas.

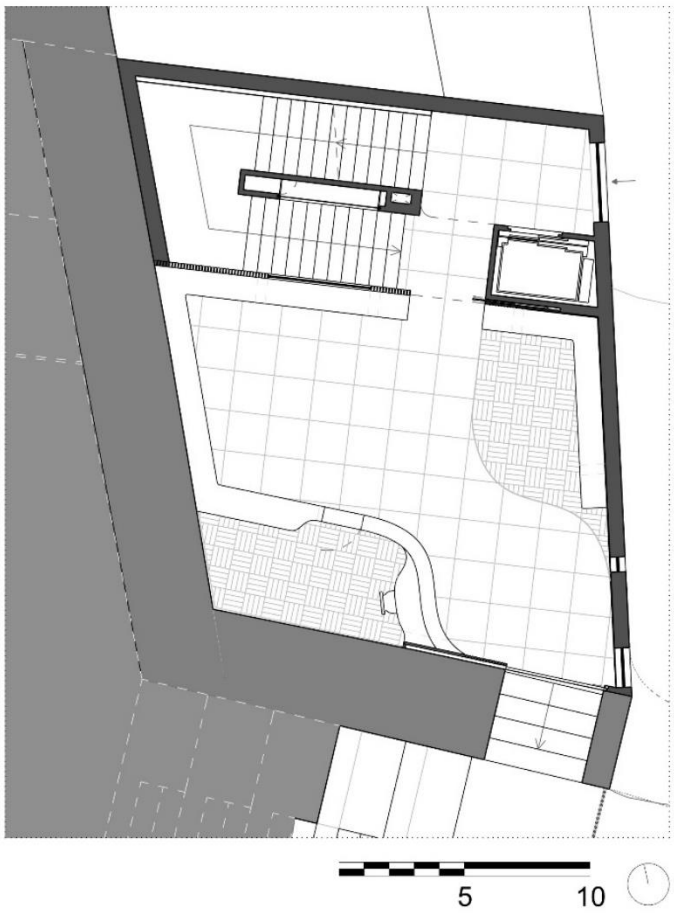


Fig. 123– Planta do Piso 0, Receção. Proposto.

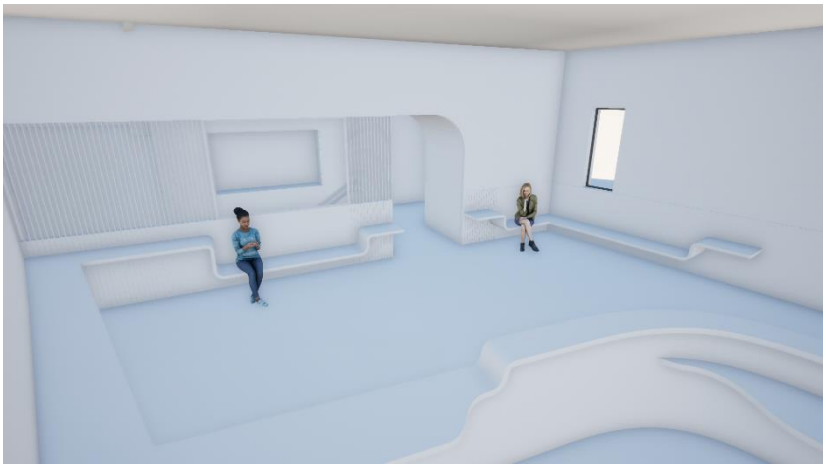


Fig. 124 – Volumetrias do Piso 0, Receção. Proposto.



Fig. 125 – Volumetrias do Piso 0, Receção. Proposto.

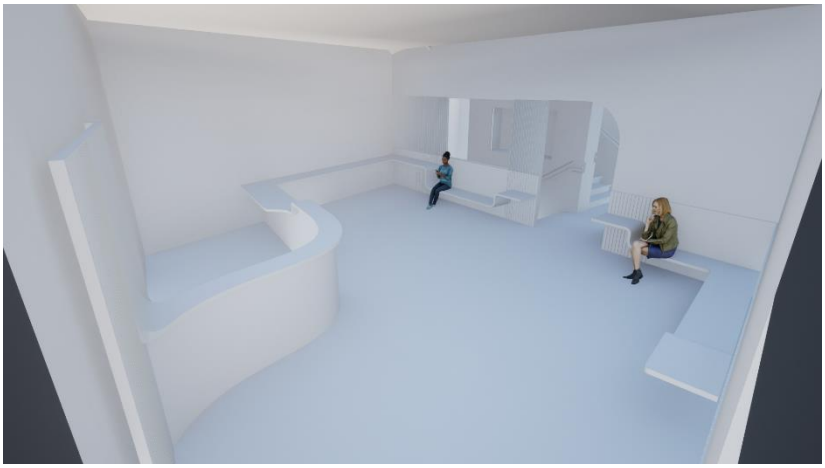


Fig. 126 – Volumetrias do Piso 0, Receção. Proposto.

Cafetaria – Piso 1

Neste espaço é seguida a mesma linguagem compreendida na receção. O balcão surge do painel fixo que cria privacidade na zona da copa. O pavimento da zona de permanência[52] é também ele realizado num material distinto da zona de circulação proporcionando um maior conforto aos utilizadores. A Sul, aproveitando as vistas, é criado um mobiliário fixo que compreende uma mesa corrida, ideal para estudo, e o banco de uma mesa de maiores dimensões destinada a grupos. As restantes mesas mais comuns, de modo a permitir uma maior polivalência.

Este espaço tem uma excelente incidência de luz natural, controlada pelos ripados no exterior. Apresenta uma vista privilegiada sobre o lado Sul da cidade e para o interior do pátio de armas. A Este compreende um vão de observação da TM.

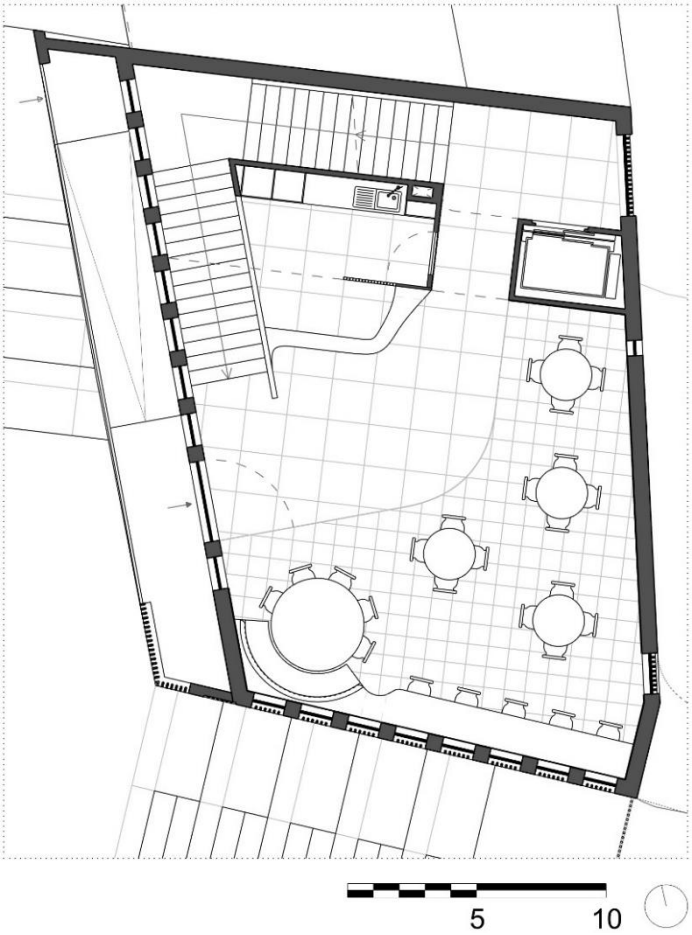


Fig. 127 – Planta do Piso 1, Cafeteria. Proposto

[53] Com o aumento do trabalho remoto, os coworkings têm ganhado cada vez mais relevância. Isso, aliado ao fato de não existir nenhum espaço direcionado para essa vertente e à proximidade da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS), será uma boa maneira de atrair estudantes e não só para o castelo.

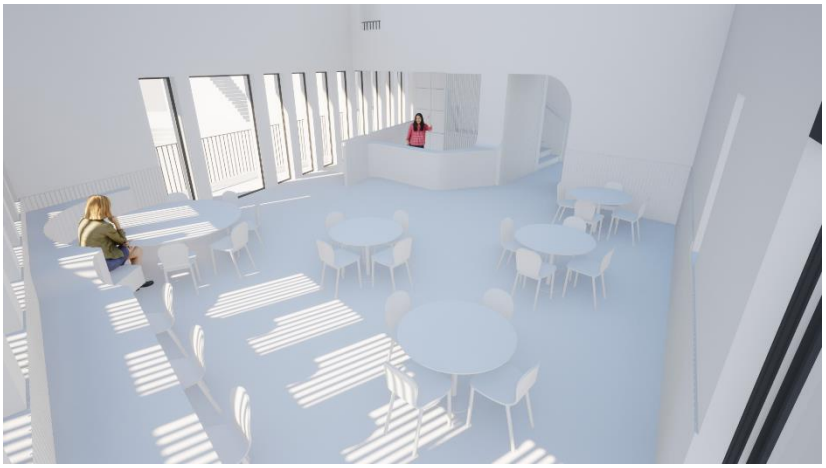


Fig. 128 – Volumetrias do Piso 1, Cafeteria. Proposto.

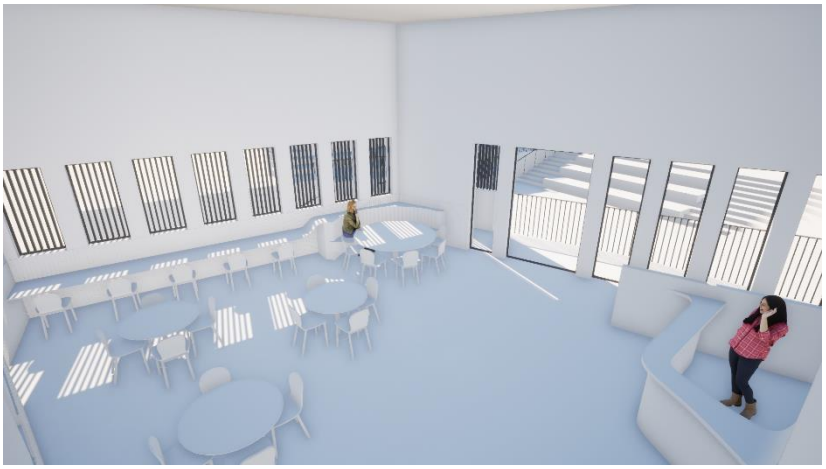


Fig. 129 – Volumetrias do Piso 1, Cafeteria. Proposto.



Fig. 130 – Volumetrias do Piso 1, Cafeteria. Proposto.

6.4.5 | Intervenção no Castelo

As intervenções gerais no castelo consistem numa operação de limpeza para eliminação da colonização biológica e em pequenas intervenções de restauro nas zonas que necessitem.

No piso 0 da Torre Norte, propõe-se a adição de um pavimento, reutilizando as lajetas de xisto do edifício desmantelado, com o objetivo de manter coerência com os pavimentos existentes na TM. Neste espaço, é necessário um tratamento para a pulverulência e eflorescência existente, sendo caiado posteriormente. No adarve, é necessária uma intervenção de restauro no sistema de cobertura (Fig. 91).

Na Torre de Menagem, mantêm-se os pavimentos em xisto, a ponte e o sistema de entrada – escada com sistema hidráulico, porta de madeira e pórtico de entrada. No piso 0, propõe-se a retirada da "gaiola" expositiva (Fig. 75), que ocupa quase a totalidade do espaço.

A escada recentemente adicionada não oferece valor ao espaço e oculta a porta de traição a Este, sendo proposta a sua substituição por uma escada a Oeste, suportada por uma viga metálica central que se apoia na ponte. Os ripados em alumínio compreendem uma zona de arrumação sob as escadas e permitem duas disposições diferentes, conferindo maior versatilidade ao espaço. Os degraus são em madeira de carvalho e as guardas em vidro, com pormenores em aço escovado no corrimão (Fig. 134).

No primeiro piso, tal como na TN, propõe-se um tratamento para a pulverulência e eflorescência presente no teto, sendo posteriormente caiado (Fig. 60).

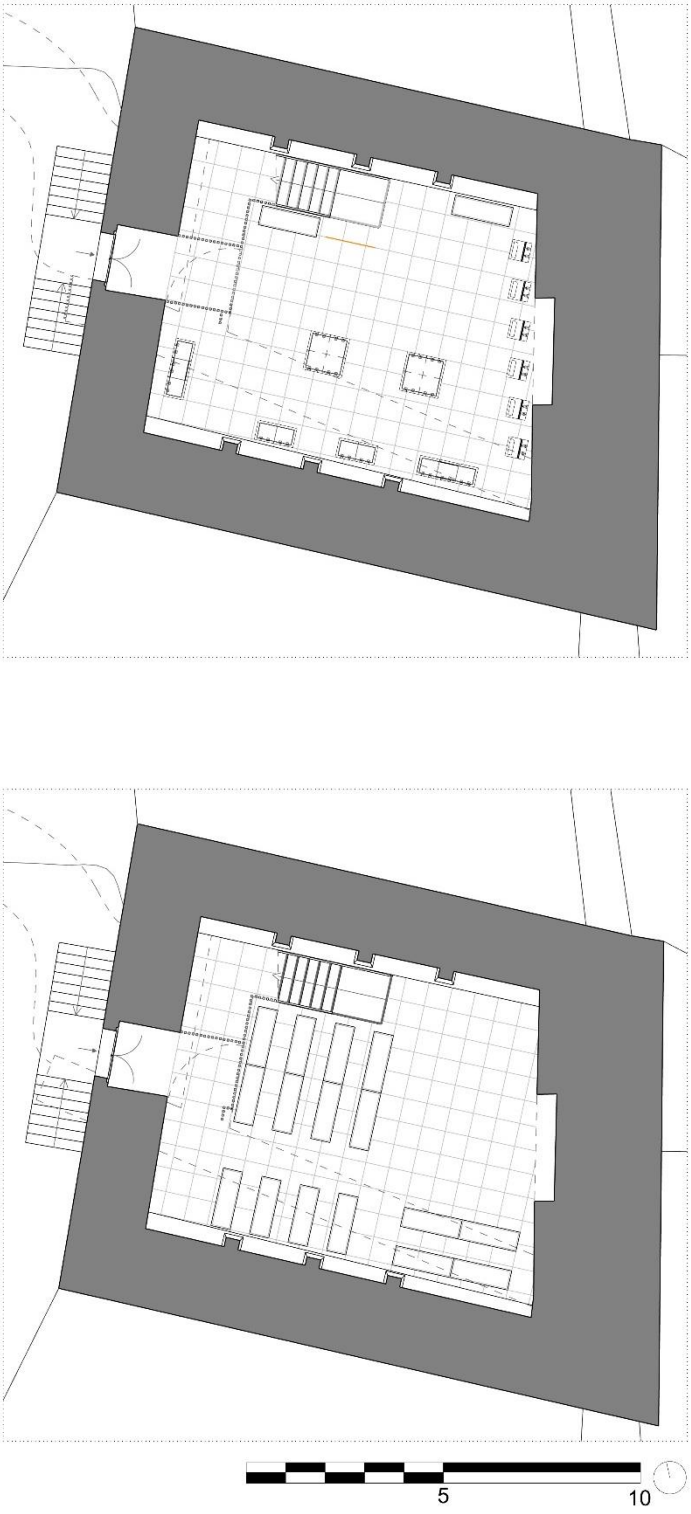


Fig. 131 – Plantas do Piso 0, TM. Espaço Polivalente. Proposto.



Fig. 132 – Volumetrias do Piso 0, TM. Espaço Polivalente. Proposto.



Fig. 133 – Volumetrias do Piso 0, TM. Espaço Polivalente. Proposto.

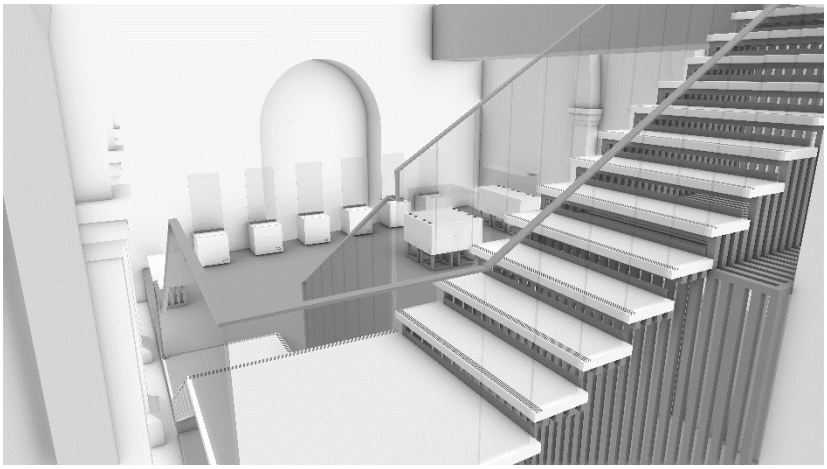


Fig. 134 – Volumetrias do Piso 0, TM. Espaço Polivalente. Proposto.

VII | CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONCLUSÃO

Portalegre, cidade raiana de grande relevo no Alto-Alentejo, tem feito grandes esforços para a preservação e salvaguarda do seu Centro Histórico.

O castelo, edifício fundador da cidade, encontra-se encerrado há largos anos devido à falta de segurança que a adição contemporânea de Cândido Chuva Gomes apresenta, o que se tornou motivo de mágoa para os portalegrenses.

Devido a esse facto, é do interesse da Câmara Municipal uma intervenção de reabilitação no edifício, tendo já sido solicitada uma análise estrutural ao LNEC para avaliar o nível de intervenção necessário.

O edifício contemporâneo já construído numa filosofia efêmera, indica ter graves problemas estruturais, o que aliado ao seu péssimo estado de degradação pode vir a justificar o seu desmantelamento.

Tendo conhecimento desta necessidade, e sendo este um trabalho académico, este PFM apresenta uma proposta teórica de reabilitação para o local.

A proposta visa a criação de um Centro Interpretativo para o Castelo de Portalegre, respondendo às necessidades do edifício e aos objetivos da CM, atendendo à opinião da população.

Considero que a proposta alcançou o pretendido, tendo cumprido os objetivos iniciais e alguns outros que surgiram pelo caminho.

A proposta cria a possibilidade de visita a toda a estrutura, proporcionando também essa experiência *entre torres* para pessoas com mobilidade reduzida.

Liberta o pátio de armas e a fachada Oeste de construção, tornando o local num espaço polivalente e recreativo.

E apresenta como soluções para que este não se torne um edifício de visita única uma filosofia de polivalência em alguns espaços exteriores e interiores. E possibilitou o encerramento do Centro Interpretativo, mantendo a cafeteria/coworking em funcionamento alargado.

Ao longo da realização da proposta, percebeu-se a possibilidade da união do conjunto através do adarve. Apesar da complexidade da tarefa, esta foi concluída com sucesso, permitindo, desta forma, uma visita contínua, com início, meio e fim.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Ana, (2012). *Intervenção Contemporânea nos castelos de Portugal,* Dissertação de Mestrado Integrado Em Arquitetura, FCTUC, Universidade de Coimbra.

ANTUNES, A. da M., GOMES, A. A., MENÉRES, A., FREITAS, A. P. de, ARAÚJO, A., MARTINS, A. P., PIMENTEL, R. (1988). *Arquitetura Popular em Portugal* (3ª ed.). Lisboa: Associação dos Arquitetos Portugueses.

BARRANHA, Helena, (2016). *Património Cultural Conceitos e Critérios Fundamentais*, IST Press e ICOMOS-Portugal, Lisboa.

BORGES, A. (1998). *Plano de pormenor de salvaguarda e valorização do núcleo histórico de Portalegre e envolvente.*

BUCHO, D. (2000). Herança Cultural e Práticas do Restauro Arquitectónico em Portugal durante o Estado Novo- Intervenção nas Fortificações do Distrito de Portalegre, Tese de Doutoramento em Conservação do Património Arquitectónico, Universidade de Évora

CARVALHO, J., & Teixeira, R., CHUVA GOMES, C. (2006). *Portalegre Polis*.

CORREIA, Luís Miguel, (2010). *Castelos em Portugal. Retrato do seu perfil arquitectónico* (1509-1949), Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra

COSTA, A. A., & FERNANDES, S. (2014). *Atelier 15*, Uzina Books, Lisboa

D'Encarnação, J., FERNANDES, J. M., VENTURA, A., & MECO, J., SANTOS, J. C. (2022).- *Monumentos - Património Arquitetónico.*

FERREIRA, M. (2014). *O sistema construtivo com estrutura leve em aço*, Dissertação de Mestre em Engenharia Civil na Especialidade de Construções, FCTUC, Universidade de Coimbra.

GARRAIO, I. (2002). *O Centro Histórico da Cidade,* Região de Turismo de S. Mamede/ Norte Alentejano, Portalegre

MATIAS, F. (2024). *A Chave da Estremadvra – Centro Interpretativo no castelo de Abrantes*, Projeto Final de Mestrado Integrado Em Arquitetura, FAUL, Universidade de Lisboa.

NUNES, A. (2005). *Dicionário de Arquitectura Militar*, Caleidoscópio, Casal de Cambra

SILVA, A. N. (1950). *Portalegre na História Militar de Portugal*. Casa Minerva, Coimbra

VAZ, P. (2015*). Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts*.

WEBGRAFIA

https://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito_de_Portalegre

(Data de acesso: 12/01/2023)

https://pom.pt/2017/historia-da-cidade/

(Data de acesso: 25/02/2023)

https://www.ccg-arquitectos.pt/index.php/lista-completa/equipamentos-e-servicos/228-2002-06-projecto-de-requalificacao-urbana-da-zona-do-castelo-na-zona-de-intervencao-do-programa-polis-em-portalegr

(Data de acesso: 20/02/2023)

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3772

(Data de acesso: 18/02/2023)

https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=70707

(Data de acesso: 18/02/2023)

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3243

(Data de acesso: 18/02/2023)

https://www.cm-portalegre.pt/visitantes/turismo/patrimonio-cultural/castelos/

(Data de acesso: 18/02/2023)

https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre

(Data de acesso: 18/02/2023)

https://culturaportugal.gov.pt/pt/conhecer/local/_drcalentejo/muralhas-do-castelo-de-portalegre-e-torre-de-menagem/

(Data de acesso: 20/02/2023)

https://www.visitportugal.com/pt-pt/NR/exeres/76579AC8-45CD-44AD-A009-D64EC179D1AE

(Data de acesso: 20/02/2023)

https://fortalezasdefronteira.turismodeportugal.pt/pt-pt/node/62

(Data de acesso: 02/03/2023)

https://www.cm-portalegre.pt/

(Data de acesso: 04/03/2023)

https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/portalegre

(Data de acesso: 08/03/2023)

https://mariscando.com/post/183964766028/di%C3%A1logos-com-a-preexist%C3%AAncia-5-mosteiro-de-santa

(Data de acesso: 09/03/2023)

https://www.culturacentro.gov.pt/mosteiro-santa-clara-a-velha/

(Data de acesso: 09/03/2023)

https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/mosteiro-de-santa-clara-velha

(Data de acesso: 22/03/2023)

http://www.futureng.pt/cp19650627

(Data de acesso: 14/03/2024)

Notas:

[1] Em 2005, foi realizada uma intervenção arqueológica pela equipa da Ocrimira, com Joaquim Carvalho e Ricardo Teixeira como principais responsáveis. Nesta intervenção, foram encontradas construções de épocas distintas, vários artefactos do quotidiano, como dedais, moedas e pentes, além de sete sepulturas, o que indica que o castelo possa ter servido como cemitério entre o final do século XVIII e o século XIX.

CARVALHO, J., TEIXEIRA, R. (2006). Intervenção arqueológica no castelo de Portalegre. *Portalegre Polis,* pp. 117.

[2] CHUVA GOMES, C. (2006). Castelo. *Portalegre Polis*, pp. 97.

[3] Anexo I – Conversas Informais.

[4]https://pt.wikipedia.org/wiki/Distrito_de_Portalegre (Data de acesso: 12/08/2023)

[5] BORGES, A. (1998). *Plano de pormenor de salvaguarda e valorização do núcleo histórico de Portalegre e envolvente, pp.4.*

[6] BORGES, A. (1998). *Plano de pormenor de salvaguarda e valorização do núcleo histórico de Portalegre e envolvente, pp.6.*

[7] BORGES, A. (1998). *Plano de pormenor de salvaguarda e valorização do núcleo histórico de Portalegre e envolvente, pp.8.*

[8] D'ENCARNAÇÃO, J. (2022). Das origens de Portalegre. *Monumentos - Património Arquitetónico*, 39, pp. 10.

[9] BORGES, A. (1998). *Plano de pormenor de salvaguarda e valorização do núcleo histórico de Portalegre e envolvente, pp.10.*

[10] BORGES, A. (1998). *Plano de pormenor de salvaguarda e valorização do núcleo histórico de Portalegre e envolvente, pp.10.*

[11] SILVA, A. N. (1950). *Portalegre na História Militar de Portugal*. Casa Minerva: Coimbra, pp. 7-9.

[12] BORGES, A. (1998). *Plano de pormenor de salvaguarda e valorização do núcleo histórico de Portalegre e envolvente, pp.11.*

[13] SILVA, A. N. (1950). *Portalegre na História Militar de Portugal*. Casa Minerva: Coimbra, pp. 10.

[14] SILVA, A. N. (1950). *Portalegre na História Militar de Portugal*. Casa Minerva: Coimbra, pp. 10 e 19.

[15] VENTURA, A. (2016). História da cidade- Portalegre: As origens da cidade. *Portugal o Meeting*. Consultado em https://pom.pt/2017/historia-da-cidade/, (Data de acesso: 31/05/2023)

[16] BORGES, A. (1998). *Plano de pormenor de salvaguarda e valorização do núcleo histórico de Portalegre e envolvente, pp.12.*

[17] BORGES, A. (1998). *Plano de pormenor de salvaguarda e valorização do núcleo histórico de Portalegre e envolvente, pp.13.*

[18] VENTURA, A. (2016). História da cidade- Portalegre: As origens da cidade. *Portugal o Meeting*. Consultado em https://pom.pt/2017/historia-da-cidade/, (Data de acesso: 31/05/2023)

[19] BORGES, A. (1998). *Plano de pormenor de salvaguarda e valorização do núcleo histórico de Portalegre e envolvente, pp.15.*

[20] FERNANDES, J. M. (2022). Portalegre- Arquitetura modernista e moderna, obras do Estado Novo, as presenças de Jacobetty Rosa e de João Simões. *Monumentos - Património Arquitetónico*, 39, pp. 190.

[21] BORGES, A. (1998). *Plano de pormenor de salvaguarda e valorização do núcleo histórico de Portalegre e envolvente, pp.31.*

[22] BORGES, A. (1998). *Plano de pormenor de salvaguarda e valorização do núcleo histórico de Portalegre e envolvente, pp.30 e 32.*

[23] MECO, J. (2022). Gabriel del Barco, António de Oliveira Bernardes e a azulejaria barroca de Portalegre. *Monumentos - Patrimônio Arquitetónico*, 39, pp. 168-179.

BORGES, A. (1998). *Plano de pormenor de salvaguarda e valorização do núcleo histórico de Portalegre e envolvente, pp.33.*

[24] MONTEIRO, P. (2022). Estuques e esgrafitos nas fachadas de Portalegre. *Monumentos - Património Arquitetónico*, 39, pp. 161-162.

[25] VENTURA, A. (2022). Portalegre nos séculos XIX e XX: O crescimento industrial e operário. *Monumentos - Património Arquitetónico*, 39, pp. 180-189.

[26] FERNANDES, J. M. (2022). Portalegre- Arquitetura modernista e moderna, obras do Estado Novo, as presenças de Jacobetty Rosa e de João Simões. *Monumentos - Património Arquitetónico*, 39, pp. 190-199.

[27] SANTOS, J. C. (2022). Cidade Raiana. *Monumentos - Património Arquitetónico*, 39, pp. 3.
[28] VENTURA, A. (2022). Portalegre nos séculos XIX e XX: O crescimento industrial e operário. *Monumentos - Património Arquitetónico*, 39, pp. 180.

[29] ANTUNES, A. DA M., GOMES, A. A., MENÉRES, A., FREITAS, A. P. DE, ARAÚJO, A., MARTINS, A. P., PIMENTEL, R. (1988). *Arquitetura Popular em Portugal* (3ª ed.). Lisboa: Associação dos Arquitetos Portugueses. pp. 51-61.

[30]https://www.ccg-arquitectos.pt/index.php/lista-completa/equipamentos-e-servicos/228-2002-06-projecto-de-requalificacao-urbana-da-zona-do-castelo-na-zona-de-intervencao-do-programa-polis-em-portalegr (Data de acesso: 20/07/2023)

[31] VAZ, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts. pp.31.*

[32] V VAZ, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts.* az, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts. pp.33.*

[33] VAZ, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts. pp.35.*

[34] VAZ, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts. pp.37 e 39.*

[35] VAZ, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts. pp.41.*

[36] VAZ, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts. pp.47.*

[37] VAZ, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts. pp.49.*

[38] VAZ, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts. pp.51.*

[39] VAZ, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts. pp.51, 53 e 55.*

[40] VAZ, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts. pp.55, 57 e 59.*

[41] VAZ, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts. pp.65.*

[42] VAZ, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts. pp.67.*

[43] VAZ, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts. pp.71.*

[44] VAZ, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts. pp.73.*

[45] VAZ, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts. pp.75.*

[46] VAZ, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts. pp.77.*

[47] VAZ, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts. pp.79.*

[48] VAZ, P. (2015). *Built heritage, management and conservation in use: Round table with national and international experts. pp.81*

[49] Esta teoria de valor baseia-se nos conhecimentos adquiridos no exercício proposto no 1º Semestre do 4º Ano do curso, na unidade curricular de Laboratório de Projeto IV na qual intervencionamos no Museu Nacional de História Natural e da Ciência, classificando algumas componentes do edifício de modo a elaborarmos a teoria de valor.

[50] COSTA, A. A., & FERNANDES, S. (2014). *Atelier 15*. Uzina Books, Lisboa pp. 160.

[51] Este piso subdivide-se entre zona pública e zona privada, como os restantes, mas uma parte dos arquivos pode ser aberta ao público, permitindo a sua visita, tal como acontece no Museu de História Natural de Berlim.
Esta IS acomoda também o fraldário e um chuveiro.
Existem dois arrumos distintos: um localizado na instalação sanitária masculina, sob as escadas, destinado a guardar materiais de limpeza e manutenção do espaço; o outro está no armário embutido, aproveitando o espaço para armazenamento útil ao centro interpretativo.
O bengaleiro é realizado através de cacifos, evitando a necessidade de mais um funcionário no local, o que atendendo à afluência esperada não se justificava.

[52] É importante salientar que não é possível representar os alçados desta intervenção devido à construção ao seu redor e à complexidade das suas formas. A visualização do projeto será sempre feita através de cortes.

[53] Com o aumento do trabalho remoto, os coworkings têm ganhado cada vez mais relevância. Isso, aliado ao fato de não existir nenhum espaço direcionado para essa vertente e à proximidade da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS), será uma boa maneira de atrair estudantes e não só para o castelo.

Anexos

Índice:

Anexo I – Conversas Informais III

Anexo II – Críticas Realizadas ao Castelo de Portalegre V

Anexo III – Painéis Realizados para a Disciplina de Seminários VII

Anexo IV – Fotografias da Maquete 1:500 IX

Anexo V – Fotografias da Maquete 1:200 XIII

Anexo VI – Painéis Finais XVII

Anexo I – Conversas Informais

Conversas informais com os Portalegrenses de modo a ter uma melhor perceção da importância do castelo para os habitantes locais.

Lucília Carrilho, 52 anos

"Antes de começar a escrever sobre as memórias do Castelo de Portalegre, gostaria de expressar meu agradecimento ao Tiago Carrilho pelo convite para contribuir na sua tese de mestrado.

Vim para a Cidade de Portalegre em 1974, com 2 anos de idade, fui acolhida numa instituição onde cresci e me tornei adulta, em todo este meu percurso de vida sempre tive presente o Castelo de Portalegre pois, este destaca-se com as suas majestosas torres, portas e algumas partes de muralha ainda existentes.

Sempre fui uma apaixonada pela temática dos castelos, reis e rainhas, sendo a temática medieval a minha temática de eleição no que toca ao cinema. Gosto de me inteirar e instruir sobre outros tempos, ligados à monarquia, tempos transatos que não vivemos. Deixa-me a pensar que todos somos descendentes desses tempos e que mesmo que de forma inconsciente estes tempos de outrora também são nossos.

Quando adolescente, ao frequentar o ensino preparatório, na disciplina de história era comum a visita às portas da cidade de Portalegre; a porta de alegrete, a porta do Crato, a porta da Deveza, etc. Essas visitas guiadas pela professora eram sempre muito interessantes e despertaram em mim o desejo de conhecer melhor a história e a cultura da cidade, além dos seus ancestrais. Na aula seguinte foi nos passada mais informação sobre o Castelo e a sua cerca como por exemplo quem o mandou erguer; D. Afonso III e à posteriori D. Dinis.

Também me recordo da minha adolescência de existirem feiras medievais no interior do castelo. Que deslumbrantes eram… era bonito de se ver! Os figurantes trajados com roupas de época, o castelo quase que na sua constituição original… pedra sobre pedra e muitas outras soltas na praça de armas. Os silos, as ervas que nesta cresciam, tornavam-na singular.

Mais tarde, começaram as obras de restauro no castelo, sob a orientação do arquiteto Cândido Chuva Gomes. Soube do autor do projeto durante as visitas que fiz ao castelo com o Tiago, o arquiteto Hugo Espanhol e a Dra. Laura Romão, como parte da pesquisa para esta tese de mestrado. Essas visitas foram muito enriquecedoras, pois tive o privilégio de conhecer as outras torres e o caminho de ronda, além da torre de menagem, que já conhecia após a intervenção do arquiteto.

Esta reforma no castelo deu lhe uma nova roupagem, uma nova vida. O castelo de Portalegre passou a ser, mais que nunca um ponto de visita obrigatório para quem visita a cidade, contudo era pouco, as torres não têm acesso ao público em geral. Gostei do projeto, especialmente da utilização da madeira, da ligação da torre de menagem à praça de armas e dos materiais aplicados, como o xisto nos interiores.

Apesar de apreciar a estrutura interessante que ocupa o pátio de armas, acredito que ela limita a exploração do local pelos visitantes. Atualmente, vejo com tristeza o castelo fechado ao público por falta de condições de segurança. É uma pena que um dos pontos mais importantes da cidade só possa ser apreciado externamente, surpreendendo os visitantes. Espero que essa situação seja resolvida em breve!"

Alberto Eustáquio, 66 anos

"Sobre o Castelo de Portalegre cumpre-me opinar em primeiro lugar que não possuo qualquer formação académica que possa sustentar a minha crítica. Tal apenas se baseia numa opinião de um cidadão qualquer, pese embora a possa e deva fundamentar.

Começo por dizer que não gosto nada, absolutamente nada, da fachada em madeira. Tanto quanto me foi informado é madeira importada do norte da Europa - logo nada tem a ver com a região onde se insere. O argumento foi de que seria mais duradouro. Sinceramente não lhe augurei muito tempo atendendo às grandes amplitudes térmicas que se registam nesta região. Isto em relação aos materiais.

Quanto à estética... bem... nada se coaduna com arquitetura exterior. […] Quanto ao seu interior, não o conhecendo bem, não me sinto devidamente habilitado para tecer alguma crítica."

Anexo II – Críticas Realizadas ao Castelo de Portalegre

Ao analisar diversas avaliações do Castelo de Portalegre em sites como TripAdvisor e Google, incorporei os pontos destacados no desenvolvimento deste projeto. Para proteger a privacidade dos envolvidos, utilizei nomes fictícios em todas as menções.

Joana

"Portalegre é simplesmente lindo! O castelo é um dos melhores sítios para visitar, pena é não poder visitar o castelo por completo! Gostei muito do atendimento e das indicações que me forneceram sobre a cidade em si."

Filipe

"Uma decepção, fazer 300km para chegar lá e dizer na porta " fechado para manutenção". Enfim, respeito pelo público é zero! Online podiam ter actualizado a informação para as pessoas não fazerem viagens em vão!"

Lúcia

"Pouco investimento. Partes dos passadiços degradadas e perigosas. Fixações das guardas soltas. Tinha uma exposição fotográfica bonita sobre a cidade."

Luís

"Construíram à sua volta uma estrutura em madeira que devia ser de apoio, mas que não nos parece trazer nada de novo. Nem sequer permite uma visita adequada ao castelo, nem às ameias se pode chegar. Por outro lado, a estrutura encontra-se apodrecida e representa, atualmente, um perigo para o visitante. Deveria ter visitas limitadas porque é mesmo perigoso caminhar sobre os estrados."

Madalena

"Espaço requalificado recentemente, mas mal conservado. Usado para exposição de arte. Wc não funcionava e a área exterior não tinha acesso ao miradouro."

Alice

"O castelo de Portalegre está abandonado e encerrado. O estado visível mostra a decadência e o desinteresse. É uma pena porque poderia e deveria ser um ponto de interesse da cidade. Assim como está é um ponto de afastamento para quem nos visita e leva consigo esta decadência na memória."

Francisco

"Excelente localização. O atendimento foi bom, mas parece um projeto abandonado. Foram feitas melhorias consideráveis notoriamente para nada. Património ao abandono simplesmente."

Críticas presentes nos seguintes websites:

https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189108-d4055682-Reviews-or10-Castelo_de_Portalegre-Portalegre_Portalegre_District_Alentejo.html

https://www.google.com/search?sca_esv=6cd0ccc5874ebde0&sca_upv=1&rlz=1C1VDKB_pt-PTPT1044PT1045&tbm=lcl&sxsrf=ADLYWIL0z8Iv8G_Sfo_Ud7pk0GS_Xe0J8A:1723825053821&q=Castelo%20de%20Portalegre%20Cr%C3%ADticas&rflfq=1&num=20&stick=H4sIAAAAAAAAAONgkxIxNDE1MDYyMzYwtzQxNzAyNDYxMd7AyPiKUd45sbgkNSdfISVVISC_qCQxJzW9KFXBuejw2pLM5MTiRayEVAAAeQZzx18AAAA&rldimm=14503263079470213443&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CAYQ5foLahcKEwigydvg9PmHAxUAAAAAHQAAAAAQBQ#lkt=LocalPoiReviews&arid=ChdDSUhNMG9nS0VJQ0FnSUNMNkpfRHFnRRAB

U LISBOA | FACULDADE DE ARQUITETURA
MIARQINT&REAB

SEMINÁRIOS DE APOIO AO PROJETO FINAL DE MESTRADO | 2022/23 | TURMA B

PROJECTO FINAL DE MESTRADO
PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

PORTUS ALACER ENTRE TORRES - UM CENTRO INTERPRETATIVO PARA O CASTELO DE PORTALEGRE

Tiago Filipe Veiga Carrilho
Orientação Científica - Professora Doutora Bárbara Massapina; Professor Doutor João Mascarenhas Mateus

HISTÓRIA ANTE-MEDIEVAL

Não é possível determinar a origem da cidade "devido à inexistência de arqueologia **urbana ante-medieval". No entanto, pode-se afirmar que a região do Alto-Alentejo é** habitada há milhares de anos, devido à sua fertilidade que se supõe existir desde **tempos remotos. Há registos de "materiais classificados como paleolíticos na área do** Parque Natural da Serra de S. Mamede", mas a ocupação humana do Núcleo Histórico tem início na Pré-História Recente.

De acordo com o casal Leisner, existem 8 núcleos de estruturas fúnebres do Neolítico, Calcolítico ou da Idade do Bronze no concelho de Portalegre (datados entre o século IV e o século II a.C.). Em comparação com os concelhos vizinhos, isso representa uma quantidade relativamente baixa, o que sugere que alguns núcleos possam ter sido destruídos para aproveitamento dos materiais de construção. Assim como ocorreu com **as construções do final da Idade do Bronze e da Idade do Ferro, acredita-se que tenha existido um povoado fortificado dessa época, já que existem vestígios da presença de** um castro bem próximo do núcleo histórico da cidade, do qual os materiais pétreos **poderiam ter sido reutilizados nas edificações medievais.**

Devido ao reaproveitamento dos materiais deixados pelos povos anteriores que habitaram a região, a origem da cidade chegou a ser confundida com a cidade romana da ***Ammaia***, (situada não muito distante de Portalegre, na aldeia de São Salvador da Aramenha). Isso ocorreu devido à descoberta de uma pedra de mármore[1] com inscrições encontrada na igreja do Espírito Santo de Portalegre, mencionando os "munícipes de Amaia" e dedicada ao imperador César Lúcio Vero Augusto. Atualmente, essa pedra está em exposição no museu da cidade da ***Ammaia***, que desempenhou um papel fundamental como "pedreira da cidade de Portalegre".



Fig. 1 - Pedra-mármore encontrada na igreja do Espírito Santo de Portalegre com inscrição epigráfica: "**No** imperador César Lúcio **Vero Augusto, filho do** Divino Antonino, **pontífice máximo, com** poder tribunício, cônsul pela segunda vez. Pai da Pátria – os municípes de Amaia".

No entanto, é possível conjecturar a existência **de um tipo de assentamento, com finalidades** agrícolas, comerciais ou outras, no local, como uma estalagem para viajantes ou um ponto de troca de cavalos, por exemplo, durante os séculos III a.C. e IV d.C.

Com o declínio do Império Romano, as comuni**dades que seguiam suas doutrinas ficaram** entregues à sua própria sorte. No século V, as invasões bárbaras trouxeram nova instabilidade à região, condenado a ***Ammaia*** à perda da função de polo político. A cidade **acabou por ter um fim trágico devido às guerras e acabou sucumbindo sob um mar de** lama e pedras.

HISTÓRIA MEDIEVAL

Seguiu-se um período de "encastelamento" em que novos centros políticos da região **surgiram, tais como Portalegre, Marvão e Castelo de Vide, que perduraram até o fim da** Reconquista Cristã. As condições naturais de proteção e fertilidade do território atraíram povos que buscavam segurança em meio a guerras e invasões, levando à implantação de Portalegre. Acredita-se que o local não estava desabitado, pois não houve a necessidade de decretar o "couto de homiziados".

Com base em uma carta datada de 1229, é possível afirmar que Portalegre já era considerada uma vila. Em outra carta datada de 1253, pode-se ler que a vila já constituía um conselho, tendo seu termo sido desmembrado do de Marvão. Em 1259, D. Afonso III concedeu o "primeiro foral a Portalegre, acompanhado de vários privilégios, e ordenou **a construção de uma fortaleza". No entanto, a fortaleza ficou incompleta e foi finalizada** apenas em 1290, por ordem de D. Dinis, que também mandou erguer uma segunda muralha.

A vila de Portalegre foi doada ao Infante D. Afonso por D. Afonso III, mas após a morte **deste, o infante entrou em conflito com seu irmão D. Dinis. Em 1299, D. Dinis cercou** Portalegre por cinco meses, levando D. Afonso a render-se. Nesse mesmo ano, D. Dinis concedeu à vila o privilégio de não conceder o senhorio a mais ninguém, exceto ao rei **e ao seu filho primogênito, e declarou: "nem a infante, nem a homem rico, nem a** rica-dona, mas ser d'el-Rei e de seu filho primeiro herdeiro".

Finalmente, em 23 de maio de 1550, D. João III elevou Portalegre à categoria de cidade.



Fig. 2 - Totalidade da Cerca e Castelo de Portalegre | Desenho Original de João Tavares

Castelo e Muralhas

1259 | D. Afonso III concedeu o primeiro foral à vila de Portalegre e ordenou a con**strução de uma fortaleza, que, no entanto, ficou incompleta. Além disso, acredita-se** que a torre ou atalaia que domina o topo da serra, conhecida como "Atalaião", seja um **pouco mais antiga do que essa fortificação;**

1290 | D. Dinis realizou a remodelação da alcáçova e da torre de menagem da fortificação já existente em Portalegre, além de construir uma segunda cerca, da qual ainda hoje existem vários trechos preservados;

Séc. XV ao XVI | O castelo e sua muralha em Portalegre passaram por pequenas obras de restauração, que incluíram a ornamentação do teto da sala superior da torre de menagem[3]. Essas intervenções visavam preservar e embelezar o patrimônio arquitetônico **da fortificação;**

1641 | Com o início da Guerra da Restauração, as antigas fortificações foram reforçadas com abaluartamentos e aprimoradas para suportar a artilharia;

1661 | Durante esse período, dois fortins foram concluídos: o Fortim de Santana (ou Boa Vista), do qual ainda existem vestígios, e o Fortim de São Cristóvão;

1940 | A DGEMN (Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais) e a Câmara Municipal iniciaram intervenções de restauro nas partes remanescentes da antiga cerca da cidade[4]. Essas ações tinham como objetivo preservar e recuperar as estruturas históricas, garantindo a sua conservação e valorização para as gerações futuras, tendo-se estendido por três décadas;

1972 | O castelo, que pertencia a um proprietário privado, foi adquirido pelo Estado, e, nesse mesmo ano, foram iniciadas intervenções que deram foco ao restauro da torre de menagem;

1973 | Os muros que conectavam a Torre de Menagem ao Pátio de Armas foram demolidos para abrir caminho à Rua do Castelo[5]. Essa intervenção resultou na abertura da rua, possibilitando uma melhor acessibilidade e integração do castelo com o restante da cidade. No entanto, é importante ressaltar que essa ação também implicou na perda de parte da estrutura defensiva original do castelo;

1974 | Ainda antes do 25 de abril, começam as últimas intervenções na edificação. Nestas intervenções da DGEMN, como em muitas outras pelo país, foram adicionadas ameias na Cerca e no Castelo, algo que o Castelo de Portalegre não possuía originalmente;

2006 | No âmbito do Programa Polis, o Castelo passou por uma nova intervenção, que foi concebida pelo arquiteto Cândido Chuva Gomes[6] e integrava um conjunto de intervenções realizadas em toda a cidade. Esta intervenção consistiu na construção de um volume com o objetivo simbólico de restabelecer a imagem do castelo, ligando o pátio de armas à torre de menagem e foi concebida para abrigar um museu.

Nesse mesmo ano ocorreram outras intervenções nas muralhas do castelo. O arquiteto responsável pelo projeto do castelo realizou tambem uma intervenção na barbacã, enquanto Fernando Sequeira Mendes interveio em um trecho das muralhas, tendo como objetivo criar um percurso de ligação entre a rua 1º de maio e o Museu de Tapeçaria.

FOTOGRAFIAS DO CASTELO DE PORTLEGRE



Fig. 3 - Teto da sala superior da Torre de Menagem



Fig. 4 - Pátio de Armas 1948



Fig. 5 - Obras de Restauro da DGEMN - 1973



Fig. 6 - Intervenção do Projeto Polis no Castelo de Portalegre - 2006
Arquiteto Cândido Chuva Gomes

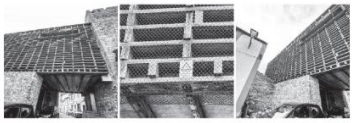


Fig. 7 - O edifício museológico encontra-se em um elevado estado de degradação 2022

EVOLUÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO



Fig. 8 - Reinterpretação com base nos desenhos originais do arquiteto Abel - Câmara Municipal de Portalegre

Através destas plantas[8], podemos observar a evolução gradual da cidade de Portalegre, tanto dentro **como fora dos muros. Também é possível identificar o surgimento de algumas das vias mais marcantes** da zona histórica da cidade, que ainda estão presentes na atual malha urbana. Um exemplo é a rua que se estende desde a antiga Porta de Évora até a Porta da Deveza. Outro exemplo é a rua que liga a Porta do Crato à Porta de Alegrete, criando assim duas artérias principais nessa área da cidade. Essas **vias desempenharam um papel significativo na configuração e no desenvolvimento da cidade ao** longo do tempo.

Na figura 9, podemos observar uma planta que retrata os vestígios remanescentes da Muralha e do Castelo de Portalegre, mostrando como eles podem ser encontrados nos dias de hoje. Infelizmente, devido ao crescimento da cidade, a Cerca e o Castelo foram alvo de várias agressões ao longo do tempo, com partes da estrutura sendo utilizadas pelos moradores na construção de suas casas[9].

A Câmara Municipal de Portalegre tem realizado um trabalho constante no sentido de desobstruir e minimizar os danos causados à muralha, que é um ícone da cidade. Isso tem sido feito através da **aquisição de imóveis com o objetivo de demolição, a fim de tornar a muralha mais visível, e também** por meio de intervenções de restauro. O objetivo dessas ações é preservar a muralha em boas **condições e prolongar sua vida como uma estrutura medieval significativa.**

BIBLIOGRAFIA

- ABEL - Câmara Municipal de Portalegre - Plano de Pormenor de Salvaguarda e Valorização do Núcleo Histórico de Portalegre e Evolvente. Évora, Cidade Utópica, Desenho Urbano e Arquitectura, Lda.
- ALMEIDA, A. 2012. Intervenção Contemporânea nos Castelos em Portugal. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura.
- BARRANHA, Helena, 2016. Património Cultural - conceitos e critérios fundamentais. [e-book] Lisboa, IST Press e ICOMOS-Portugal
- BUCHO, Domingos, 2000. Heranca Cultural e Praticas do Restauro Arquitectónico em Portugal durante o Estado Novo (Intervenção nas Fortificações do Distrito de Portalegre). Évora, Universidade de Évora. Tese de Doutoramento em Conservação do Património Arquitectónico.
- CAMPOS, N. , Matos, P. 2012. Guia de Arquitetura - Espaços e Edifícios Reabilitados. Porto, TraçoAlternativo - Arquitectos Associados.
- ENCARNAÇÃO, J. (2022). "Das origens de Portalegre". Monumentos - Património Arquitetónico, 39, 7-13.

Fig. I



Fig. 9 - Planta da evolução da Cerca e do Castelo de Portalegre ao longo do tempo - Camadas da História

TEORIA DE VALOR

O edifício do Castelo possui valor histórico e, sendo um ícone da cidade, é necessário realizar intervenções de manutenção periódicas, com o objetivo deprolongar a sua vida útil. Essas intervenções devem ser realizadas utilizando técnicas e materiais originais, preservando assim a autenticidade do mesmo.

A adição realizada no âmbito do Programa Polis[4], projetada pelo Arquiteto Candido Chuva Gomes em 2006, possui valor de autenticidade. No entanto, sua intenção inicial era ser uma obra efêmera, permitindo a sua remoção no futuro, sendo construída de forma a não agredir a estrutura histórica do castelo.

Esta apresenta um estado de degradação avançado, tendo problemas severos na estrutura e nos seus revestimentos exteriores. Têm sido realizadas diversas obras, incluindo a substituição da cobertura de cobre. Além disso, o museu localizado no edifício encontra-se encerrado e a passagem pela Rua do Castelo esteve impedida devido ao risco de queda de objetos[5]. A estrutura Medieval apresenta um bom estado de conservação.



Fig. 10 - Zona de intervenção - Vista aérea da envolvente do Castelo de Portalegre

PALAVRAS CHAVE

Arquitetura | Reabilitação | Portalegre
Castelo de Portalegre | Centro Interpretativo

OBJETIVOS

- Criação de um programa misto na tentativa de responder às necessidades da população e ao pretendido pela Câmara Municipal de Portalegre.
- Tornar o Caminho de Ronda acessível aos visitantes do Castelo;
- Libertar de construção o Pátio de Armas, restabelecendo o seu formato integral e a monumentalidade sentida no local;

PROGRAMA

Centro Interpretativo
- Sobre Portalegre na Época Medieval e a sua importância no Reinado de Portugal.

Pequeno Auditório
- Permitir a realização de conferências ou pequenos espétaculos no local.

Cafetaria | Espaço Cowork
- Criação de um espaço que permita o estudo e trabalho remoto na cafetaria do centro interpretativo.

Bilhetaria | Loja
- Permitir a venda de produtos da região e merchandise do Castelo.

Espaços Reversíveis
- Salas reversíveis que permitam a realização de workshops.

Estacionamento Subterrâneo
- Tentativa de suprimir a necessidade de estacionamento nesta zona da cidade.

Estratégia Urbana
- Criação de espaços verdes e percursos que permitam a comunicação entre o Castelo e o Centro Interpretativo.

INTENÇÕES PROJETUAIS

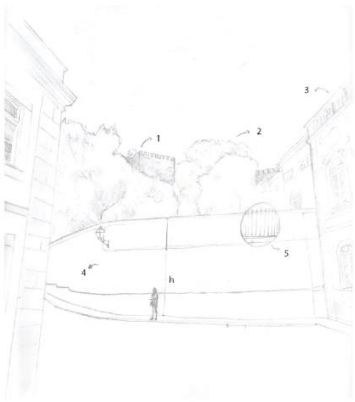


Fig. 11 - Vista do Castelo - Largo Serpa Pinto

1 - Castelo de Portalegre - Apesar de visível apartir do Largo Serpa Pinto, muitas vezes passa despercebido. Para dar mais destaque ao edifício, uma boa iluminação é essencial;

2 - Vegetação - Com base em uma imagem de 1948, de autoria desconhecida e presente **no Arquivo Histórico da Força Aérea, é possível afirmar que a vegetação atualmente pre**sente no pátio do Palácio Barahona e na área adjacente à muralha do Castelo é recente. Algumas dessas árvores de pequeno porte serão realocadas para outra área, permitindo assim a construção do centro interpretativo e criando uma conexão visual entre o Largo Serpa Pinto, a Rua do Carmo e a estrutura medieval. Essa medida tem como objetivo aumentar a visibilidade do castelo e despertar maior interesse por parte da população e dos turistas;

3 - Palácio Barahona - As intervenções previstas centram-se no seu pátio. Pretende-se criar um edifício semi-enterrado de forma a não obstruir o castelo e preservar o desenho original do pátio, criando apenas alguns poços de luz e acessos ao novo edifício. Essa abordagem visa manter a identidade e o caráter histórico do Palácio Barahona, ao mesmo tempo que proporciona as condições necessárias para a nova construção;

4 - Fachada - Para a fachada deste novo elemento, pretende-se uma abordagem que não tire protagonismo ao palácio e às suas fachadas ricas em arte do **Stucco**. Será dada atenção especial ao design e à harmonia estética, buscando integrar o novo elemento de forma respeitosa e equilibrada com o conjunto arquitetónico existente;

5 - Gradeamento - Pretende-se aproveitar a altura deste muro de contenção para criar um gradeamento na parte superior, com o objetivo de aumentar a ligação visual entre o castelo e a cidade. Essa proposta visa proporcionar uma melhor apreciação da vista do castelo a partir da cidade, estabelecendo uma conexão visual entre ambos.

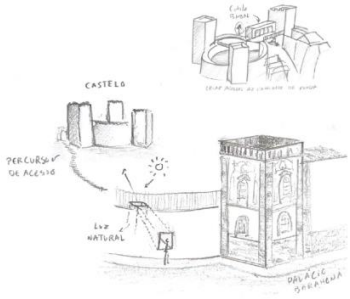


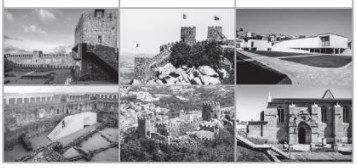
Fig. 12 - Desenho esquemático de intenções projetuais

ESTRUTURA PROGRAMÁTICA

Resumo (200 palavras)
Abstract (200 palavers)
Agradecimentos
Índice de Figuras
01 | INTRODUÇÃO (1000 palavras)
01.1 | Tema;
01.2 | Motivação;
01.3 | Objetivos;
01.4 | Metodologia;
01.5 | Estrutura;
02 | O LUGAR (1500 palavras)
02.1 | História;
02.1.1 | Portalegre na Época Medieval;
02.1.2 |O papel de Portalegre no Reinado de Portugal;
02.1.3 | Edifícios Medievais Notavéis da Cidade de Portalegre;
02.2 | Análise Atual;
02.2.1 | Análise da População;
02.2.2 | Contextualização social;
02.3 | Castelo de Portalegre;
02.3.1 | Atualidade;
02.3.2 | Teoria de Valor;
03 CONTEXTUALIZAÇÃO (1500 palavras)
03.1 | Conceitos fundamentais de intervenção em Reabilitação;
03.2 | Conceitos fundamentais de intervenção emRestauro;
03.3 | Centro Interpretativo;
03.3.1 | Tipologias;
03.3.2 | Programa;
03.3.3 | Centro de Visitantes do Castelo de Pombal;
03.3.4 | Valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha - Centro de Interpretação do Mosteiro de Santa Clara;
04 | CASOS DE REFERÊNCIA (1500 palavras)
04.1 | Centro de Visitantes do Castelo de Pombal;
04.2 |"A Conquista do Castelo" - Castelo dos Mouros;
04.3 | Valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha;
05 | PROPOSTA (1500 palavras)
05.1 | Desenho Urbano;
05.2 | Programa;
05.3 | Proposta Arquitectónica;
05.3.1 | Centro Interpretativo;
05.3.1 | Restauro do Castelo de Portalegre;
06 | CONSIDERAÇÕES FINAIS (1000 palavras)
Referências Bibliográficas
Webgrafia
Teses - PFM e Doutoramentos
Anexos

CASOS DE REFEÊNCIA

Centro de Visitantes do Castelo de Pombal Pombal	"A Conquista do Castelo" Castelo dos Mouros Sintra	Valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha Coimbra
Arquitetos Luís Miguel Correia. Nelson Mota, Susana Constantino COMOCO	Arquitetos - -	Arquitetos Alexandre Alves e Sérgio Costa c/ Luís Urbano Atelier 15
Data de Intervenção 2004 - 2012	Data de Intervenção 2009 - 2015	Data de Intervenção 2002 - 2008
Programa Centro de Visitantes do Castelo de Pombal	Programa Centro de Interpretação da História do Castelo dos Mouros, Musealização do Campo de Investigação Arqueológica	Programa Centro de Interpretação do Mosteiro de Santa Clara
Área 1 200 m²	Área - m²	Área 28 000 m²
Pertinências Plasticidade da Forma e dos Materiais utilizados	Pertinências Restauro das muralhas Programa	Pertinências **Conceito e Filosofia** de intervenção
Fotografias	**Fotografias**	**Fotografias**



- GARRAIO, Isilda, 2002. O Centro Histórico de Portalegre. Portalegre, Região de Turismo de S. Mamede/ Norte Alentejano.
- NEVES, José, 2006. Portalegre Polis. Casal de Cambra, Caleidoscópio.
- SANTOS, João, 2022. Monumentos - Património Arquitetónico. nº39. Lisboa.
- SILVA, Aurélio, 1950. Portalegre na História militar de Portugal. Coimbra, Casa Minerva.
- RAMOS, S. & MARQUES, J. L. (2022). "Porta Alegre: aspetos da sua forma urbana, do território às casas". Monumentos - Património Arquitetónico, 39, 14-31.
- RIEGL, Alois, 2014. O Culto Moderno dos Monumentos - A sua Essência e a sua Origem. São Paulo, Editora Perspectiva S.A.

Observação:
A ferramenta Chat GPT foi utilizada para correção sintática na realização deste trabalho.

Fig. II

Anexo IV – Fotografias da Maquete 1:500

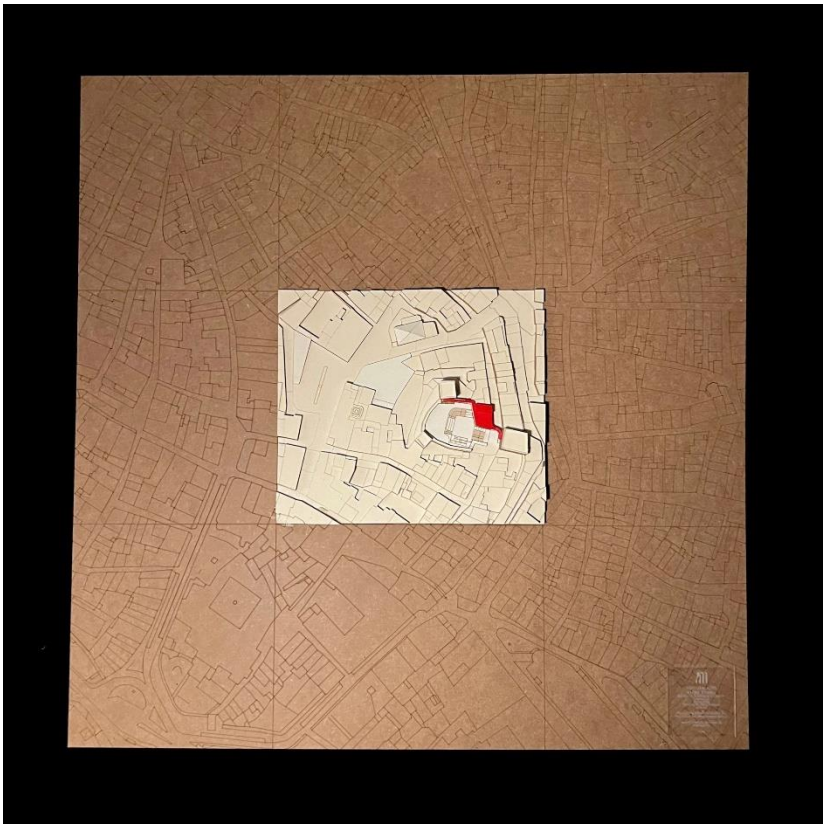


Fig. III



Fig. V

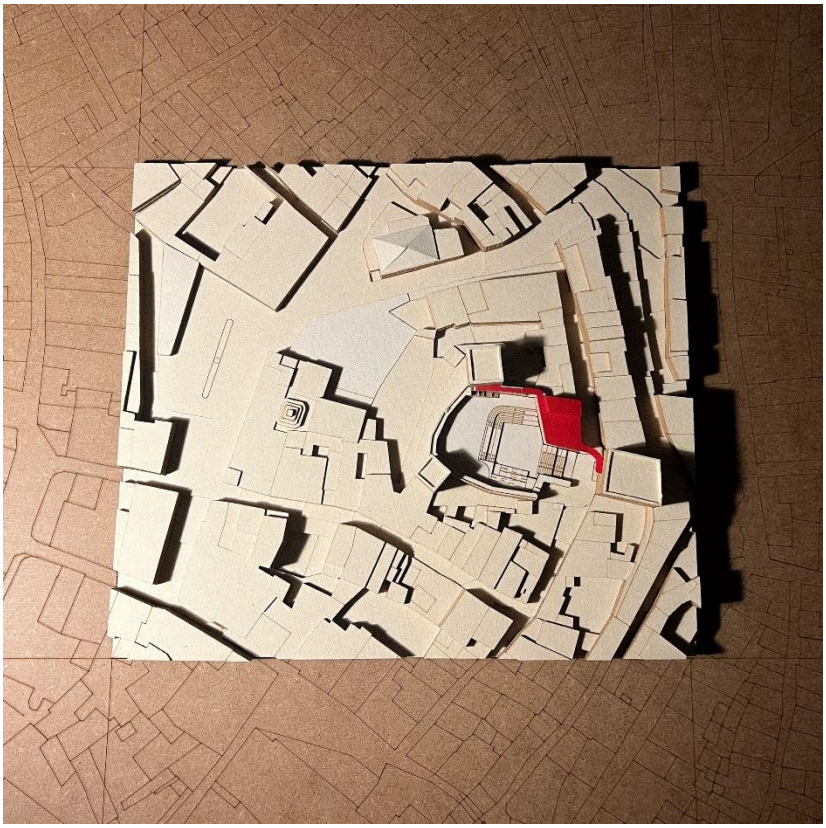


Fig. IV

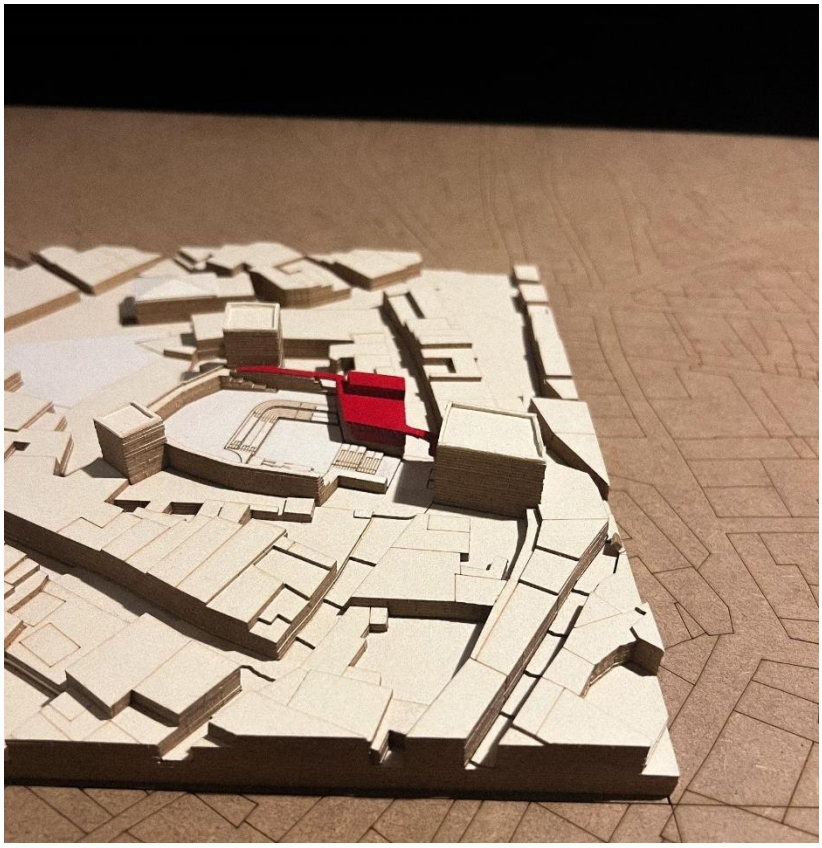


Fig. VI

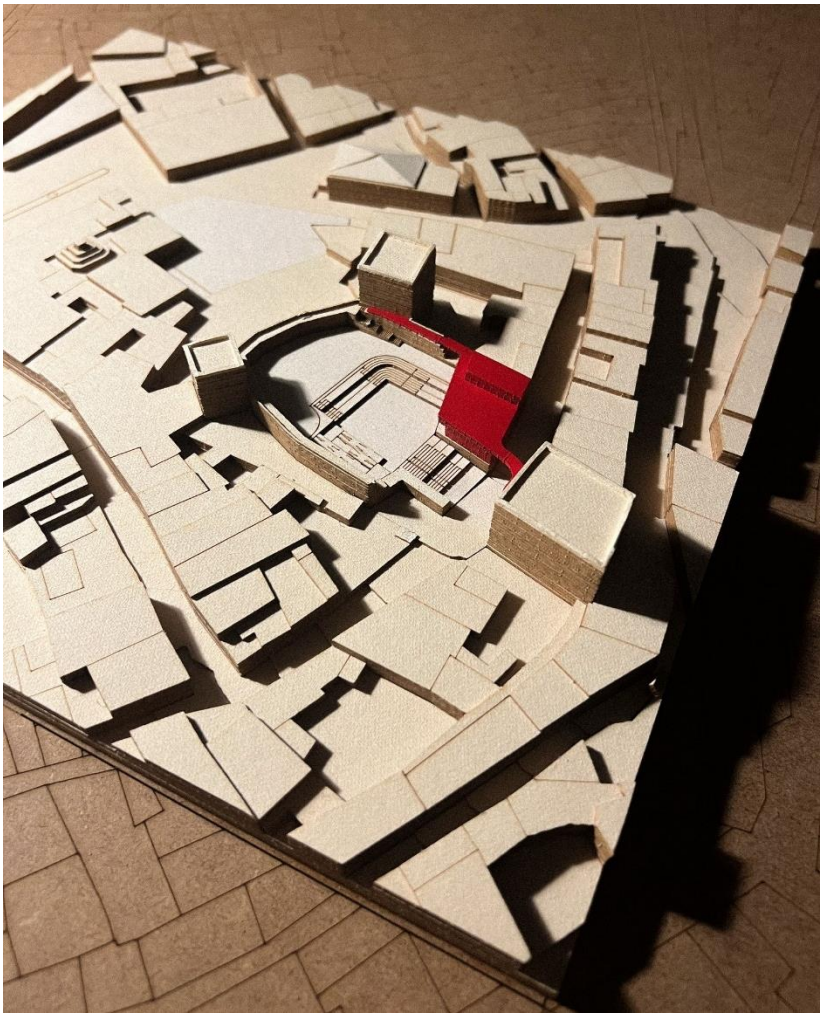


Fig. VII

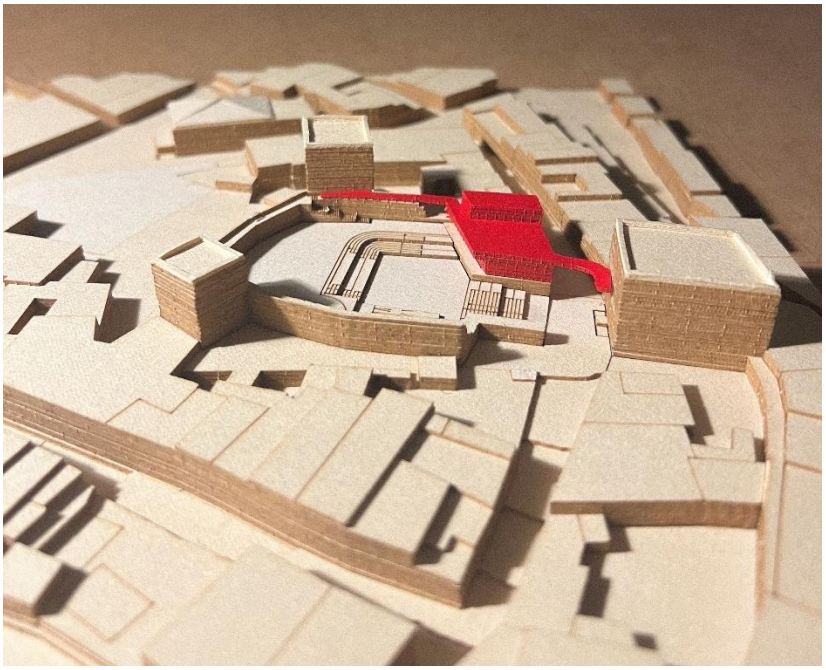


Fig. VIII

Anexo V – Fotografias da Maquete 1:200



Fig. IX



Fig. X

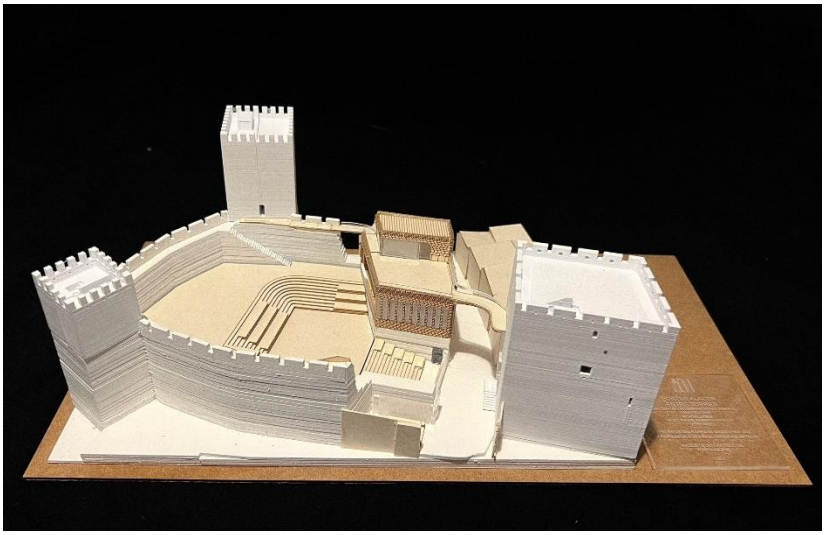


Fig. XI

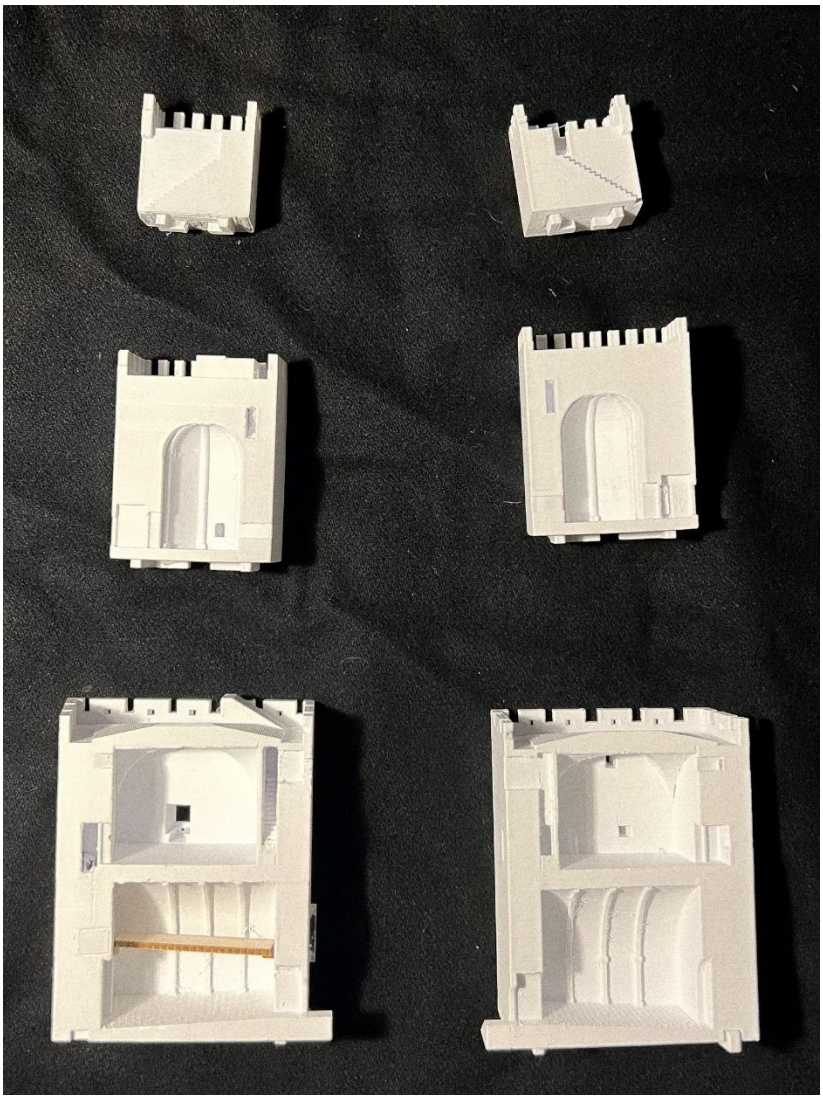


Fig. XII

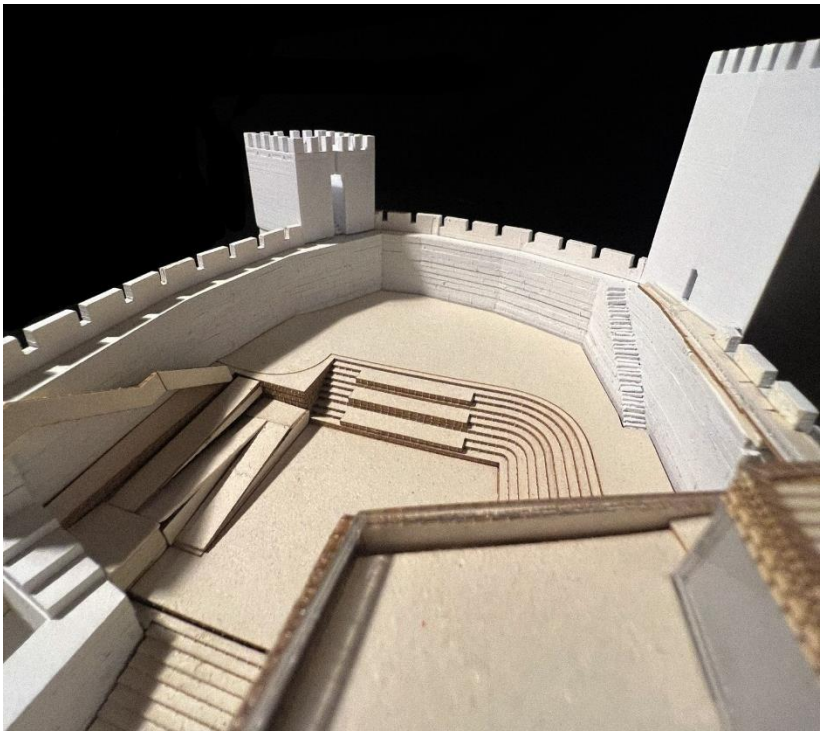


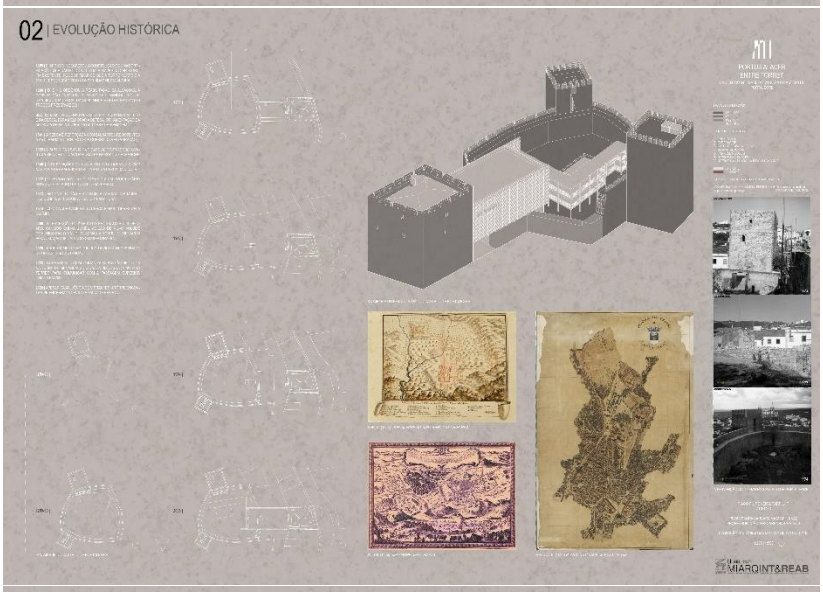
Fig. XIII



Fig. XIV

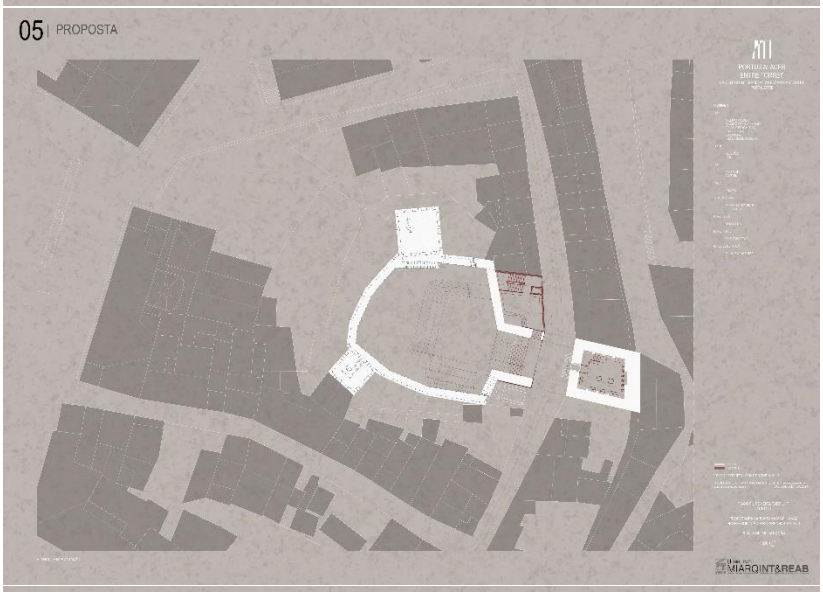
Anexo VI – Painéis Finais

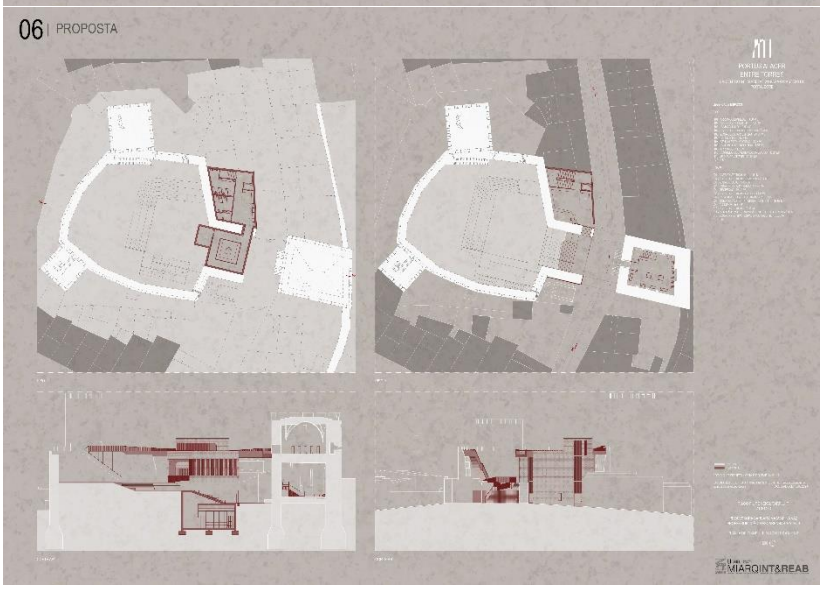






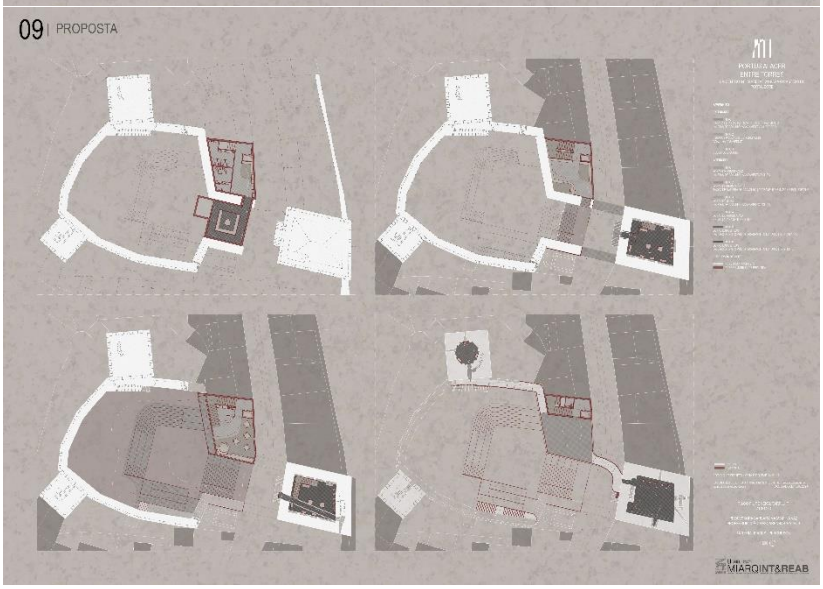

04 | ESTADO ATUAL
MIARQINT&REAB


05 | PROPOSTA
MIARQINT&REAB

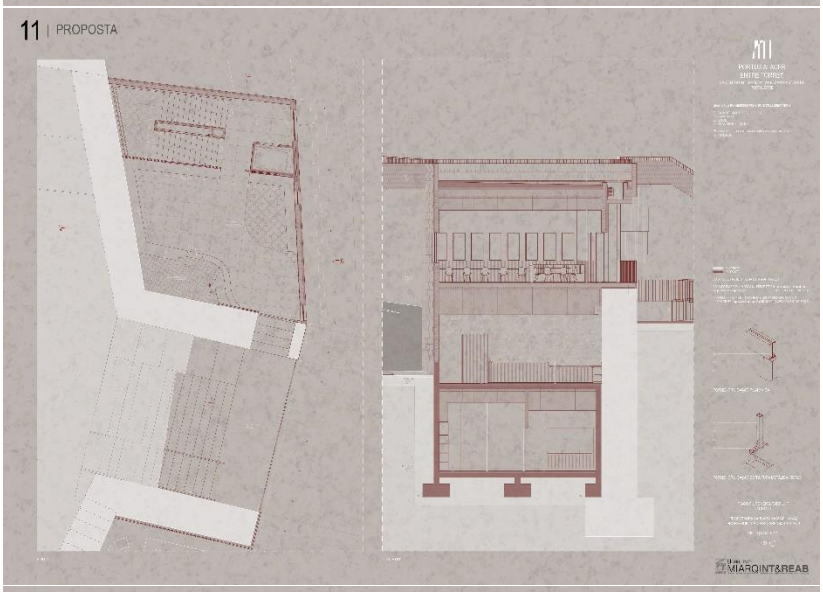

06 | PROPOSTA
MIARQINT&REAB

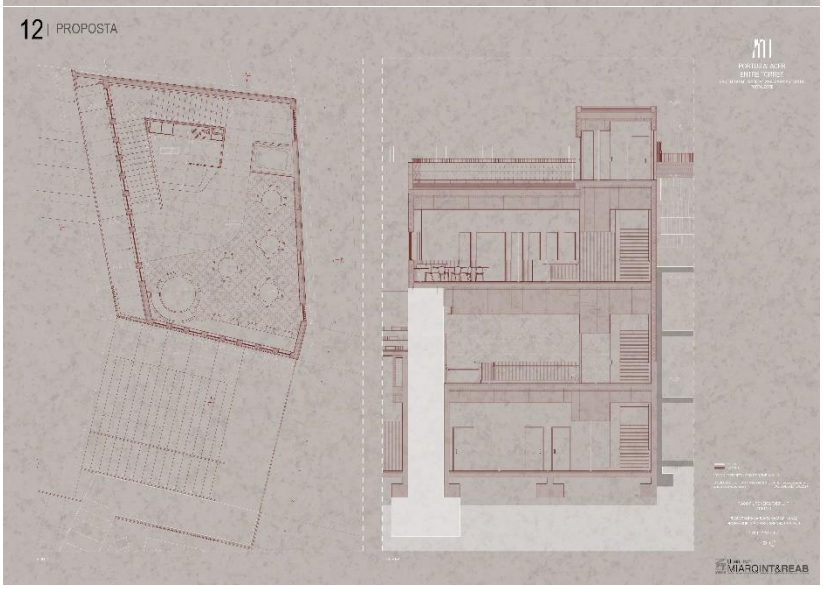

07 | PROPOSTA

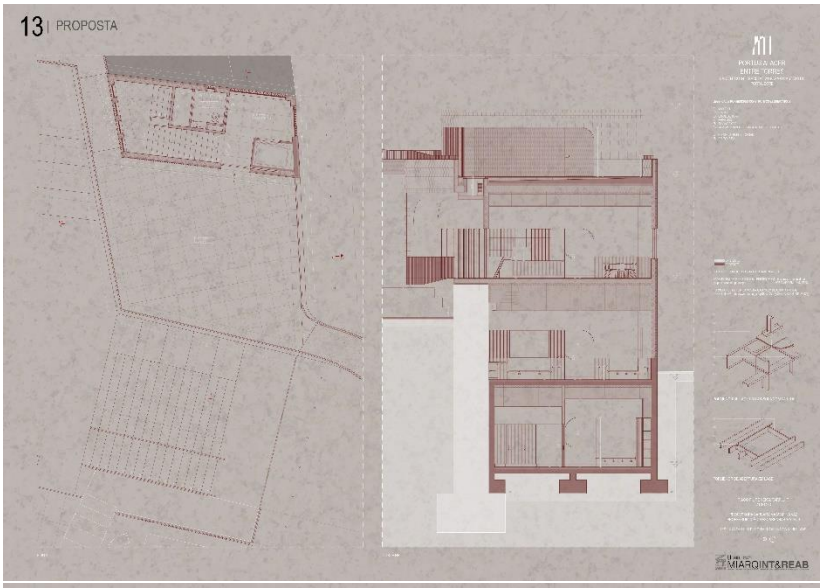

08 | PROPOSTA

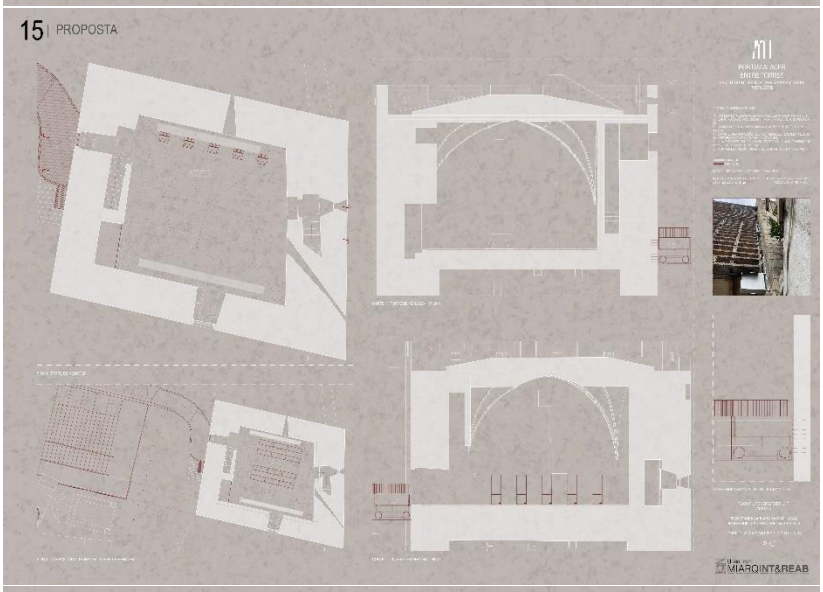

09 | PROPOSTA

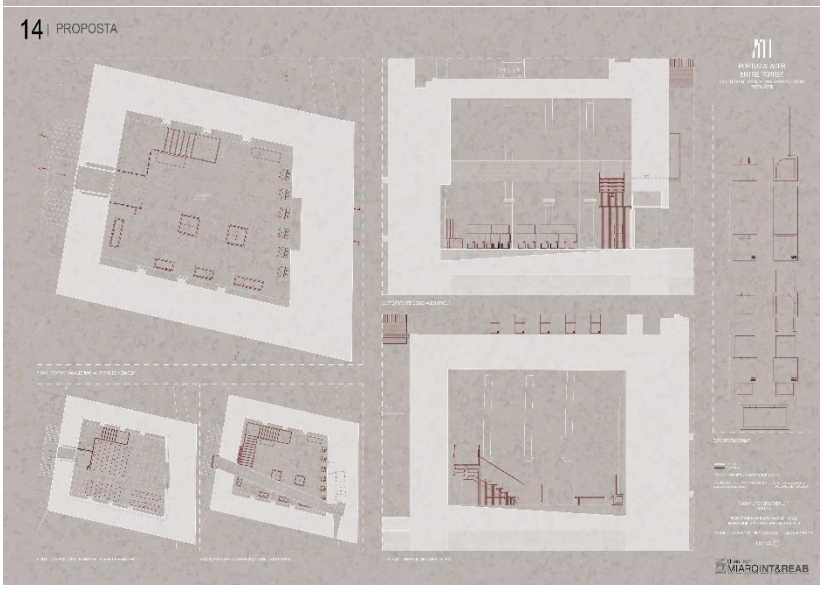

10 | PROPOSTA
MIARQINT&REAB

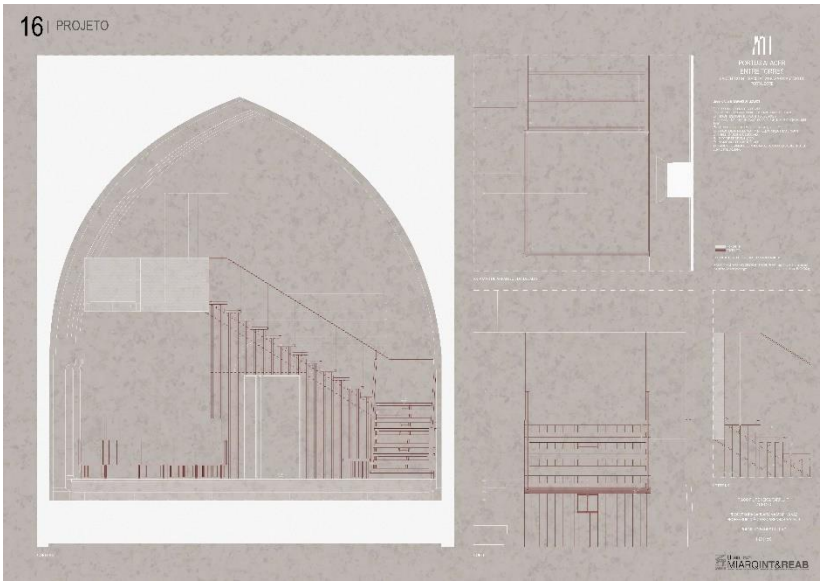

11 | PROPOSTA
MIARQINT&REAB


12 | PROPOSTA
MIARQINT&REAB


13 | PROPOSTA


15 | PROPOSTA


14 | PROPOSTA


16 | PROJETO
MIARQINT&REAB

01 | LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO

PORTALEGRE

PORTALEGRE, CAPITAL DE DISTRITO, INTEGRA A SUB-REGIÃO DO ALTO ALENTEJO.

O CONCELHO É CONSTITUÍDO POR SETE FREGUESIAS, DAS QUAIS DUAS URBANAS E CINCO RURAIS. ESTE OCUPA 447,13 KM² E ABRIGA UMA POPULAÇÃO DE CERCA DE 22.369 HABITANTES, DOS QUAIS 15 MIL VIVEM NO CENTRO URBANO.

A CIDADE, IMPLEMENTADA A MEIA ENCOSTA DA SERRA DE SÃO MAMEDE, ESTÁ ESTRATEGICAMENTE POSICIONADA PARA APROVEITAR A SUA PROTEÇÃO NATURAL CONTRA AMEAÇAS PROVENIENTES DO LESTE E SUDESTE. ALÉM DISSO, POSSUI UMA VISTA PRIVILEGIADA DAS PLANÍCIES EM TODAS AS RESTANTES DIREÇÕES, COM EXCEÇÃO DO SUL, ONDE SE DESTACA COMO PANO DE FUNDO A IMPONENTE SERRA DA PENHA. A LOCALIZAÇÃO ESTRATÉGICA, ALIADA AOS RECURSOS NATURAIS PROPORCIONADOS PELO PARQUE NATURAL DA SERRA DE SÃO MAMEDE, PERMITIU QUE A CIDADE PROSPERASSE AO LONGO DOS SÉCULOS.

EMBORA AS GRANDES AMPLITUDES TÉRMICAS SEJAM SENTIDAS POR TODA A REGIÃO, O CLIMA É CONSIDERADO ATÍPICO DEVIDO À SUA LOCALIZAÇÃO EM UMA ZONA DE TRANSIÇÃO ENTRE O CLIMA SECO DAS PLANÍCIES ALENTEJANAS E O CLIMA MAIS HÚMIDO E MONTANHOSO DAS BEIRAS. ESSA TRANSIÇÃO RESULTOU EM UMA FAUNA E FLORA COM CARACTERÍSTICAS ÚNICAS. POR ESSA RAZÃO, A CRIAÇÃO DO PARQUE NATURAL TORNOU-SE ESSENCIAL PARA GARANTIR A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.

A MALHA URBANA DA ZONA HISTÓRICA É IRREGULAR, COMO É COMUM NAS CIDADES MEDIEVAIS. AS RUAS SÃO ESTREITAS E AS CASAS POR NORMA VARIAM ENTRE 1 A 3 PISOS. A ARQUITETURA POPULAR UTILIZAVA MATERIAIS LOCAIS, COMO CALCÁRIO, XISTO E GRANITO, BEM COMO MADEIRA DE CASTANHEIRO E CARVALHO.

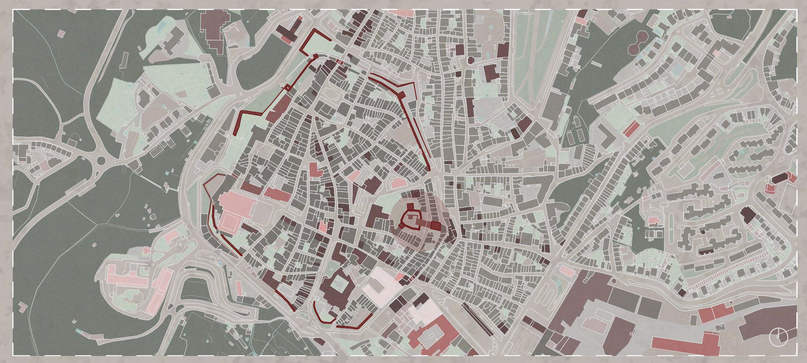
A CIDADE DE PORTALEGRE, HISTORICAMENTE VINCULADA À INDÚSTRIA CORTICEIRA E AOS LANIFÍCIOS, É AMPLAMENTE RECONHECIDA POR ESSE LEGADO INDUSTRIAL, BEM COMO PELAS SUAS FAMOSAS TAPEÇARIAS E A RICA TRADIÇÃO DA DOÇARIA CONVENTUAL.



DISTRITO DE PORTALEGRE



PLANTA DE LOCALIZAÇÃO - O CASTELO E O CENTRO HISTÓRICO



ENVOLVENTE URBANA - COMÉRCIO E SERVIÇOS



ENVOLVENTE URBANA - NÚMERO DE PISOS POR HABITAÇÃO

PORTUS ALACER
ENTRE TORRES

UM CENTRO INTERPRETATIVO PARA O CASTELO DE PORTALEGRE

PLANTA DE LOCALIZAÇÃO

CONSTRUÇÃO
CONSTRUÇÃO | CENTRO HISTÓRICO
CONSTRUÇÃO | INDUSTRIAL
CASTELO E MURALHAS
ESPAÇOS VERDES | PRIVADO
ESPAÇOS VERDES | PÚBLICO
ESPAÇOS VERDES | MATO

A | COLÉGIO DE SÃO SEBASTIÃO - ATUAL CÂMARA MUNICIPAL DE PORTALEGRE
B | REAL FÁBRICA DE LANIFÍCIOS
C | CASTELO DE PORTALEGRE
D | IGREJA DE SÃO LOURENÇO
E | PORTA DA DEVEZA
F | PALÁCIO AMARELO
G | PORTA DO CRATO
H | PORTA DO POSTIGO
I | SÉ CATEDRAL
J | PALÁCIO BARAHONA
K | CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
L | CONVENTO DE SANTA CLARA - ATUAL BIBLIOTECA MUNICIPAL
M | PORTA DE ALEGRETE
N | PALÁCIO AVILLEZ - ATUAL PSP
O | PALÁCIO ACHAIOLI - ATUAL ESECS
P | FÁBRICA DA ROBINSON
Q | CONVENTO DE SÃO FRANCISCO

ENVOLVENTE URBANA

COMÉRCIO E SERVIÇOS

HABITAÇÃO
HABITAÇÃO – CENTRO HISTÓRICO
CONSTRUÇÃO - INDUSTRIAL
CASTELO E MURALHAS
ESPAÇOS VERDES - PRIVADO
ESPAÇOS VERDES - PÚBLICO
ESPAÇOS VERDES - MATO
COMÉRCIO
SERVIÇOS
CULTURA
ENSINO
HOTEL
RELIGIOSO
SAÚDE
SEGURANÇA PÚBLICA

NÚMERO DE PISOS POR HABITAÇÃO

1 PISO
2 PISOS
3 PISOS
4 OU + PISOS

BASEADO EM DESENHO ORIGINAL FORNECIDO PELA CÂMARA MUNICIPAL DE PORTALEGRE

TIAGO FILIPE VEIGA CARRILHO
20181483

PROFESSORA BÁRBARA MASSAPINA VAZ
PROFESSOR JOÃO MASCARENHAS MATEUS

LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO URBANO

1:2000 | 1:5000

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MIARQINT&REAB
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERVENÇÕES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

02 | EVOLUÇÃO HISTÓRICA

1259 | D. AFONSO III DECRETOU A CONSTRUÇÃO DE UMA FORTIFICAÇÃO, QUE NÃO FOI CONCLUÍDA. ATRAVÉS DA CARTOGRAFIA EXISTENTE, PODE AFIRMAR-SE QUE A TORRE NORTE E A TORRE ESTE TERÃO SIDO CONSTRUÍDAS NESTA ALTURA;

1290 | D. DINIS ORDENOU A REABILITAÇÃO DA ALCÇOVA, A CONSTRUÇÃO DA TORRE DE MENAGEM E MANDOU ERGUER UMA SEGUNDA CERCA, DA QUAL AINDA EXISTEM BASTANTES TROÇOS PRESERVADOS;

SÉC. XV E XVI | PEQUENAS OBRAS DE RESTAURO NO CASTELO E NA CERCA, PARA MELHORAR A DEFESA. ORNAMENTAÇÃO DA ABÓBADA DA SALA SUPERIOR DA TORRE DE MENAGEM;

1641 | A CERCA É REFORÇADA COM BALUARTES RESISTENTES À ARTILHARIA NO CONTEXTO DA GUERRA DA RESTAURAÇÃO;

1929 | A PARTIR DA *"PLANTA DA CIDADE DE PORTALEGRE"* CONSTATA-SE A DEMOLIÇÃO DA MURALHA NA RUA LUIZ BARAHONA;

1940 | INTERVENÇÕES DE RESTAURO PELA DGEMN E A CMP NAS ZONAS REMANESCENTES DA ANTIGA CERCA DA CIDADE;

1972 | O ESTADO ADQUIRE O CASTELO A UM PROPRIETÁRIO PRIVADO. RESTAURO DA TORRE DE MENAGEM;

1973 | RECONSTITUIÇÃO HISTORICISTA PARCIAL DAS MURALHAS CONFINANTES COM A RUA LUIZ BARAHONA;

1974 | ADICIONADAS AMEIAS NA CERCA E NAS TORRES PELA DGEMN;

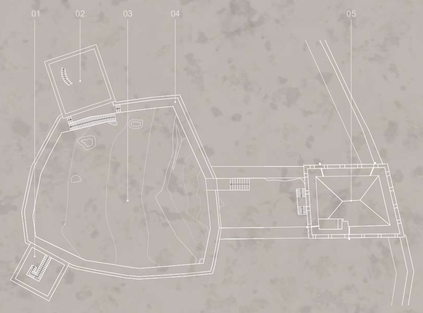
2006 | INTERVENÇÃO NO ÂMBITO DO PROGRAMA POLIS, PELO ARQ. CÂNDIDO CHUVA GOMES. ADIÇÃO DE NOVO VOLUME COMUNICANDO O PÁTIO DE ARMAS À TORRE DE MENAGEM PARA CRIAÇÃO DE UM NÚCLEO MUSEOGRÁFICO;

2020 | ENCERRAMENTO AO PÚBLICO DEVIDO À NECESSIDADE DE OBRAS DE MANUTENÇÃO;

2023 | A CÂMARA MUNICIPAL ORGANIZA EXPOSIÇÃO REDUZIDA NA TORRE DE MENAGEM. ADICIONADA UMA ESCADA NO PISO TÉRREO PARA COMUNICAR COM A PASSAGEM SUPERIOR CRIADA EM 2006;

2024 | APESAR DA AFLUÊNCIA DE VISITANTES, A TORRE ENCONTRA-SE ENCERRADA DEVIDO À FALTA DE PESSOAL.

1290 |



1948 |



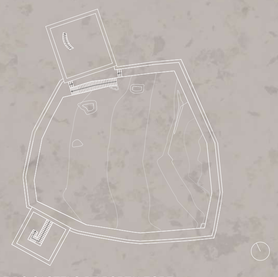
1259-90 |



1974 |



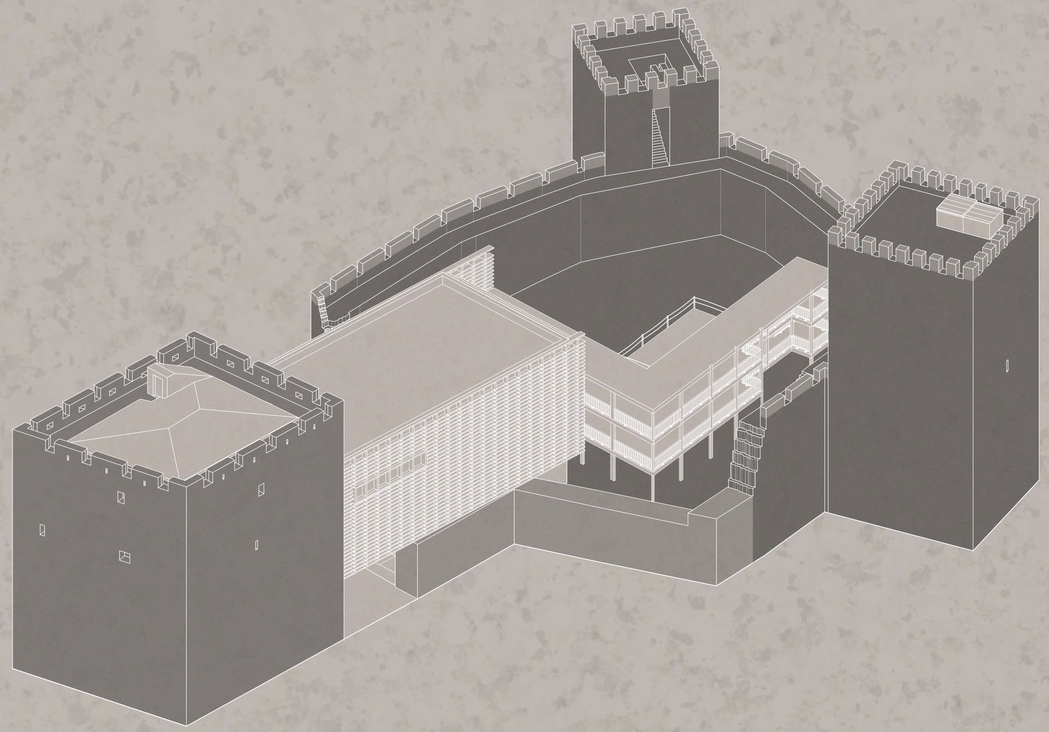
1259-90 |



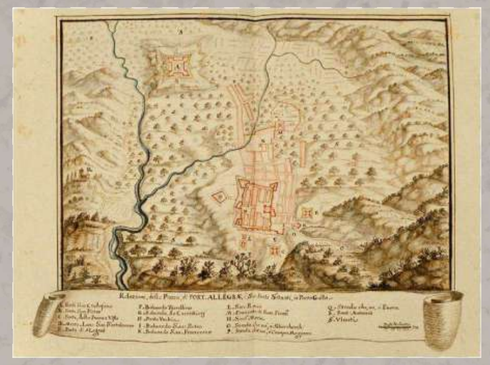
2006 |



ANAMNESE DO CASTELO DE PORTALEGRE



ISOMETRIA DO ESTADO ATUAL DO CASTELO DE PORTALEGRE



FER, N. (1704). *PORTALEGRE SITIADAY RENDIDA POR EL REY.*



POSSI. (1666). *RELAZIONE DELLA PIAZZA.*



MELO, A. B. (1929) *PLANTA DA CIDADE DE PORTALEGRE.*

PORTUS ALACER
ENTRE TORRES

UM CENTRO INTERPRETATIVO PARA O CASTELO DE PORTALEGRE

ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO

1259 - 1290
1290
1972 -1974
2003 - 2006

ELEMENTOS DO CASTELO

01 - TORRE OESTE
02 - TORRE NORTE
03 - PÁTIO DE ARMAS | ALCÇOVA
04 - ADARVE | ALCÇOVA
05 - TORRE DE MENAGEM
06 - INTERVENÇÃO DA DGEMN
07 - INTERVENÇÃO DO ARQ. CÂNDIDO CHUVA GOMES

EXISTENTE
PROPOSTA

COTA 0.00 DE PROJETO = COTA TOPOGRÁFICA 489.34

BASEADO EM DESENHO ORIGINAL PRESENTE EM: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (ACESSADO EM: 18/02/2023)







INTERVENÇÃO DA DGEMN NO CASTELO DE PORTALEGRE

TIAGO FILIPE VEIGA CARRILHO
20181483

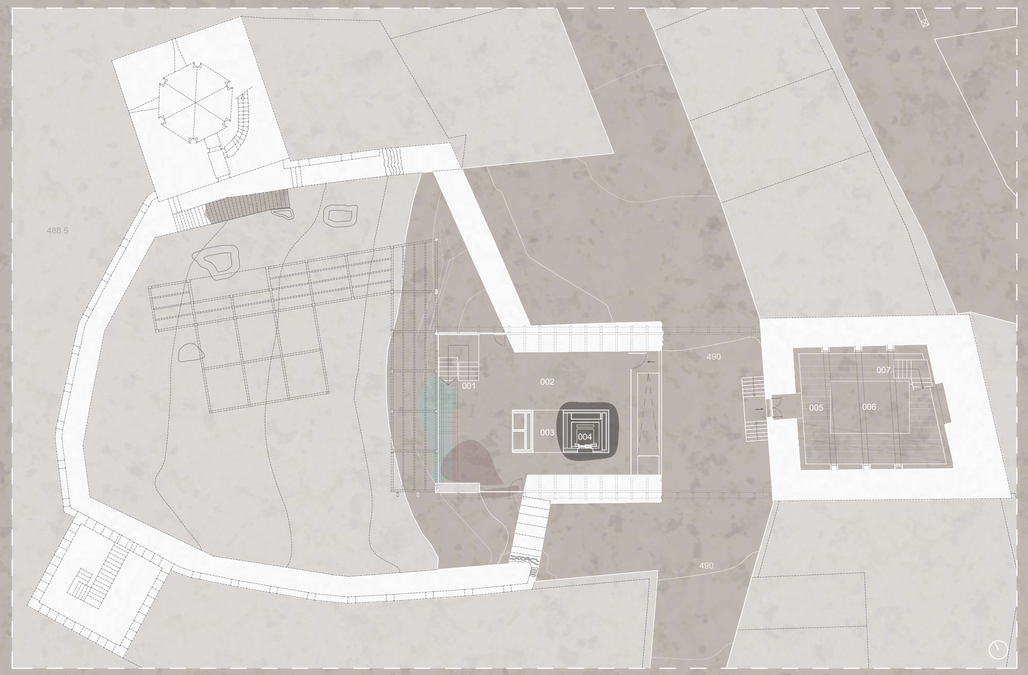
PROFESSORA BÁRBARA MASSAPINA VAZ
PROFESSOR JOÃO MASCARENHAS MATEUS

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO CASTELO DE PORTALEGRE

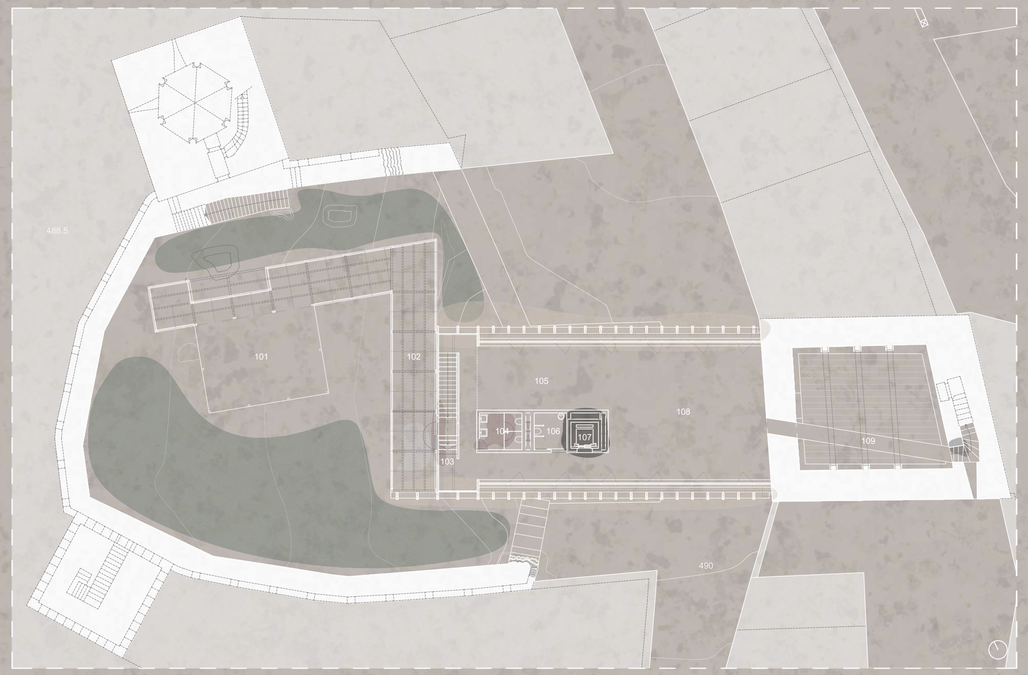
1:200 | 1:500

U LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MIARQINT&REAB
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERVENÇÕES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

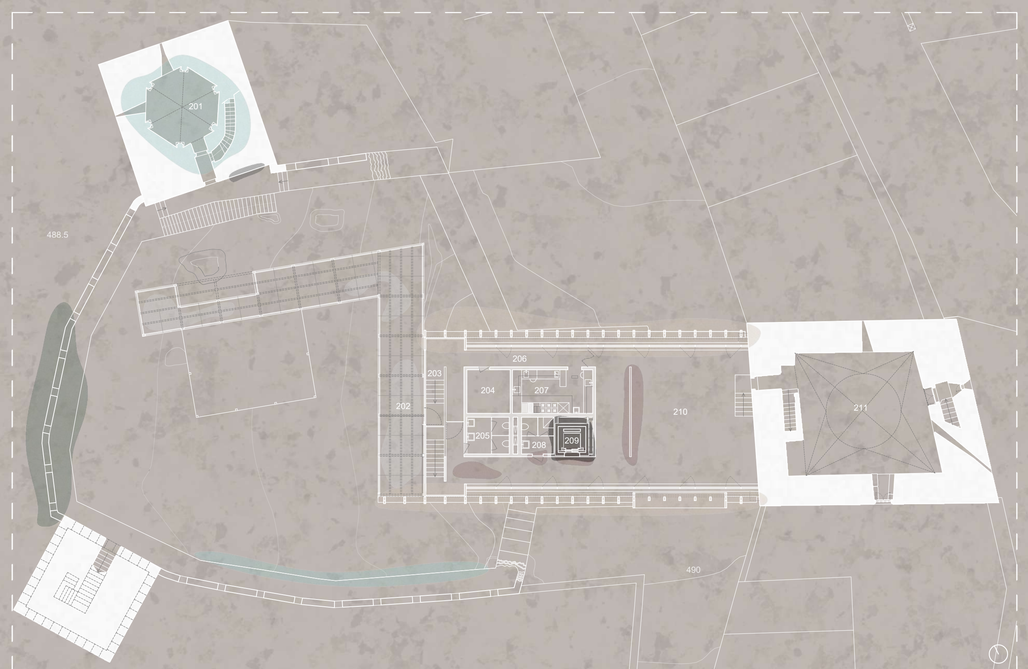
03 | ESTADO ATUAL



PISO 0



PISO 1



PISO 2



PLANTA DE COBERTURAS

PORTUS ALACER
ENTRE TORRES

UM CENTRO INTERPRETATIVO PARA O CASTELO DE PORTALEGRE

LEGENDA DE ESPAÇOS

001 - ACESSO VERTICAL
002 - RECEÇÃO
003 - BENGALEIRO
004 - ACESSO VERTICAL ELEVADOR
005 - ZONA EXPOSITIVA
006 - "GAIOLA" EXPOSITIVA
007 - ACESSO VERTICAL

101 - PALCO
102 - GALERIA EXTERIOR
103 - ACESSO VERTICAL
104 - IS MISTA
105 - LOJA
106 - IS MOBILIDADE REDUZIDA
107 - ACESSO VERTICAL ELEVADOR
108 - ZONA EXPOSITIVA
109 - PONTE AÉREA

201 - SALA DE REUNIÕES
202 - GALERIA EXTERIOR
203 - ACESSO VERTICAL
204 - ARMAZEM
205 - IS MISTA
206 - ZONA PRIVADA
207 - COZINHA
208 - IS TRABALHADORES
209 - ACESSO VERTICAL ELEVADOR
210 - SALA DE REFEIÇÕES
211 - ZONA EXPOSITIVA

301 - CAMINHO DE RONDA
302 - EIRADO TORRE OESTE
303 - EIRADO TORRE NORTE
304 - EIRADO TORRE DE MENAGEM

PATOLOGIAS

1 - NA ESTRUTURA MEDIEVAL

COLONIZAÇÃO BIOLÓGICA;
LACUNAS;
ESCORRIMENTOS ;
INFILTRAÇÕES;
DEGRADAÇÃO DA PEDRA GRANITICA: PULVERULÊNCIA.

2 - NAS ESTRUTURAS INTRODUZIDAS PELO ARQ. CÂNDIDO GOMES

2.1 - VOLUME MUSEOLOGICO

ENVELOPE EXTERIOR:

INFILTRAÇÕES NAS COBERTURAS;
PAINEIS DE REVESTIMENTO DAS FACHADAS EM MADEIRA - ESTADO DE COLAPSO.

INTERIORES:

DEFORMAÇÃO DE TETOS;
DEFORMAÇÃO DE PAVIMENTOS;
PORTAS DESCIDAS - EXCESSO DE PESO.

EQUIPAMENTOS:

INSTALAÇÕES ELETRICAS SEM ESTANQUEIDADE;
SISTEMA AVAC FORA DE SERVIÇO;
ELEVADOR FORA DE SERVIÇO.

2.2 - GALERIAS

FORRO DE TETOS EM MADEIRA - LACUNAS;
DEFORMAÇÕES NO PAVIMENTO EM CONTRAPLACADO MARÍTIMO.

COTA 0.00 DE PROJECTO = COTA TOPOGRÁFICA 490.00

BASEADO EM DESENHO ORIGINAL PRESENTE EM: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (ACEESADO EM: 02/02/2023)

TIAGO FILIPE VEIGA CARRILHO
20181483

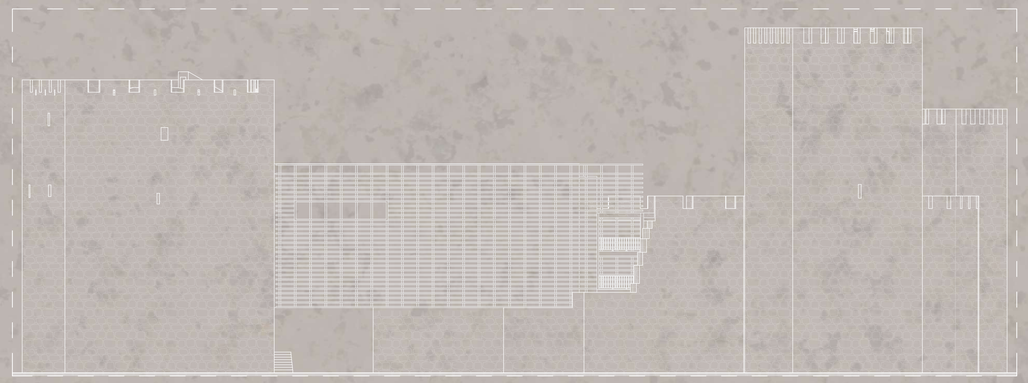
PROFESSORA BÁRBARA MASSAPINA VAZ
PROFESSOR JOÃO MASCARENHAS MATEUS

ESTADO ATUAL DO CASTELO DE PORTALEGRE

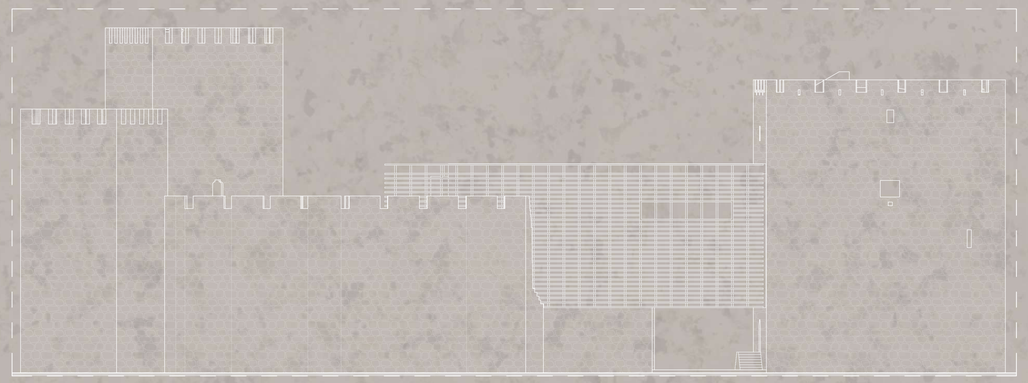
1:200

U LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MIARQINT&REAB
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

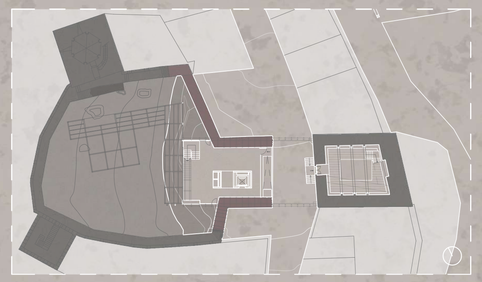
04 | ESTADO ATUAL



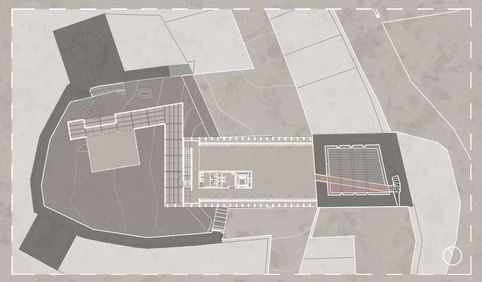
ALÇADO NORTE



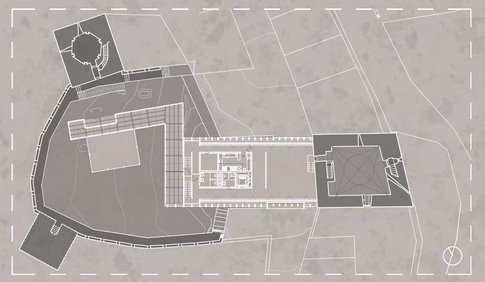
ALÇADO SUL



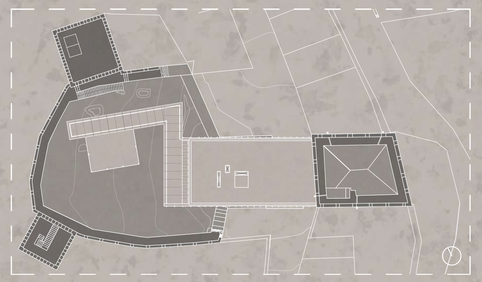
PISO 0 | TEORIA DE VALOR



PISO 1 | TEORIA DE VALOR



PISO 2 | TEORIA DE VALOR



PLANTA DE COBERTURAS | TEORIA DE VALOR



IMAGEM 1 | QUEDA DE PAÍNEIS DE REVESTIMENTO DA FACHADA



IMAGEM 2 | DEFORMAÇÃO ESTRUTURAL



IMAGEM 3 | DEFORMAÇÃO ESTRUTURAL



IMAGEM 4 | PORTA DESCAÍDA



IMAGEM 5 | DEFORMAÇÃO ESTRUTURAL

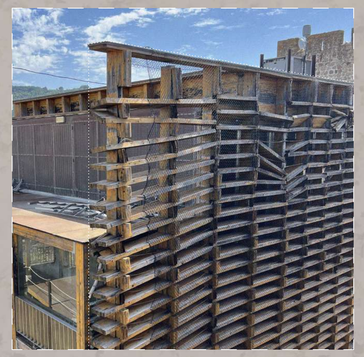


IMAGEM 6 | QUEDA DE PAÍNEIS DE REVESTIMENTO DA FACHADA



IMAGEM 7 | INFILTRAÇÃO E QUEDA DE REVESTIMENTO



IMAGEM 8 | REFORÇO ESTRUTURAL

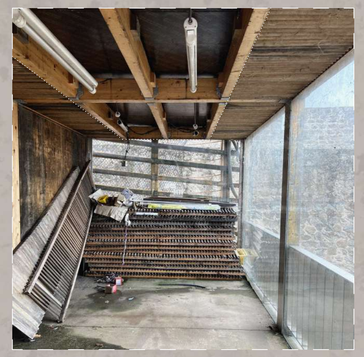


IMAGEM 9 | PAÍNEIS DE REVESTIMENTO DO TETO DAS GALERIAS



IMAGEM 10 | UNIDADE EXTERNA AVAC

PORTUS ALACER
ENTRE TORRES

UM CENTRO INTERPRETATIVO PARA O CASTELO DE PORTALEGRE

NÍVEIS DE VALOR

VALOR ELEVADO | ELEMENTOS DE CARIZ PATRIMONIAL QUER AO NÍVEL DA TIPOLOGIA, MATERIAIS, PROCESSOS CONSTRUTIVOS, ORNAMENTOS E OUTROS ELEMENTOS ARQUITETÓNICOS QUE DEVEM SER PRESERVADOS NO SEU ESTADO ATUAL.

VALOR MÉDIO | ELEMENTOS COM VALOR ESTÉTICO, MATERIAL OU CONSTRUTIVO, MAS QUE NECESSITAM DE UM OUTRO ENQUADRAMENTO PARA ASSEGURAR O SEU LUGAR QUALITATIVO NO PROCESSO DA REABILITAÇÃO. ESTES ELEMENTOS PODEM SER REMOVIDOS OU REENQUADRADOS SEMPRE QUE SEJA VANTAJOSO DO PONTO DE VISTA QUALITATIVO PARA O PROJETO E PARA O PROGRAMA, DESDE QUE A AÇÃO DETERMINADA NÃO PONHA EM CAUSA A LEITURA E A IDENTIDADE DO EDIFICADO.

POUCO VALOR | ELEMENTOS SEM VALOR PATRIMONIAL, MATERIAL, CONSTRUTIVO OU ESTÉTICO QUE POSSAM COMPROMETER ASPETOS DE ESTABILIDADE DO EDIFÍCIO, PROVOCAR DANOS ÀS SUPERFÍCIES OU COMPROMETER A LEITURA IDENTITÁRIA DO EDIFICADO. ESTES ELEMENTOS PODEM ORIGINAR AÇÕES DE DEMOLIÇÃO OU SUBSTITUIÇÃO, PORÉM NUNCA COLOCANDO EM CAUSA A LEITURA E QUALIDADE DO OBJETO EDIFICADO.

*A UTILIZAÇÃO DO 3.º NÍVEL FOI MAIS ABRANGENTE DO QUE A SUA DEFINIÇÃO DEVIDO AO VALOR AUTORAL E MATERIAL APRESENTADO NA ADIÇÃO DO ARQ. CÂNDIDO CHUVA GOMES. ESTE APRESENTA PROBLEMAS ESTRUTURAIS GRAVES E A SUA CONDIÇÃO DE DEGRADAÇÃO É AVANÇADA. O EDIFÍCIO APRESENTA RISCOS PARA A ESTRUTURA DO CASTELO E PARA A POPULAÇÃO. A CMP SOLICITOU UM RELATÓRIO AO LNEC PARA TER CONHECIMENTO DO NÍVEL DOS DANOS ESTRUTURAIS DESTE EDIFÍCIO, DE MODO A PODER ATUAR NA SUA DESMANTELAÇÃO OU RESTAURO, CASO POSSÍVEL. NESTE TRABALHO ACADÉMICO, SEGUIR-SE-Á A PRIMEIRA HIPÓTESE E SERÁ CRIADA UMA PROPOSTA ALTERNATIVA PARA ESTE ELEMENTO.

FORAM AINDA TIDOS EM CONTA OS VALORES TEÓRICOS DE ALOIS RIEGL: O VALOR HISTÓRICO, O VALOR DE ANTIGUIDADE E O VALOR ARTÍSTICO, COMPLEMENTANDO A ANÁLISE COM O VALOR ESTRUTURAL E O VALOR DE UTILIDADE.

COTA 0.00 DE PROJETO = COTA TOPOGRÁFICA 490.00

BASEADO EM DESENHO ORIGINAL PRESENTE EM: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (ACESSADO EM: 18/02/2023)

TIAGO FILIPE VEIGA CARRILHO
20181483

PROFESSORA BÁRBARA MASSAPINA VAZ
PROFESSOR JOÃO MASCARENHAS MATEUS

ALÇADOS | TEORIA DE VALOR | PATOLOGIAS

1:200 | 1:500

U LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MIARQINT&REAB
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERVENÇÕES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

PORTUS ALACER
ENTRE TORRES

UM CENTRO INTERPRETATIVO PARA O CASTELO DE PORTALEGRE

PROGRAMA

PISO -1:

- ARQUIVO PRIVADO;
- ARQUIVO PÚBLICO-PRIVADO;
- BENGALEIRO (CACIFOS);
- IS MASCULINA;
- IS FEMININA;
- IS MOBILIDADE REDUZIDA

PISO 0:

- RECEÇÃO;
- LOJA.

PISO 1:

- CAFETARIA;
- COWORK.

PISO 2:

- IS MISTA.

PÁTIO DE ARMAS:

- ESPAÇO POLIVALENTE;
- ANFITEATRO.

TORRE OESTE

- MIRADOURO.

TORRE NORTE:

- ZONA EXPOSITIVA.

TORRE DE MENAGEM:

- SALAS POLIVALENTES.

EXISTENTE
PROPOSTA

COTA 0.00 DE PROJETO = COTA TOPOGRÁFICA 489.34

BASEADO EM DESENHO ORIGINAL PRESENTE EM: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (ACESSADO EM: 18/02/2023)

TIAGO FILIPE VEIGA CARRILHO
20181483

PROFESSORA BÁRBARA MASSAPINA VAZ
PROFESSOR JOÃO MASCARENHAS MATEUS

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

1:200

PLANAT DE IMPLANTAÇÃO

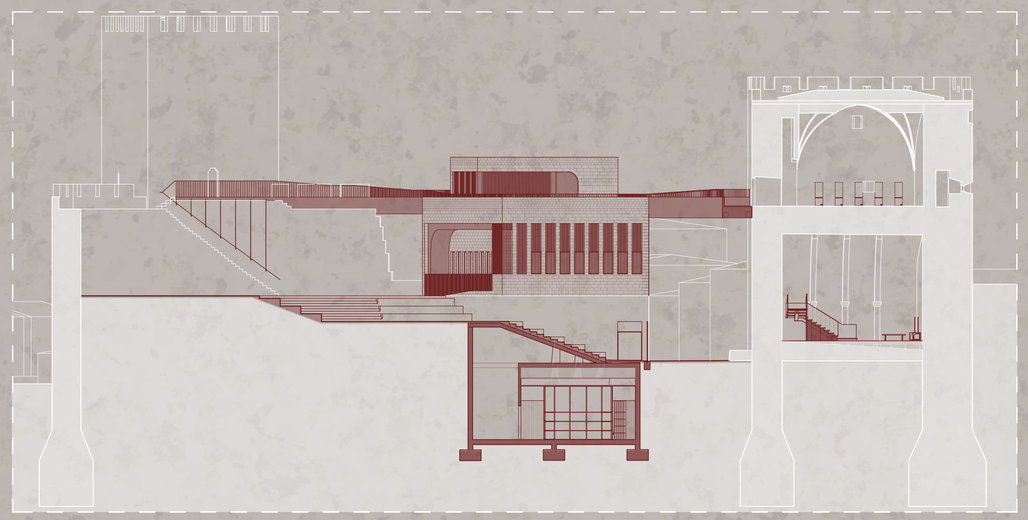
FACULDADE DE ARQUITECTURA
U LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA
MIARQINT&REAB
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERVENÇÕES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO



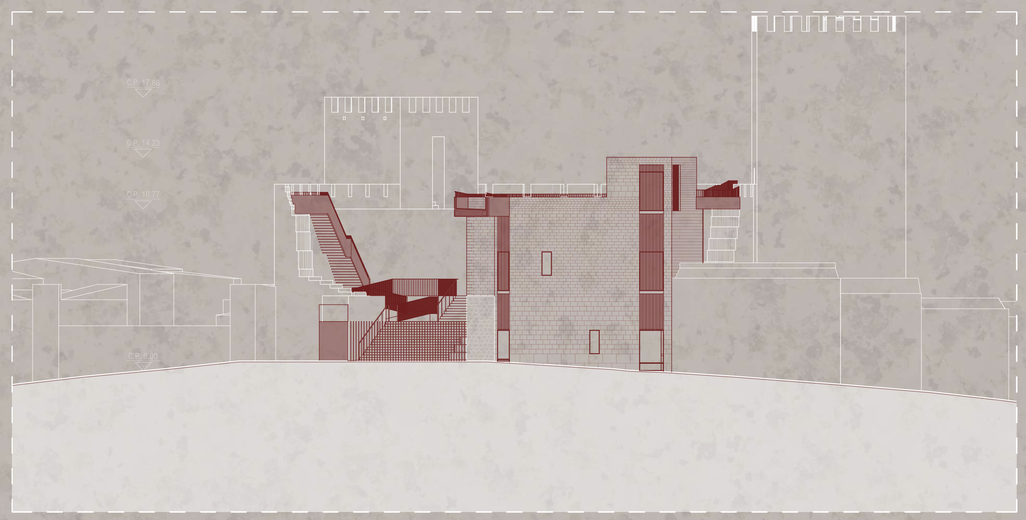
PISO -1



PISO 0



CORTE AA'



CORTE BB'

PORTUS ALACER
ENTRE TORRES

UM CENTRO INTERPRETATIVO PARA O CASTELO DE PORTALEGRE

LEGENDA DE ESPAÇOS

PISO -1:

-101 - ARRUMOS LIMPEZAS - 3.00 M²;
-102 - ACESSO VERTICAL -1/0 - 17.00 M²;
-103 - IS MASCULINO - 19.00 M²;
-104 - ACESSO VERTICAL ELEVADOR - 2.64 M²;
-105 - ZONA DE ESTAR/ ESPERA - 29.65 M²;
-106 - IS FEMININO - 11.77 M²;
-107 - BENGALEIRO - CACIFOS - 1.27 M²;
-108 - IS MOBILIDADE REDUZIDA - 4.65 M²;
-109 - ARRUMOS - 11.30 M²;
-110 - CORREDOR DE VISITA AOS ARQUIVOS - 35.21 M²;
-111 - ARQUIVO VISITAVEL - 20.04 M²;
*C.P. -4.50

PISO 0:

001 - ACESSO VERTICAL 0/1 - 19.00 M²;
002 - ACESSO VERTICAL ELEVADOR - 2.64 M²;
003 - ZONA DE LOJA - *47.46 M²;
004 - ZONA DE ESTAR/ ESPERA -*47.46 M²;
005 - RECEPÇÃO - 16.27 M²;
006 - ACESSO VERTICAL - PÁTIO - 3.73 M²;
007 - 1º PATAMAR - PATIO DE ARMAS - 21.70 M²;
008 - COMPOSIÇÃO ESCULTÓRICA - EXISTENTE - 37.67 M²;
009 - ARRUMOS - 5.81 M²;
010 - ACESSO VERTICAL - 10.46 M²;
011 - ANTECÂMERA DE TRANSIÇÃO INTERIOR/ EXTERIOR - 5.90 M²;
012 - ZONA EXPOSITIVA - ESPAÇO POLIVALENTE - 65.35 M²;
*C.P. 0.00

EXISTENTE
PROPOSTA

COTA 0.00 DE PROJETO = COTA TOPOGRÁFICA 489.34

BASEADO EM DESENHO ORIGINAL PRESENTE EM: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (ACESSADO EM: 18/02/2023)

TIAGO FILIPE VEIGA CARRILHO
20181483

PROFESSORA BÁRBARA MASSAPINA VAZ
PROFESSOR JOÃO MASCARENHAS MATEUS

PLANTA DE PISOS -1 E 0 | CORTES AA' E BB'

1:200

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MIARQINT&REAB
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERVENÇÕES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

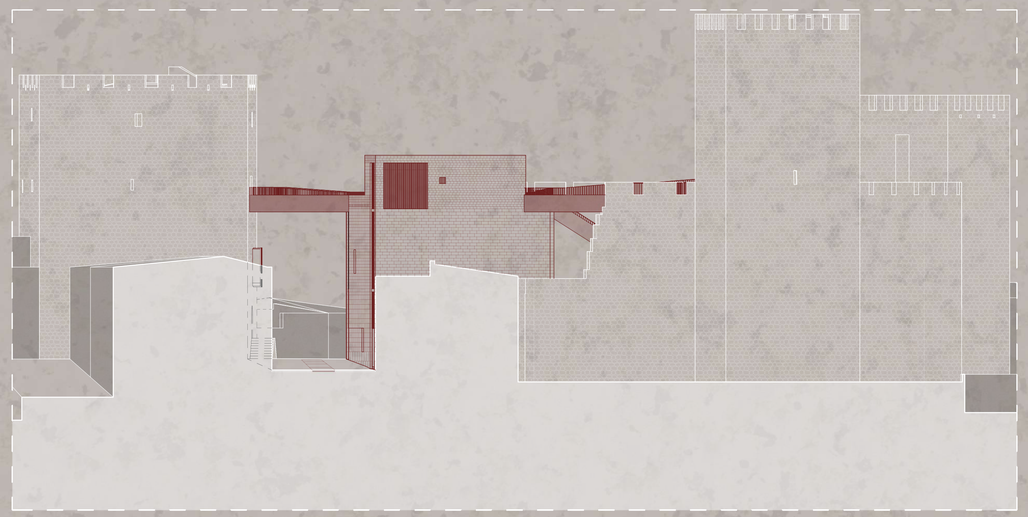
07 | PROPOSTA



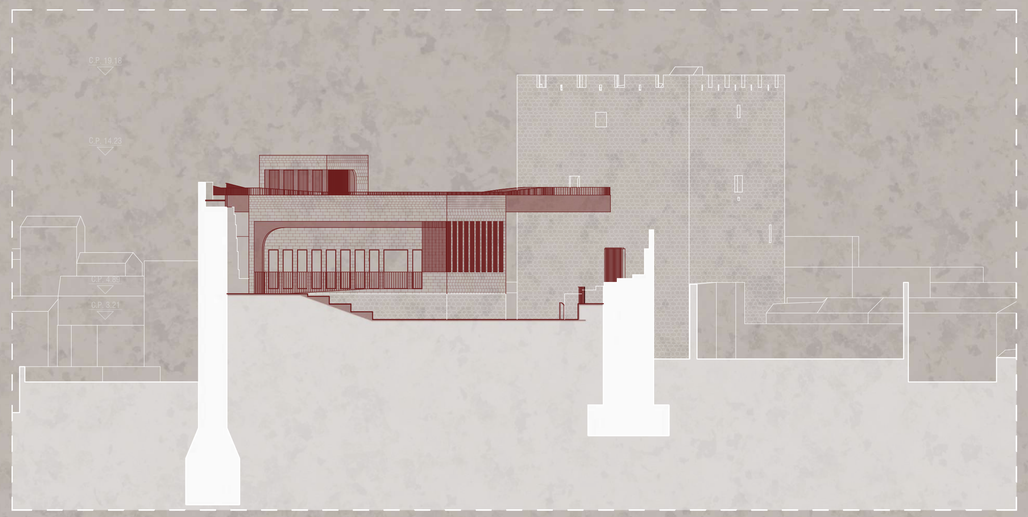
PISO 1



PISO 2



CORTE CC'



CORTE DD'

PORTUS ALACER
ENTRE TORRES

UM CENTRO INTERPRETATIVO PARA O CASTELO DE PORTALEGRE

LEGENDA DE ESPAÇOS

PISO 1:

101 - ACESSO VERTICAL 1/2 - 17.64 M²;
102 - CAFETARIA - COPA - 11.00 M²;
103 - ACESSO VERTICAL ELEVADOR - 2.64 M²;
104 - ZONA DE CIRCULAÇÃO -ZONA DE ESTAR - 63.09 M²;
105 - VARANDA - ACESSO PÁTIO - 17.89 M²;
106 - ACESSO VERTICAL ADARVE - 9.76 M²;
107 - BANCADA ANFITEATRO - *51.73 M²;
108 - 3º PATAMAR - PÁTIO DE ARMAS - ESPAÇO POLIVALENTE - 296.60 M²;
109 - BANCADA ANFITEATRO - *51.73 M²;
110 - 2º PATAMAR - PÁTIO DE ARMAS - ANFITEATRO - 140.89 M²;
111 - BANCADA OBSERVAÇÃO T.M. - 13.47 M²;
112 - RAMPA - 51.81 M²;
113 - ACESSO VERTICAL ADARVE - 17.65 M²;
114 - CANTEIRO - 15.08 M²;
115 - VÃO "AQUÁRIO"- MIRADOURO - 0.62 M²;
116 - PONTE AÉREA - 15.35 M²;
117 - ACESSO VERTICAL 0/1 - 7.12 M².
*C.P. 5.22

PISO 2:

201 - IS MISTA - 3.00 M²;
202 - HALL DISTRIBUIÇÃO - MIRADOURO - *9.56 M²;
203 - ACESSO TERRAÇO - *9.56 M²;
204 - ACESSO VERTICAL ELEVADOR - 2.64 M²;
205 - ZONA TÉCNICA - 4.32 M²;
206 - TERRAÇO - 82.63 M²;
207 - PONTE ACESSO ADARVE - 30.35 M²;
208 - ESPAÇO EXPOSITIVO - 18.83 M²;
209 - ACESSO VERTICAL EIRADO T.N. - 6.00 M²;
210 - ACESSO VERTICAL - 1.00 M²;
211 - ADARVE - CAMINHO DE RONDA - 93.23 M²;
212 - ACESSO VERTICAL EIRADO T.O. - 7.29 M²;
213 - ACESSO ADARVE - 7.65 M²;
214 - PONTE ACESSO T.M. - 16.73 M²;
215 - ACESSO VERTICAL EIRADO T.M. - 8.32 M²;
216 - ESPAÇO EXPOSITIVO - ESPAÇO POLIVALENTE - 76.14 M².
*C.P. 10.44

EXISTENTE
PROPOSTA

COTA 0.00 DE PROJETO = COTA TOPOGRÁFICA 489.34

BASEADO EM DESENHO ORIGINAL PRESENTE EM: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (ACESSADO EM: 18/02/2023)

TIAGO FILIPE VEIGA CARRILHO
20181483

PROFESSORA BÁRBARA MASSAPINA VAZ
PROFESSOR JOÃO MASCARENHAS MATEUS

PLANTA DE PISOS 1 E 2 | CORTES CC' E DD'

1:200

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MIARQINT&REAB
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA, COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO

PLANTA DE COBERTURAS

PORTUS ALACER
ENTRE TORRES

UM CENTRO INTERPRETATIVO PARA O CASTELO DE PORTALEGRE

MATERIALIDADES

EXTERIORES

PAVIMENTOS

TIPO 1
ESCADAS | BANCADAS | MARCAÇÕES DE PAVIMENTO
LAJETAS DE GRANITO | ACABAMENTO BUJARDADO;

TIPO 2
ESPAÇOS POLIVALENTES PERMIAVEIS
GRAVILHA COM VERNIZ

TIPO 3
CUBOS DE GRANITO

FACHADAS

LAJETAS DE GRANITO | ACABAMENTO BUJARDADO;

CAIXILHARIAS

CAIXILHARIA EM AÇO INOXIDÁVEL | ACABAMENTO ESCOVADO;
VIDRO DUPLO COM GÁS ARGÓNIO

GRADEAMENTOS

ALUMÍNIO | LACADO COM RELEVO CINZA

INTERIORES

PAVIMENTOS

TIPO 1
ZONAS DE CIRCULAÇÃO
LAJETAS DE GRANITO | ACABAMENTO POLIDO;

TIPO 2
ZONAS DE PERMANÊNCIA
TACOS DE MADEIRA DE CARVALHO | ACABAMENTO EM VERNIZ POLIURETANO;

TIPO 3
ZONAS HÚMIDAS
LAJETAS DE GRANITO | ACABAMENTO POLIDO;

TIPO 4
ZONAS DE ARRUMAÇÃO
BETÃO | ACABAMENTO POLIDO;

TIPO 5
ZONAS EXPOSITIVAS
LAJETAS DE XISTO PRETO | ACABAMENTO NATURAL | REUTILIZADAS

PAREDES

TIPO 1
RODAPÉ EM MADEIRA DE CARVALHO (15 CM) | ACABAMENTO EM VERNIZ POLIURETANO;
PAREDE EM GESSO CARTONADO | ACABAMENTO PINTADO;

TIPO 2
LAMBRIL EM MADEIRA DE CARVALHO (110 CM) | ACABAMENTO EM VERNIZ POLIURETANO;
PAREDE EM GESSO CARTONADO | ACABAMENTO PINTADO;

TIPO 3
LAMBRIL EM MADEIRA DE CARVALHO (255 CM) | ACABAMENTO EM VERNIZ POLIURETANO;
PAREDE EM GESSO CARTONADO | ACABAMENTO PINTADO;

TIPO 4
ZONAS HÚMIDAS
RODAPÉ EM LAJETAS DE GRANITO (15 CM) | ACABAMENTO POLIDO;
PAREDE REVESTIDA COM AZULEJOS;

TETOS

TETO FALSO EM GESSO CARTONADO | ACABAMENTO PINTADO;
ELEMENTOS DE ILUMINAÇÃO EM AÇO INOX | ACABAMENTO ESCOVADO;

PORTAS

TIPO 1
PORTA EM MADEIRA DE CARVALHO | ACABAMENTO EM VERNIZ POLIURETANO;
FERRAGENS EM AÇO INOX | ACABAMENTO ESCOVADO;

TIPO 2
PORTA EM MADEIRA DE CARVALHO | ACABAMENTO LACADO;
FERRAGENS EM AÇO INOX | ACABAMENTO ESCOVADO;

LOIÇAS SANITÁRIAS

LOIÇAS SANITÁRIAS EM CERÂMICA | ACABAMENTO BRILHANTE;

EXISTENTE
PROPOSTA

COTA 0.00 DE PROJETO = COTA TOPOGRÁFICA 489.34

BASEADO EM DESENHO ORIGINAL PRESENTE EM: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (ACESSADO EM: 18/02/2023)

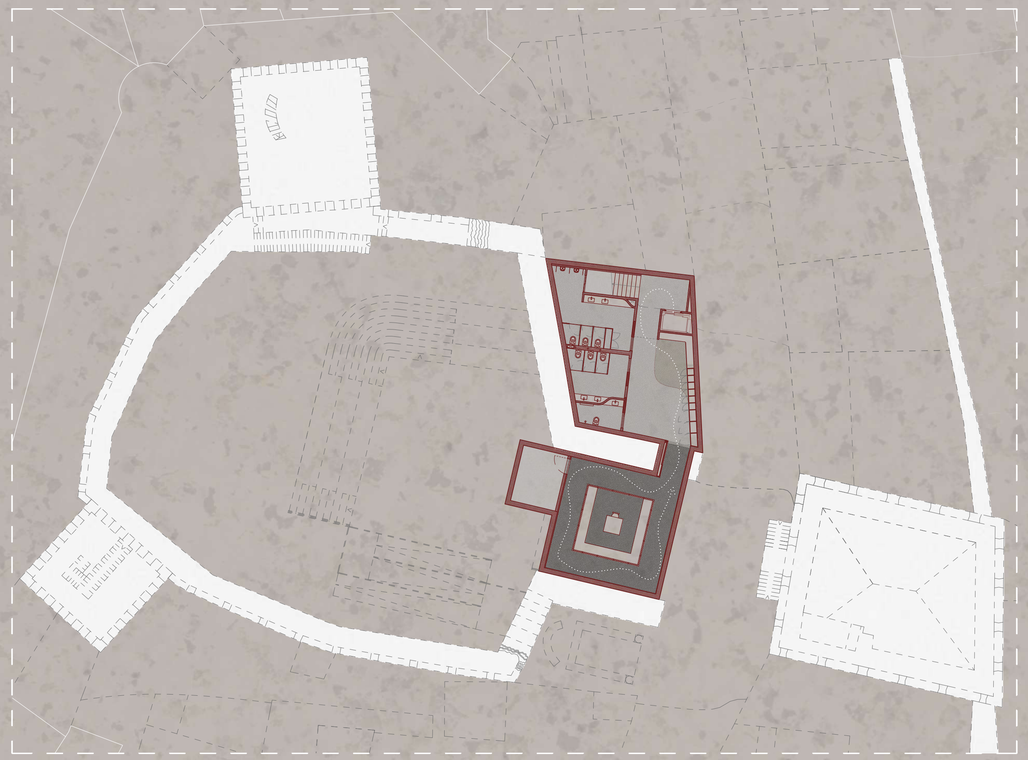
TIAGO FILIPE VEIGA CARRILHO
20181483

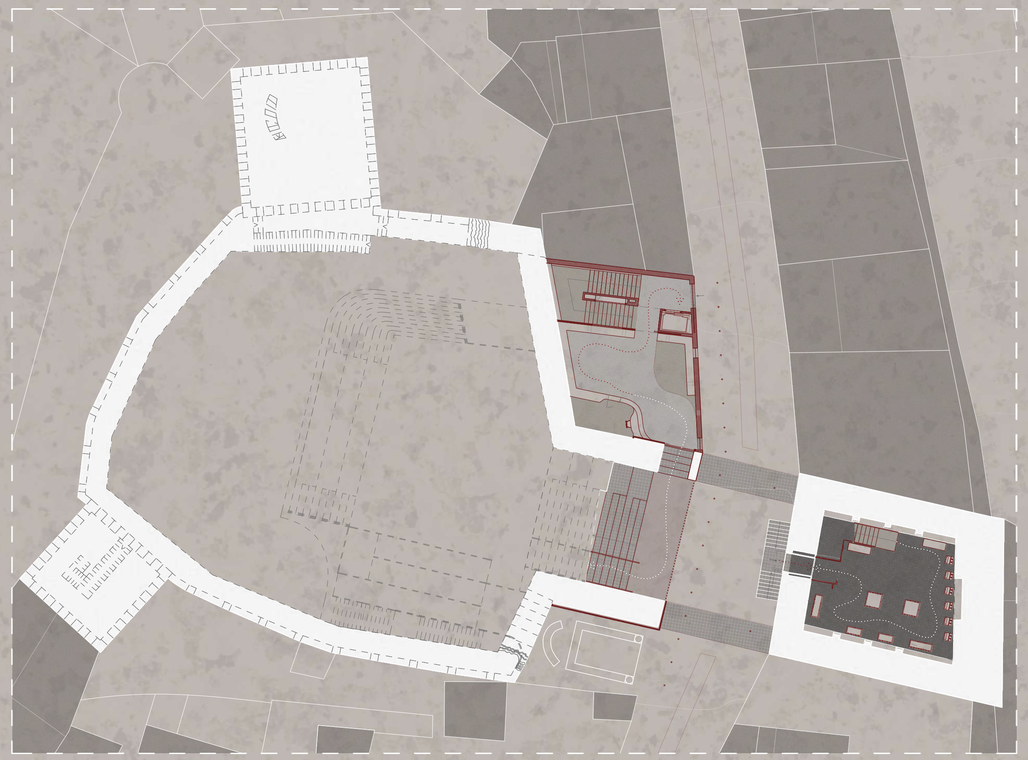
PROFESSORA BÁRBARA MASSAPINA VAZ
PROFESSOR JOÃO MASCARENHAS MATEUS

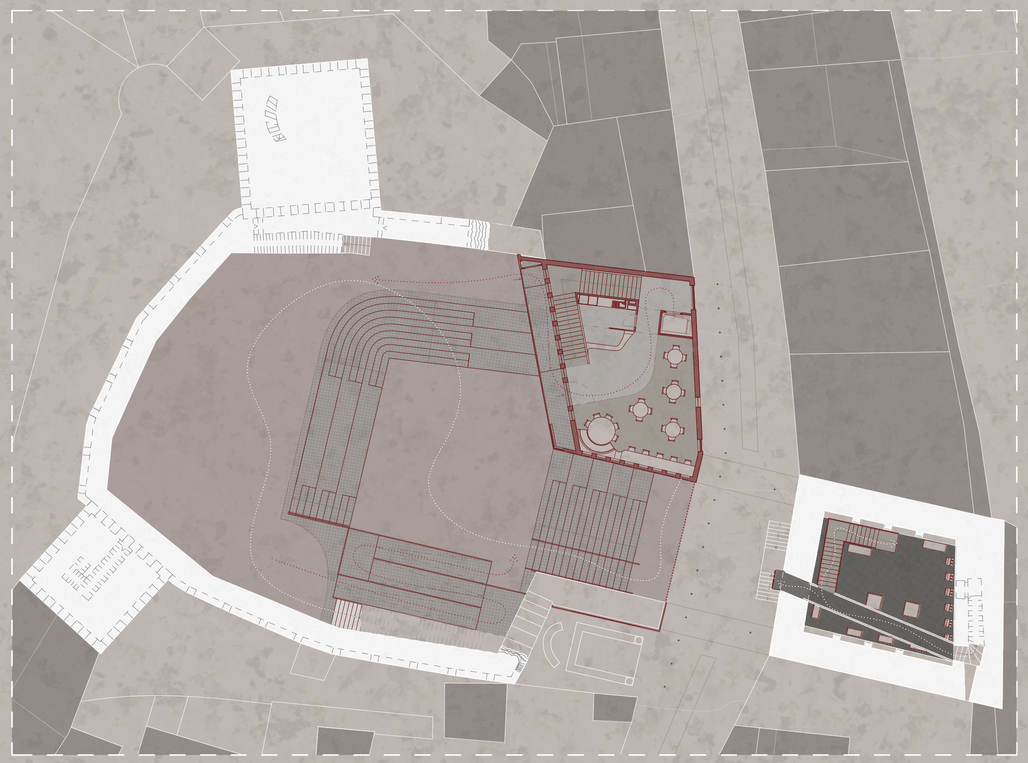
PLANTA DE COBERTURAS | ISOMETRIA | MATERIALIDADES

1:200

FACULDADE DE ARQUITETURA
U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA
MIARQINT&REAB
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA, COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERVENÇÕES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO









PORTUS ALACER
ENTRE TORRES

UM CENTRO INTERPRETATIVO PARA O CASTELO DE PORTALEGRE

PAVIMENTOS

EXTERIORES

TIPO 1
ESCADAS | BANCADAS | MARCAÇÕES DE PAVIMENTO
LAJETAS DE GRANITO | ACABAMENTO BUJARDADO;

TIPO 2
ESPAÇOS POLIVALENTES PERMIAVEIS
GRAVILHA COM VERNIZ

TIPO 3
CUBOS DE GRANITO

INTERIORES

TIPO 1
ZONAS DE CIRCULAÇÃO
LAJETAS DE GRANITO | ACABAMENTO POLIDO;

TIPO 2
ZONAS DE PERMANÊNCIA
TACOS DE MADEIRA DE CARVALHO | ACABAMENTO EM VERNIZ POLIURETANO;

TIPO 3
ZONAS HÚMIDAS
LAJETAS DE GRANITO | ACABAMENTO POLIDO;

TIPO 4
ZONAS DE ARRUMAÇÃO
BETÃO | ACABAMENTO POLIDO;

TIPO 5
ZONAS EXPOSITIVAS
LAJETAS DE XISTO PRETO | ACABAMENTO NATURAL | REUTILIZADAS

TIPO 6
ZONAS EXPOSITIVAS
LAJETAS DE XISTO PRETO | ACABAMENTO NATURAL | EXISTENTE

PERCURSOS DE VISITA

PERCURSO PROPOSTO
ACESSO MOBILIDADE REDUZIDA

EXISTENTE
PROPOSTA

COTA 0.00 DE PROJETO = COTA TOPOGRÁFICA 489.34

BASEADO EM DESENHO ORIGINAL PRESENTE EM: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (ACESSADO EM: 18/02/2023)

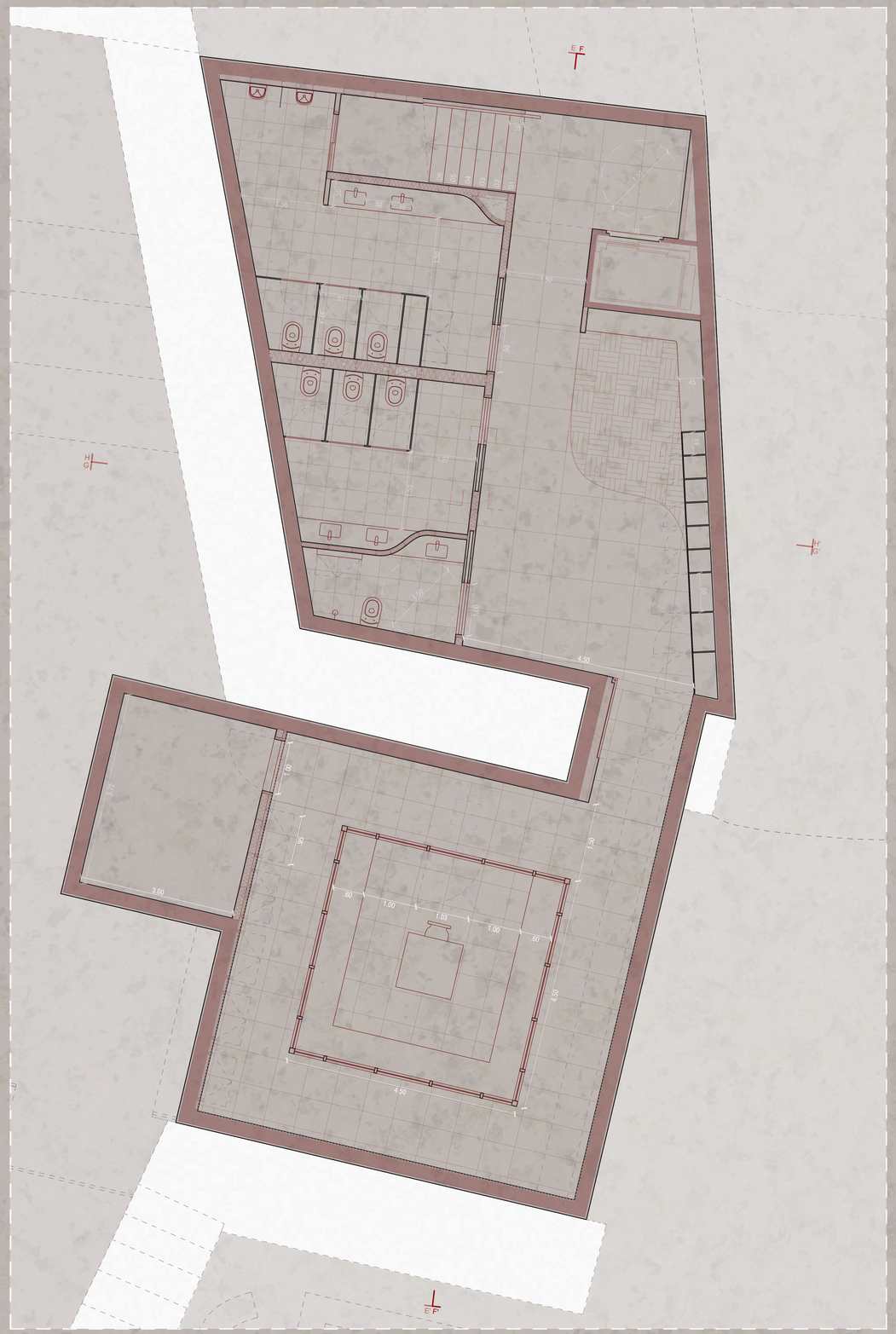
TIAGO FILIPE VEIGA CARRILHO
20181483

PROFESSORA BÁRBARA MASSAPINA VAZ
PROFESSOR JOÃO MASCARENHAS MATEUS

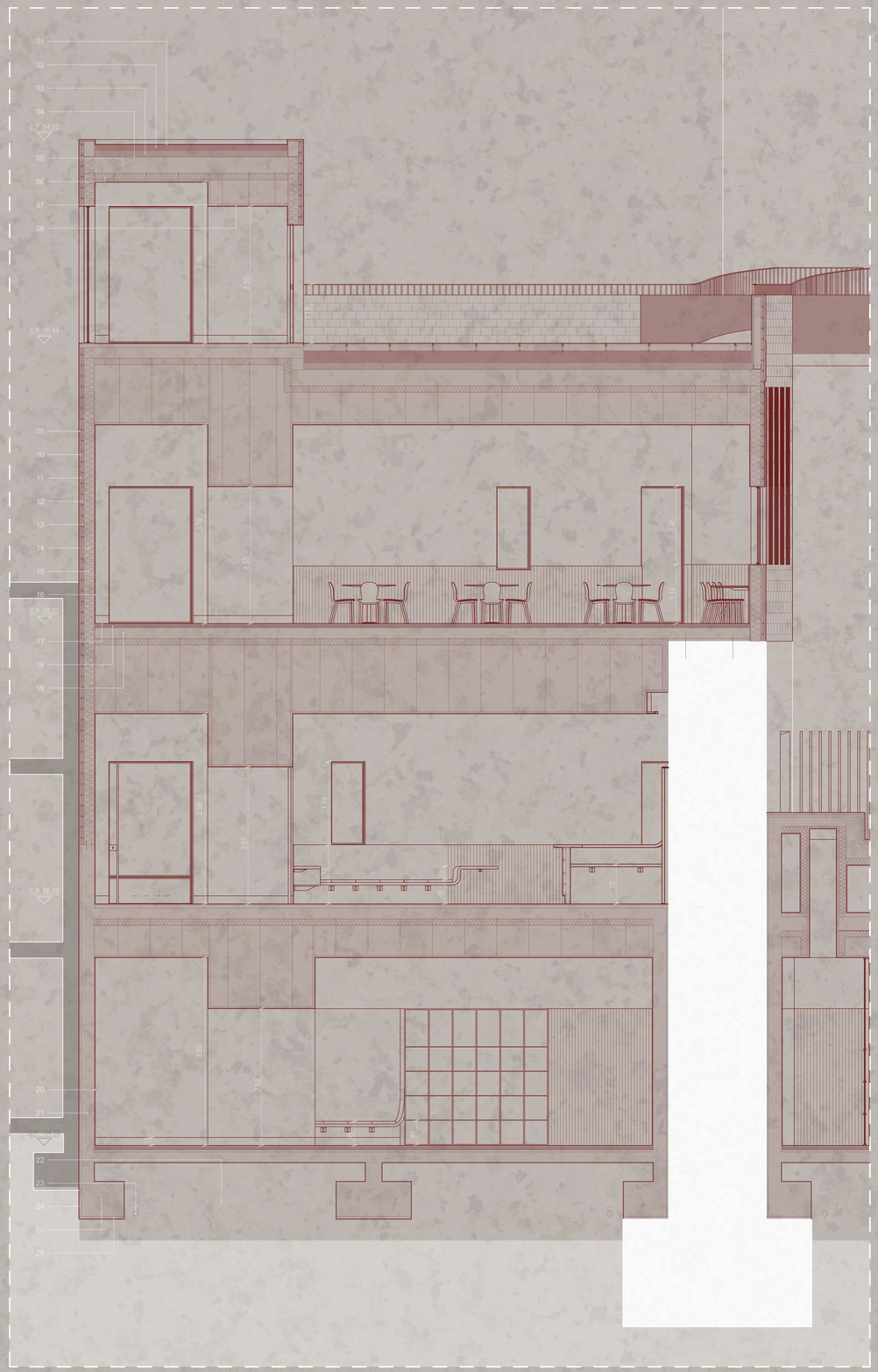
MATERIALIDADES | PERCURSOS

1:200

U LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MIARQINT&REAB
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO



PISO -1



CORTE FF'

PORTUS ALACER
ENTRE TORRES

UM CENTRO INTERPRETATIVO PARA O CASTELO DE PORTALEGRE

LEGENDA DE MATERIAIS UTILIZADOS

01 - CHAPAS DE COBRE | JUNTAS AGRAFADAS;
02 - BETONILHA LEVE;
03 - ISOLAMENTO ACÚSTICO | CORTIÇA | 110 MM;
04 - PLACAS DE OBS | 13 MM;
05 - VIGA DE COBERTURA | 300 MM | SECÇÃO C300X3.0;
06 - TIRANTES | MÉTRICA DE 60 EM 60 CM;
07 - PERFIL METÁLICO SUSPENSO POR TIRANTES | 30 MM;
08 - GESSO CARTONADO | 13 MM;
09 - LAJETAS DE GRANITO | 2 CM;
10 - BARRAMENTO ETICS | 10 MM;
11 - PLACAS DE OBS | 13 MM;
12 - ISOLAMENTO ACÚSTICO | CORTIÇA | 48 MM;
13 - PERFIL DE FIXAÇÃO DO REVESTIMENTO EXTERIOR;
14 - PERFIL EM AÇO | SECÇÃO C200X2.5;
15 - ISOLAMENTO TÉRMICO | LÃ DE ROCHA;
16 - GESSO CARTONADO | 13 MM;
17 - LAJETAS DE GRANITO | ACABAMENTO POLIDO | 2 CM;
18 - BETONILHA LEVE | 3 CM;
19 - VIGA DE PISO | 200 MM | SECÇÃO C200X2.0;
20 - GESSO CARTONADO | 13 MM;
21 - BETÃO ARMADO | 26 CM;
22 - TERRENO COMPACTADO;
23 - DRENO;
24 - PLACAS DE XPS | 40 MM;
25 - SAPATA DE FUNDAÇÃO;
26 - BETÃO DE LIMPEZA.

EXISTENTE
PROPOSTA

COTA 0.00 DE PROJETO = COTA TOPOGRÁFICA 489.34

BASEADO EM DESENHO ORIGINAL PRESENTE EM: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (ACESSADO EM: 18/02/2023)

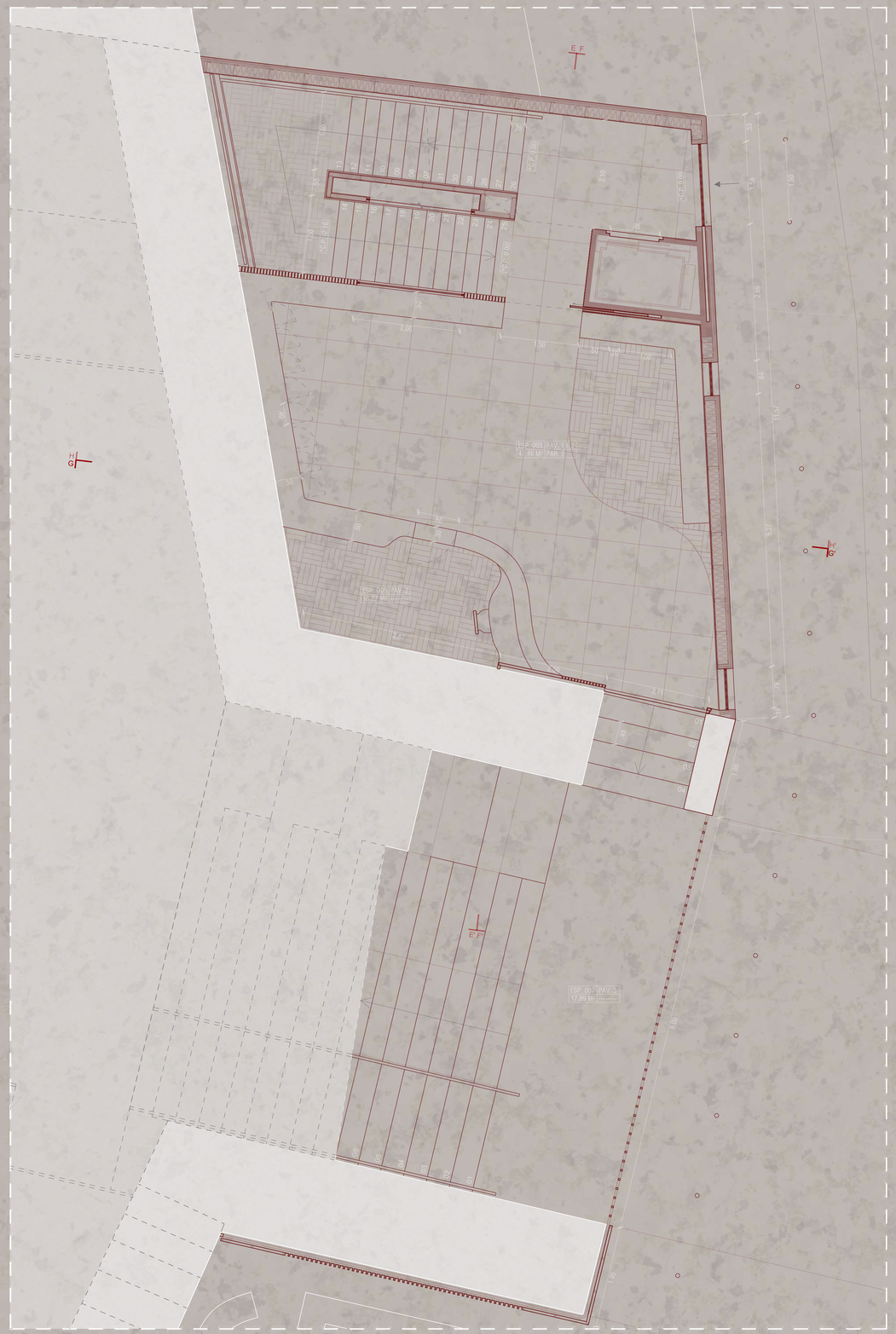
TIAGO FILIPE VEIGA CARRILHO
20181483

PROFESSORA BÁRBARA MASSAPINA VAZ
PROFESSOR JOÃO MASCARENHAS MATEUS

PISO -1 | CORTE FF'

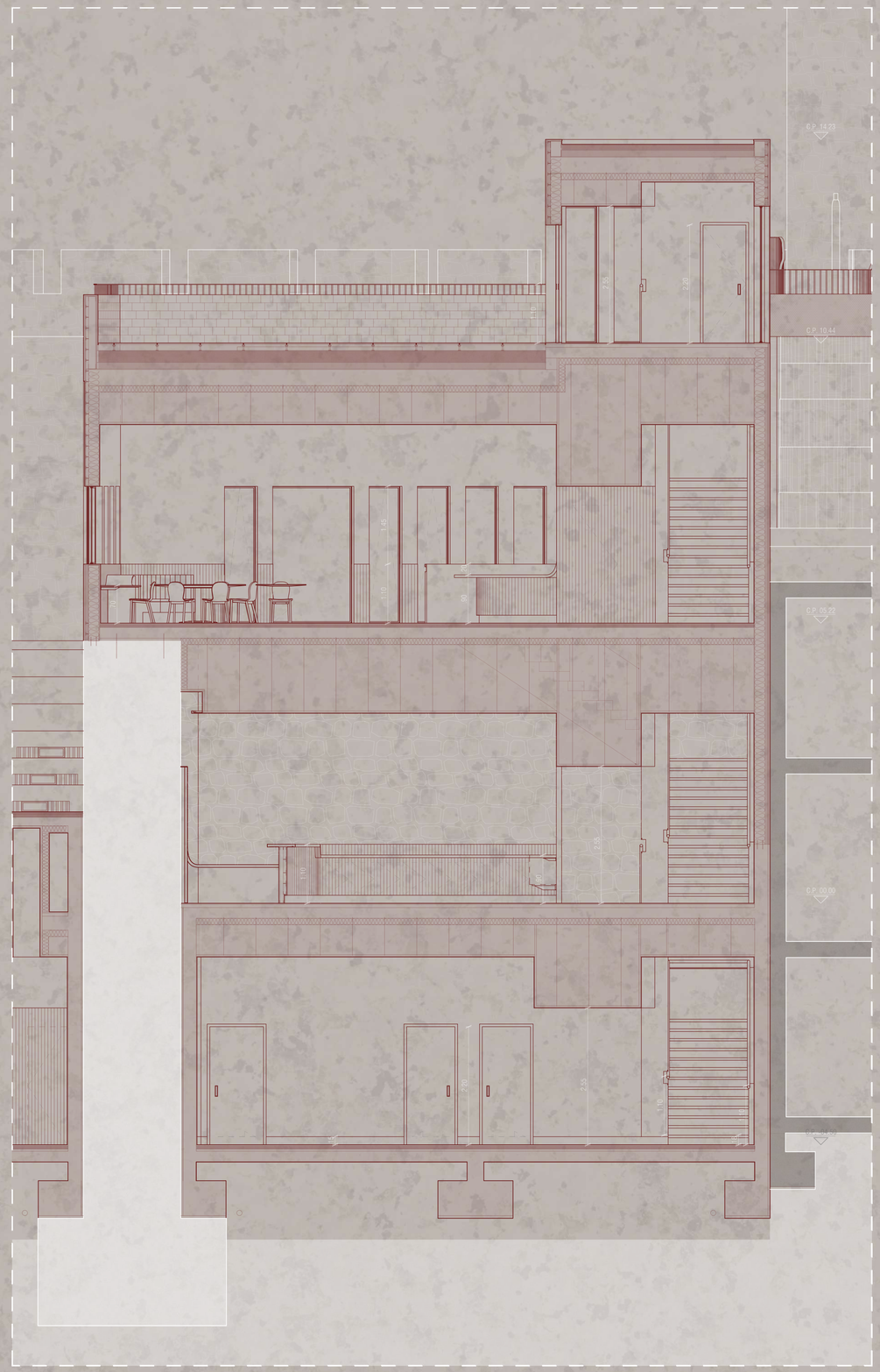
1:50

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MIARQINT&REAB
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA, COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERVENÇÕES NO PATRIMÓNIO E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO


E
F
G
G'
F'
ESP. 003 | PAV. 1 | 1.40 M²
ESP. 005 | PAV. 2 | 1.20 M²
ESP. 007 | PAV.3 | 17.89 M²
2.10
2.00
1.50
1.80
2.11
5.27
11.54
2.89
1.59
1.50
1.50
1.50



PISO -1



CORTE EE'

PORTUS ALACER
ENTRE TORRES
UM CENTRO INTERPRETATIVO PARA O CASTELO DE PORTALEGRE

EXISTENTE
PROPOSTA

COTA 0.00 DE PROJETO = COTA TOPOGRÁFICA 489.34

BASEADO EM DESENHO ORIGINAL PRESENTE EM: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (ACESSADO EM: 18/02/2023)

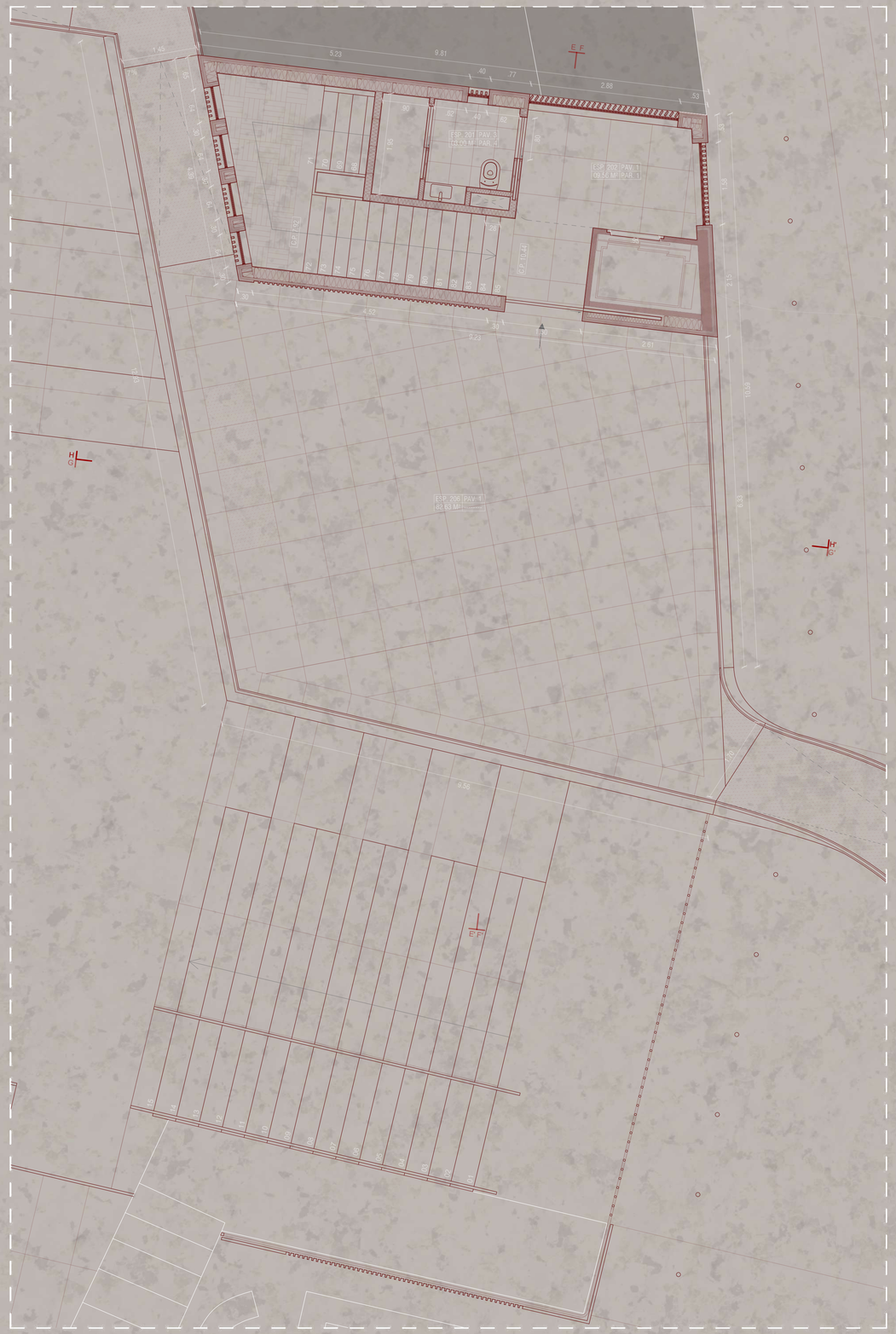
TIAGO FILIPE VEIGA CARRILHO
20181483

PROFESSORA BÁRBARA MASSAPINA VAZ
PROFESSOR JOÃO MASCARENHAS MATEUS

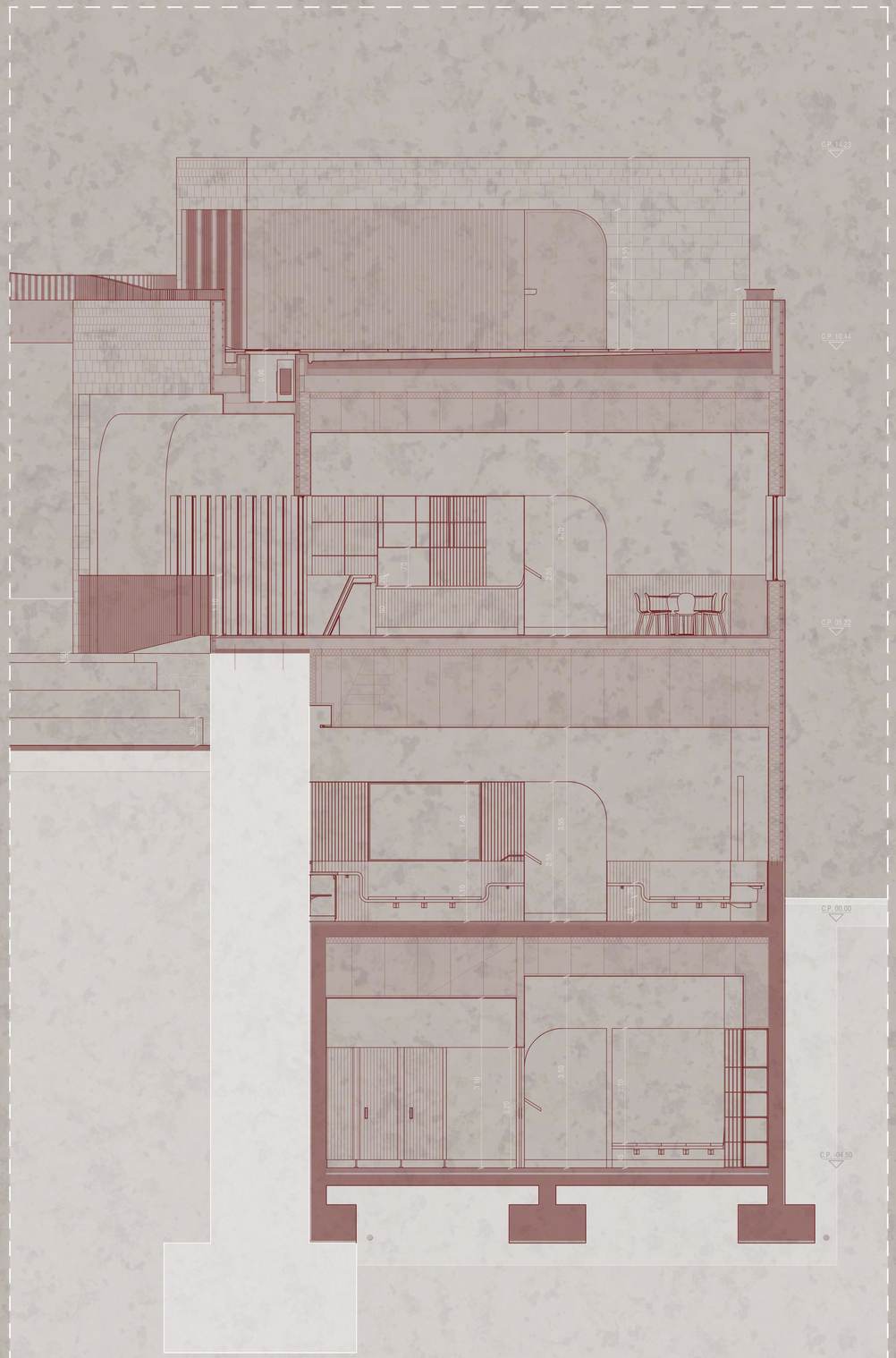
PISO 1 | CORTE EE'

1:50

U LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MIARQINT&REAB
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO



PISO 2



CORTE HH'

PORTUS ALACER
ENTRE TORRES

UM CENTRO INTERPRETATIVO PARA O CASTELO DE PORTALEGRE

LEGENDA DE PORMENORES CONSTRUTIVOS ESQUEMÁTICOS

01 - MONTANTE;
02 - CANAL;
03 - CANAL DE TOPO;
04 - PARAFUSO;
05 - PLACA DE OBS;
06 - VIGA | ALINHAMENTO COM MONTANTE DE PAREDE;

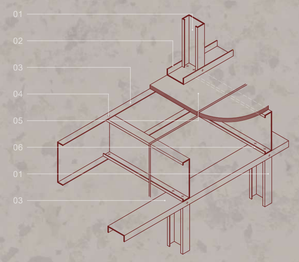
07 - REFORÇO | PERFIS + CANAIS;
08 - CANTONEIRA.

EXISTENTE
PROPOSTA

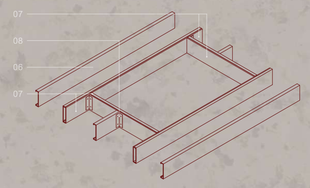
COTA 0.00 DE PROJETO = COTA TOPOGRÁFICA 489.34

BASEADO EM DESENHO ORIGINAL PRESENTE EM: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (ACESSADO EM: 18/02/2023)

PORMENORES CONSTRUTIVOS BASEADOS EM DESENHO ORIGINAL PRESENTE EM : http://www.futureng.pt/cp19650627 (ACESSADO EM: 18/02/2023)



PORMENOR DE LAGE EM CONSOLA COM PAREDE



PORMENOR DE ABERTURA EM LAGE

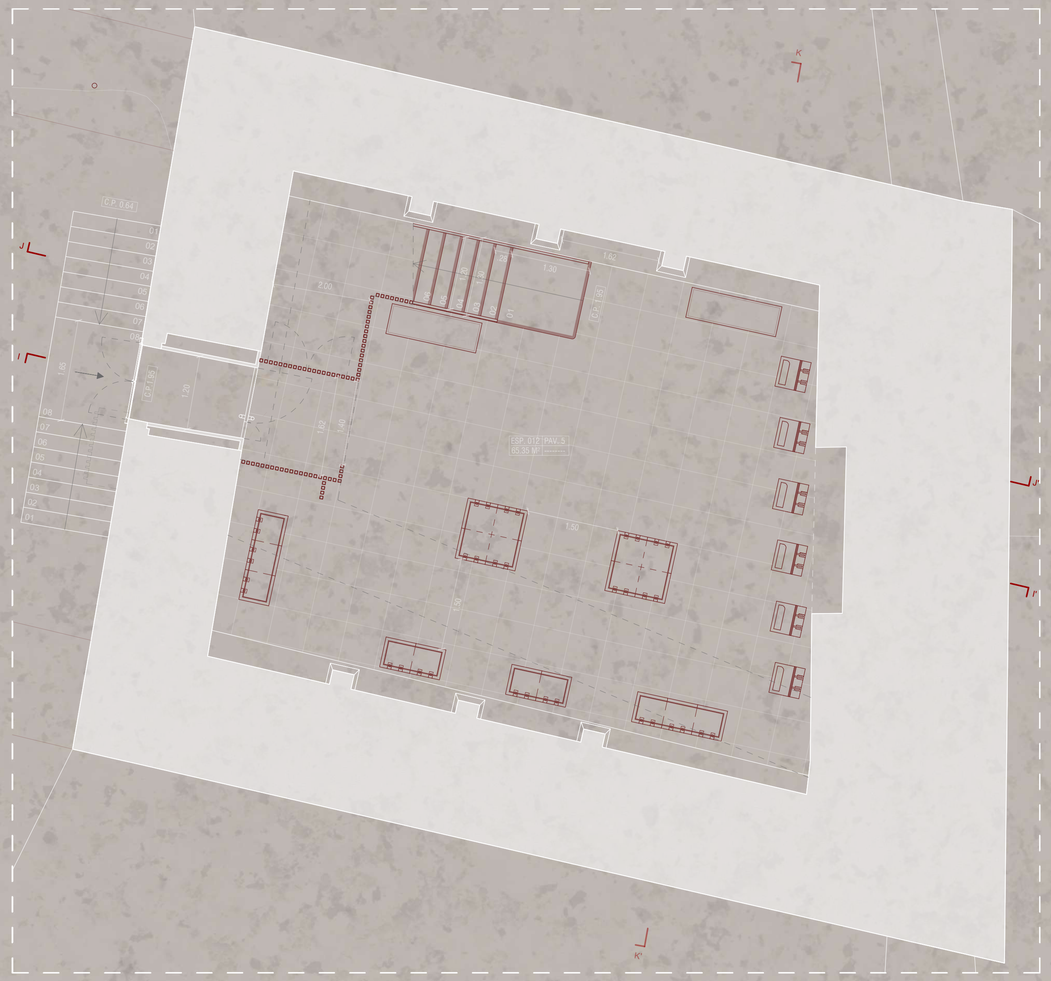
TIAGO FILIPE VEIGA CARRILHO
20181483

PROFESSORA BÁRBARA MASSAPINA VAZ
PROFESSOR JOÃO MASCARENHAS MATEUS

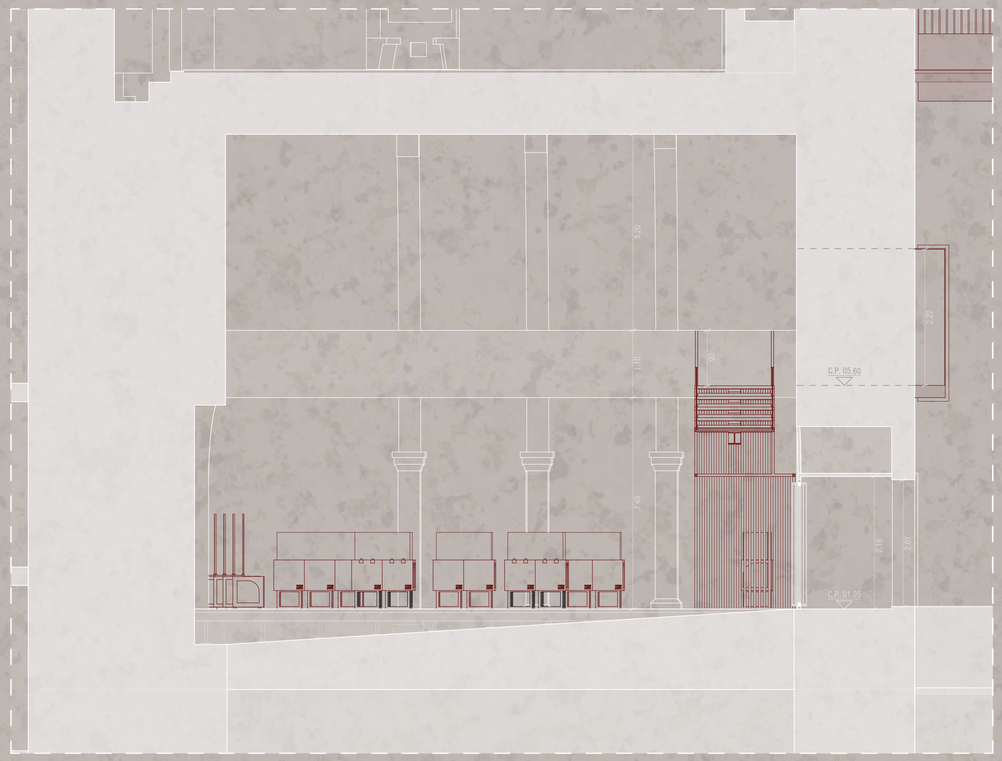
PISO 2 | CORTE HH' | PORMENORES CONSTRUTIVOS

1:50

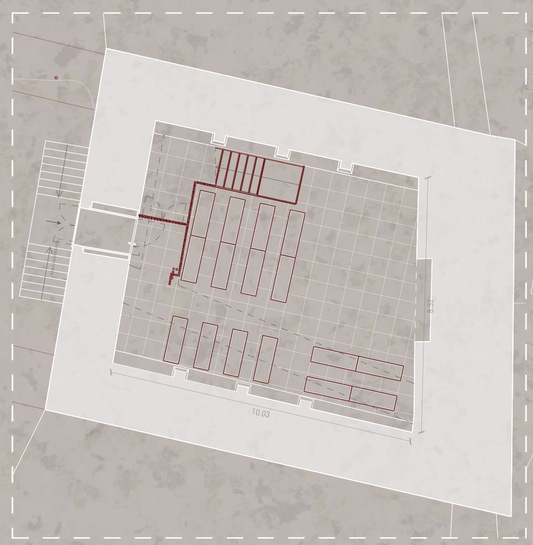
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA
MIARQINT&REAB
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERVENÇÕES E REABILITAÇÃO PATRIMONIAL



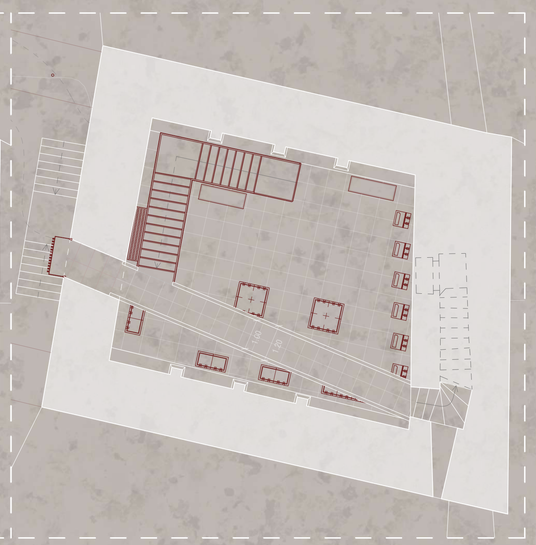
PISO 0 | COMPOSIÇÃO ALTERNATIVA | TORRE DE MENAGEM



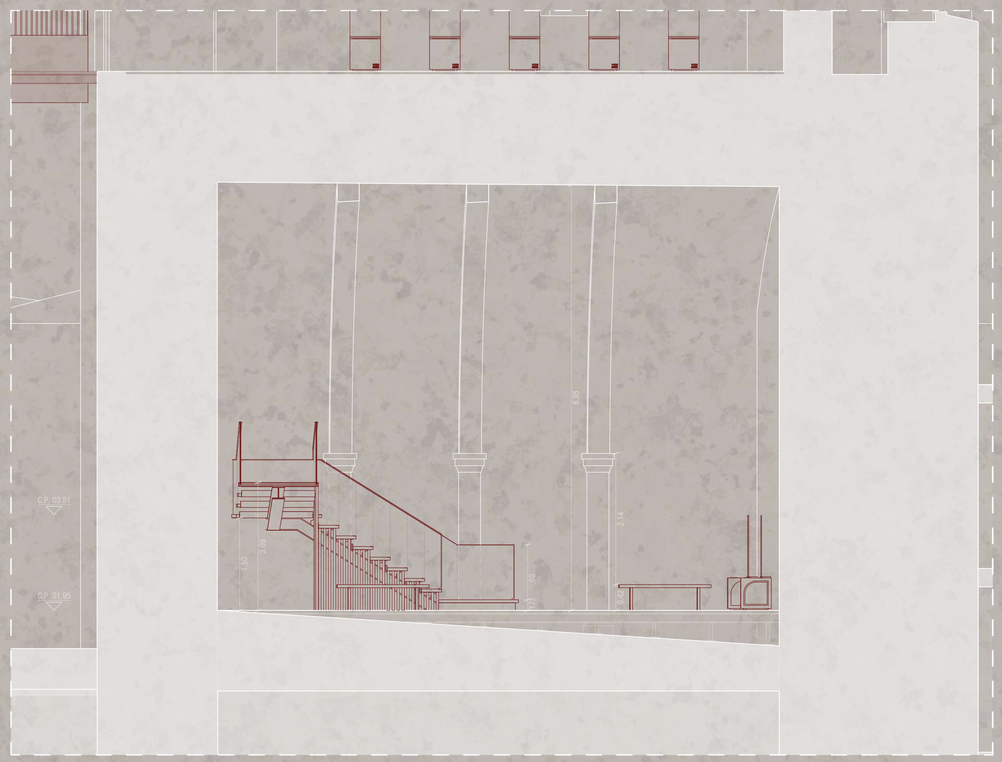
CORTE II' | TORRE DE MENAGEM | PISO 0



PISO 0 | COMPOSIÇÃO ALTERNATIVA | TORRE DE MENAGEM



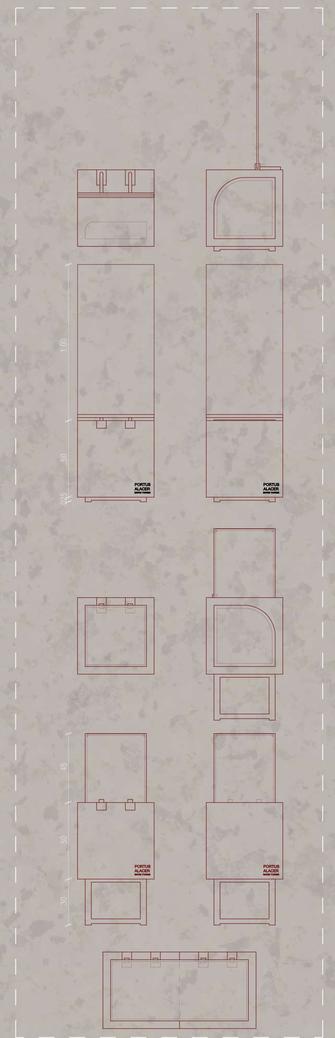
PISO 0 | PASSARELA SUPERIOR | TORRE DE MENAGEM



CORTE JJ' | TORRE DE MENAGEM | PISO 0

PORTUS ALACER
ENTRE TORRES

UM CENTRO INTERPRETATIVO PARA O CASTELO DE PORTALEGRE



EXPOSITOR MODULAR

EXISTENTE
PROPOSTA

COTA 0.00 DE PROJETO = COTA TOPOGRÁFICA 489.34

BASEADO EM DESENHO ORIGINAL PRESENTE EM: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (ACESSADO EM: 18/02/2023)

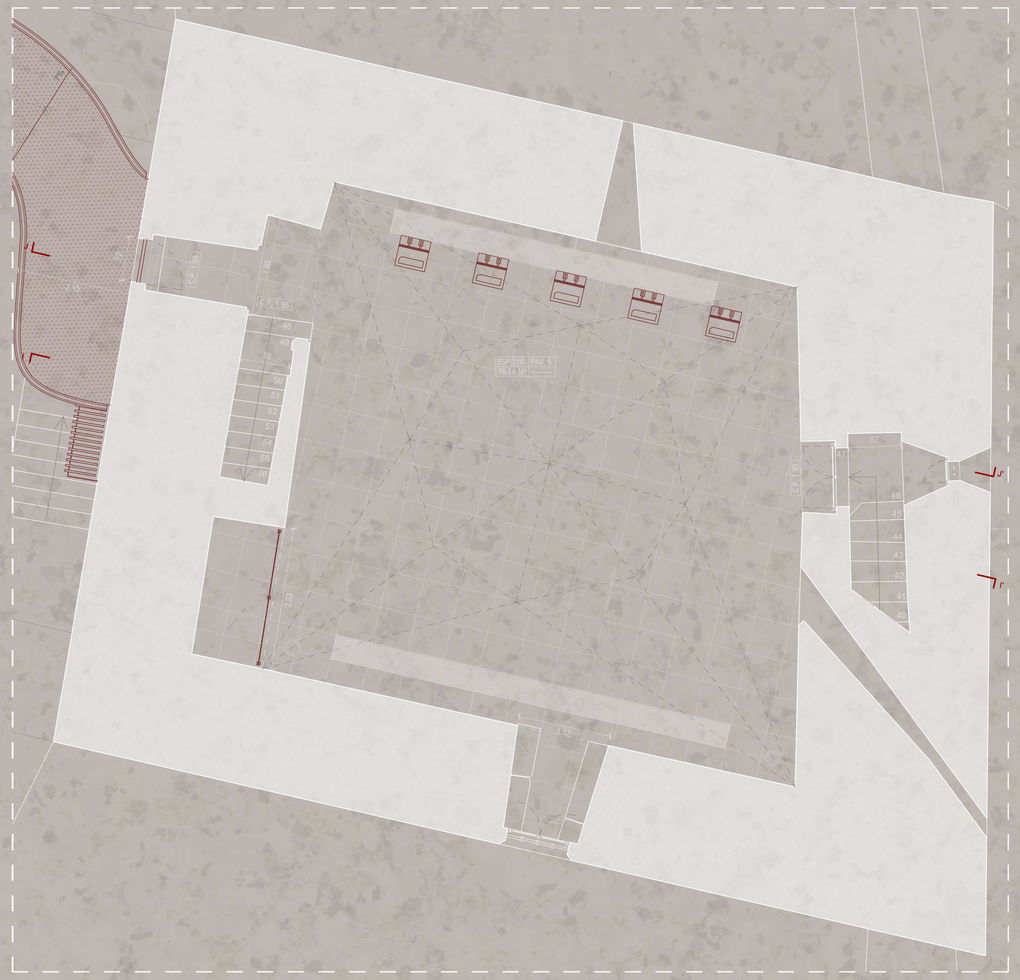
TIAGO FILIPE VEIGA CARRILHO
20181483

PROFESSORA BÁRBARA MASSAPINA VAZ
PROFESSOR JOÃO MASCARENHAS MATEUS

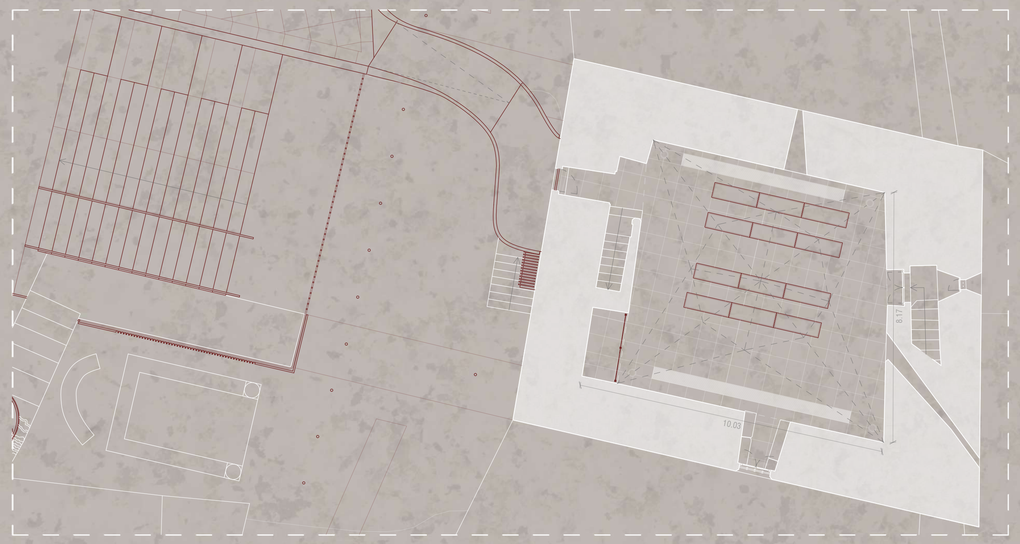
TORRE DE MENAGEM | PISO 0 | CORTE II' E JJ' | EXPOSITOR

1:50 | 1:20

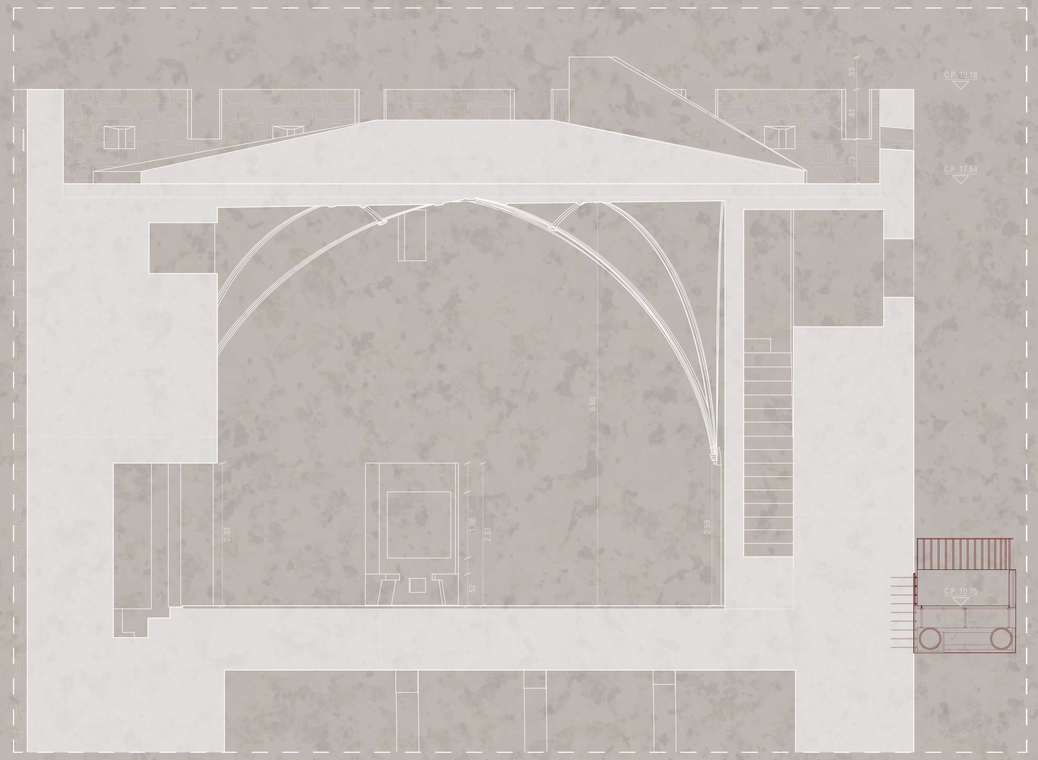
FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA
MIARQINT&REAB
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERVENÇÕES NO PATRIMÓNIO E REABILITAÇÃO ARQUITETÓNICA



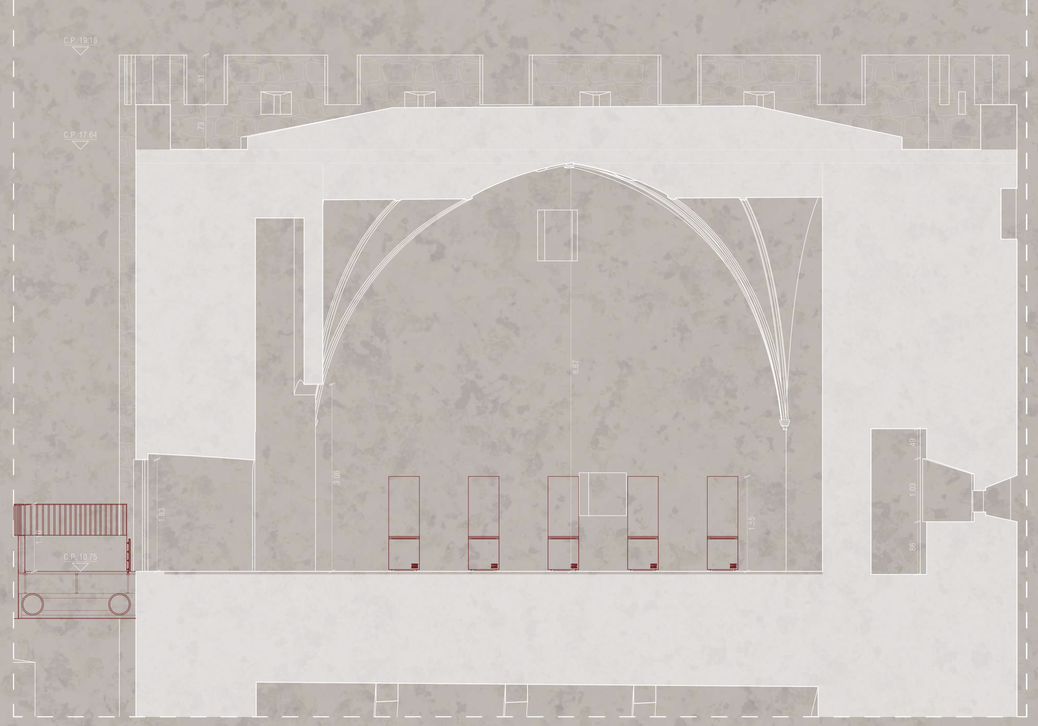
PISO 1 | TORRE DE MENAGEM



PISO 1 | COMPOSIÇÃO ALTERNATIVA | TORRE DE MENAGEM



CORTE II' | TORRE DE MENAGEM | PISO 1



CORTE JJ' | TORRE DE MENAGEM | PISO 1

PORTUS ALACER
ENTRE TORRES

UM CENTRO INTERPRETATIVO PARA O CASTELO DE PORTALEGRE

LEGENDA DE MATERIAL UTILIZADO

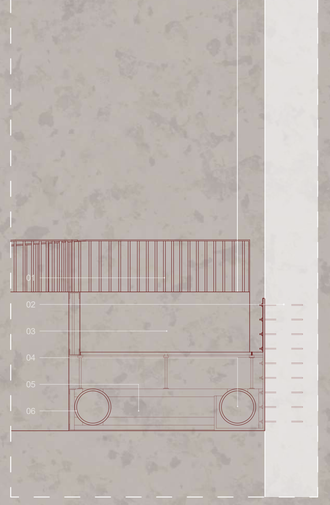
01 - GRADEAMENTO | ALUMÍNIO LACADO COM RELEVO CINZA | NCS S 7500-N;
02 - VARÃO ROSCADO | AÇO ZINCADO | PROFUNDIDADE DE PERFURAÇÃO 40 CM;
03 - GUARDA-CORPO | ALUMÍNIO QUINADO | LACADO COM RELEVO CINZA | NCS S 7500-N;
04 - SUPORTE PARA SUSPENSÃO DE VIGAS TUBULARES | EXEMPLO PRESENTE NA INTERVENÇÃO DO ARQ. CÂNDIDO CHUVA GOMES;
05 - VIGA DE RIGIDEZ | ALTURA - 200 MM | ESPESSURA - 40 MM | COMPRIMENTO VARIÁVEL | MÉTRICA DE 60 EM 60 CM;
06 - VIGA TUBULAR | SEÇÃO TUBULAR CIRCULAR | TC 355,6 MM (d) | 20 MM (t).

EXISTENTE
PROPOSTA

COTA 0.00 DE PROJETO = COTA TOPOGRÁFICA 489.34

BASEADO EM DESENHO ORIGINAL PRESENTE EM: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (ACESSADO EM: 18/02/2023)





PORMENOR DA PONTE ENTRE TERRAÇO E TM

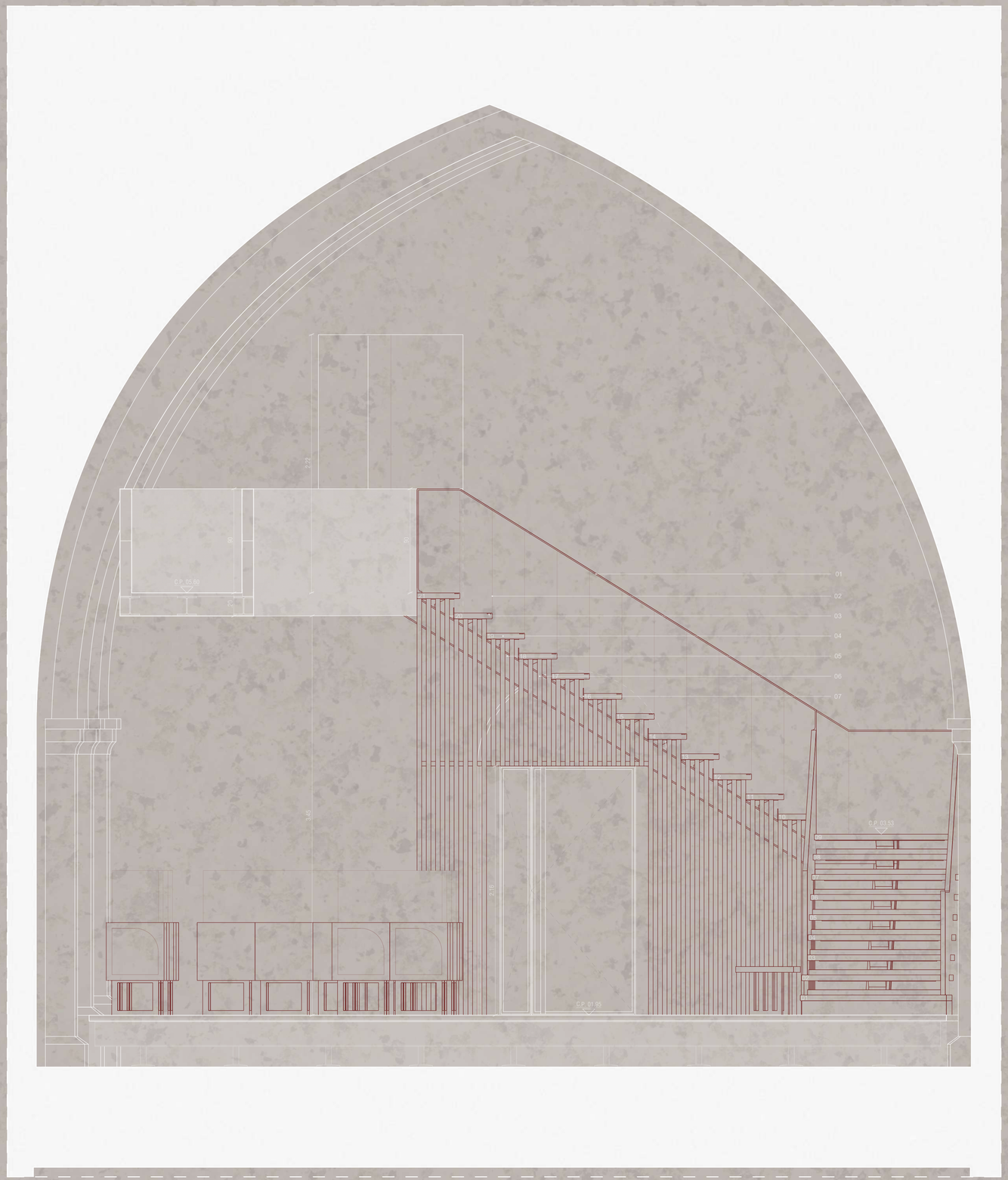
TIAGO FILIPE VEIGA CARRILHO
20181483

PROFESSORA BÁRBARA MASSAPINA VAZ
PROFESSOR JOÃO MASCARENHAS MATEUS

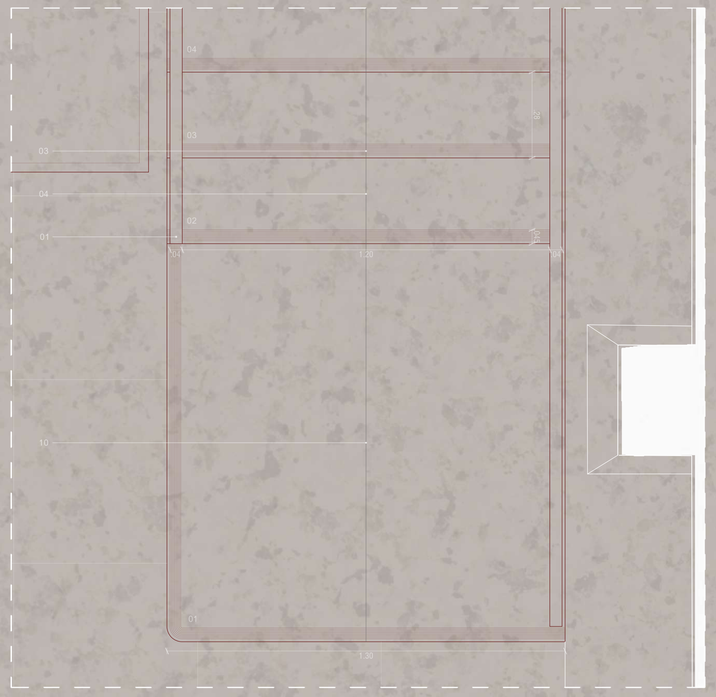
TORRE DE MENAGEM | PISO 1 | CORTE II' E JJ'

1:50

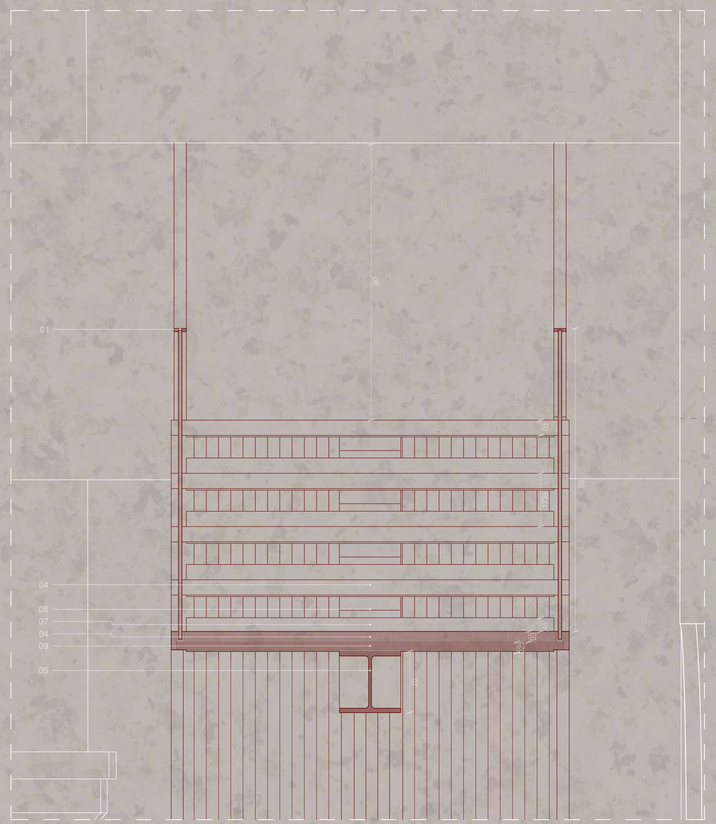
U LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MIARQINT&REAB
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO



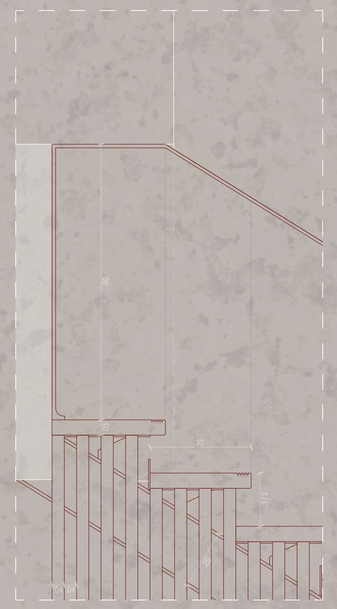
CORTE KK'



PATAMAR DE ARRANQUE DA ESCADA



CORTE II'



CORTE KK'

PORTUS ALACER
ENTRE TORRES

UM CENTRO INTERPRETATIVO PARA O CASTELO DE PORTALEGRE

LEGENDA DE MATERIAIS UTILIZADOS

01 - CORRIMÃO | ALUMÍNIO ESCOVADO
02 - GUARDA DE ESCADA | VIDRO TEMPERADO INCOLOR 11 MM
03 - TIRA ANTIDERRAPANTE | ALUMÍNIO ESCOVADO
04 - DEGRAU | MADEIRA DE CARVALHO | ACABAMENTO EM VERNIZ POLIURETANO.
05 - ELEMENTO ESTRUTURAL | PERFIL EM AÇO HEB 200
06 - RIPADO | ALUMÍNIO LACADO COM RELEVO CINZA | NCS S 7500-N
07 - ESPELHO - ALUMÍNIO ESCOVADO
08 - SUPORTE DE DEGRAU | AÇO
09 - PLATAFORMA DE SUPORTE | AÇO
10 - PATAMAR DE ARRANQUE | MADEIRA DE CARVALHO | ACABAMENTO EM VERNIZ POLIURETANO.

EXISTENTE
PROPOSTA

COTA 0.00 DE PROJETO = COTA TOPOGRÁFICA 489.34

BASEADO EM DESENHO ORIGINAL PRESENTE EM: https://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt/castelo-portalegre (ACESSADO EM: 18/02/2023)

TIAGO FILIPE VEIGA CARRILHO
20181483

PROFESSORA BÁRBARA MASSAPINA VAZ
PROFESSOR JOÃO MASCARENHAS MATEUS

PORMENOR CONSTRUTIVO

1:20 | 1:10

U LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MIARQINT&REAB
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA, COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERVENÇÕES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO